fon-fon

● A marca de confiança — a Cruz Bayer — symboliza, no campo da sciencia moderna, o prestigio, a reputação e a integridade da Casa Bayer.

● Em cada comprimido de CAFIASPIRINA está gravada a Cruz Bayer. É a maior garantia de que esse remedio se fabrica com absoluto esmero, usando-se ingredientes de mais fina e de mais pura qualidade e sob a mais rigorosa tecnica scientifica.

● E ahi está porque a Cafiaspirina

não tem rival

para combater qualquer dôr ou malestar, sem causar ao organismo perturbações de especie alguma.

● A Cafiaspirina é o remedio infallivel contra as dôres de cabeça, de dentes, de ouvidos, e ainda contra nevralgias, enxaquecas, resfriados, colicas femininas, reumatismo, etc.

Se não tiver a Cruz Bayer, não compre!

CAFIASPIRINA

o remedio de confiança

O CONTO BRASILEIRO

A alma que se extraviou

ERAM jovens e amavam-se com loucura Paulo e Virginia. Ella, loira, pensativa, assemelhava-se, na brancura eburnea de sua pelle de camélia, a um lyrio solitario namorando a correnteza cantante do rio da vida...

Quando o rapaz, que habitava no povoado vizinho ao seu, vinha vêl-a, aos domingos, após a faina campezina de toda uma semana, seu doce semblante como que se illuminava á aurora daquelle grande amôr e ella mesma se cria uma fada azul, vestida com as gazes imponderaveis da chiméra, creada num sopro augusto para beijar, com os labios da imaginação, o oiro fecundo dos trigaes em flôr...

Então, no instante crepuscular em que os cégos se franjam das meias-tintas symbolizadoras de estados interiores indefiniveis, a linda camponezinha corria a esperar o eleito e, sob a copa frondosa do arvoredo vetusto, ficavam, elle e ella, de mãos enleiadas, absortos, contemplando a magia estranha que a prata fluidica da lua espargia, como um polvilho de fantasia, por sobre a quietude do ambiente adormecido...

Seu pae, senhor de vastas propriedades, e criador de suinos, ao saber do romance amoroso entretecido em torno á filha, indignou-se com a colera peculiar aos homens simples e rudes, capazes das peores infamias na defesa do que consideram sagrado.

Um biltre, como aquelle, sem posição, despido como viéra ao mundo, e a querer-lhe conquistar a filha! Tenia de haver-se comsigo o patife, que, afinal, não passava tambem de um zelador de porcos! — pensava o velho, que não se conformava com a espoliação em perspectiva.

Tudo, porém, resultava infructifero quanto respeitasse á contrariedade do affecto pertinaz, que floria como um laranjal em vespera de nupcias com a primavera...

Uma idéa macabra assaltou-lhe o cerebro. Slim, o feiticeiro diabolico, que só descia da montanha para espalhar a desgraça e a morte, ajudal-o-ia a desfazer a trama maligna em que se enrodilhára a filha. Dar-lhe-ia, em pagamento, quatro ou cinco das melhores cabeças de suas propriedades e, por certo, se arranjariam as coisas.

— Slim — disséra-lhe o velho — afasta-me o demonio deste rapaz, para bem longe, *ainda que lhe mandes a alma para o inferno*, e dar-te-ei quanto me pedires.

O bruxo sorrira, desnudando as gengivas retalhadas e vazias, garantindo ao pedinte generoso que seu desejo seria satisfeito, tão depressa a lua nova chegasse.

* * *

Na povoação algo de estranho vinha occorrendo, precisamente com o moço apaixonado.

Tornára-se differente, de uma hora para outra, e, de alegre e loquaz, adquirira habitos singulares; sempre taciturno, rosnando e ameaçando com a dentadura forte, no trato dos animaes, os que lhe não agradavam. Olhava para a frente e para o alto, mas seus olhos já não possuiam a expressão de outróra, de inexcedivel ternura, porque algo parecia ter-se extincto daquellas duas janellas ensombradas...

— Com licença da virgem, quando come parece um porco! — fez um companheiro do desventurado ao vêl-o, sôfrego e febril, devorar um pratarrão.

Para muitos o rapaz havia enlouquecido de amôr, talvez mal correspondido pela moça, pois nem a procurava mais, aos domingos, e dahi as maneiras absurdas que lhe invadiram o cerebro.

U'a manhã, depois de julgado desapparecido durante trez dias, encontraram-n'o, num fôsso de lama, onde varios suinos se chafurdavam regaladamente, enterrado até o pescoço, no lamaçal nauseabundo, como si fôra um porco. Apenas estava hirto e gelado. Manchas violaceas como que annunciavam a decomposição proxima.

* * *

Quando, do outro lado, a noticia foi conhecida, a joven apaixonada tomou-se de esquisita apathia, mixto de inconsciencia e indifferentismo, mas não derramou uma só lagrima.

Para ella, seu querido não morrêra de todo, pois que alguma coisa lhe ciciava ao coração soffredor sua continuidade, no tempo e no espaço, talvez sob outra fórma e noutro envoltorio... Presciencia espiritual? Era a intuição que lhe tomára o cerebro, séde do instincto e polo convergente da universalidade dos phenomenos...

Ao dia seguinte, mysteriosamente, o specimen mais vistoso dos chiqueiros, um porco enorme, ruivo e rosnador, passou a rondar a janella do quarto da rapariga...

Deixára, com o correr do tempo, de emittir os desagradaveis sons gutturaes e, obstinado no proposito inexplicavel de permanecer sob a janella, destroçava quantos cercados se lhe oppunham.

Depressa correu a lenda de que o suino estava possuido da alma do infortunado amante e não deixaria, sinão pela morte, de seguir e vigiar a protagonista do romance frustrado.

Deliberaram, os maiores da localidade, depois de discutido o caso, fôsse o animal sacrificado, incontinenti, para que se désse liberdade á alma prisioneira aquelle arcabouço abjecto, tanto mais que já não havia duvida quanto á transmigração operada, pois que, subjectivamente, e de modo inconcebivel, o porco passára a habitar o homem e este o suino...

No instante supremo, antecedido por successos inverosimeis, dada a rebeldia com que a victima se defendia de seus algozes, debatendo-se nas mãos possantes do carrasco, o condemnado, quando não subsistia mais incerteza sobre o fim sangrento que lhe estava reservado, entrou a gemer, como um ser humano, dolorosamente.

Dir-se-ia um forçado que, de muito longe, das furnas de um calabouço tenebroso, lançasse, no estertor dos ultimos minutos de vida, o derradeiro appêllo de clemencia. A agonia daquelles gemidos parecia exprimir uma exhortação vehemente, que a todos estarrecia de pavôr, como si, traduzida, dissésse:

"Não me matem! Assassinos! Eu nada fiz que merecesse a morte!..."

O verdugo, um homemzarrão, energico e forte como um touro, alçou o braço pilloso, fazendo reluzir, no espaço, o aço afiado do facão assassino...

— Isto é um crime! — protestou em meio á multidão de curiosos um dos assistentes.

O padre acabára de fazer uma prece, pelo socego eterno da alma daquelle que, com a permissão das alturas, bem podia ter-se asylado nas entranhas de um bicho, e a faca desceu, impiedosa e certeira, até a garganta que se não cançára de implorar indulgencia...

GOMES NETTO

Conto de H. G. Wells

O ruido da chave na fechadura foi o primeiro signal de seu regresso.

— Ahi está de novo o meu mestre e senhor, — disse mme. Coombes. Sahiu ferez como um leão; suposto que volta manso como um cordeiro!

Cahiu qualquer coisa no corredor. A julgar pelo barulho, uma cadeira. Ouviram-se depois uns passos saltitantes, que iam e vinham pelo corredor. Abriu-se, emfim, a porta, e o sr. Coombes appareceu. Mas um sr. Coombes irreconhecivel, com o seu immaculado collarinho fóra, arrancado com desenvoltura; a linda cartola, tão bem cuidada, estava sob o seu braço, com a cópa cheia de cogumelos; o capote pelo avesso e o collete ornado de ramos de tojo! Isso porém, era nada, em comparação com a mudança operada na sua physionomia: estava livido, tinha os olhos esbugalhados e os seus labios arroxeados abriam-se num rictus de gargalhada sem vontade.

— Vamos nos divertir! — gritou, parando de dançar para abrir a porta. Vamos dançar!

Deu tres passos de dança e fez depois uma reverencia.

— Ah! o chá está á mesa? Coisa admiravel! O chá... principalmente com cogumelos!

— Está bebado! — murmurou Jennie.

O sr. Coombes offereceu a Clarence um punhado de cogumelos.

— São deliciosos! — explicou. Prove-os e verá que maravilha!

Estava bem humorado. Desde, porém, que viu a cara alarmada dos outros, passou, com a rapidez que caracteriza a loucura, a um furor indescriptivel. Parece que se havia lembrado da scena anterior á sua sahida.

— Vocês estão em minha casa e quem manda aqui sou eu! Comam o que lhes offereço!

Clarence mostrou logo que era um poltrão: não teve coragem de affrontar o furor demente que brilhava nos olhos de Coombes. O sr. Coombes atirou-se a elle, e Jennie aproveitou a occasião para fugir com a amiga. Clarence procurou livrar-se do ataque. A mesa de chá foi ao chão, emquanto que o senhor Coombes segurava o rapaz pela golla e procurava encher-lhe a bôcca de cogumelos.

Afinal, Clarence deu-se por feliz em poder fugir, deixando o collarinho ás mãos do inimigo, e enfiou pelo corredor, a cara vermelha de tão lambusada de cogumelos vermelhos.

— Segure-o! — gritou-lhe madame Coombes.

Estava ella a fechar a porta, mas nesse momento os outros a abandonaram. Jennie mettêra-se no vestibulo, ao passo que Clarence ganhava precipitadamente a cozinha.

O recem-convertido á alegria de viver achou-se, pois, senhor da situação. Barafustou pelo corredor. Clarence, que remexia a chave na fechadura, fugiu para a cópa, onde foi apanhado pelo perseguidor.

(Continúa na pag. seguinte)

O empregado (annunciando a esposa do advogado) — Patrão, aqui está uma senhora que vem consultál-o sobre um caso de divorcio...

Como havia alli facas e machadinhas sobre a mesa, Clarence tomou o alvitre de abrandal-o, afim de que o caso não degenerasse em tragedia. Coombes teve tempo de se divertir á vontade com Clarence: si se houvessem conhecido desde meninos, não poderiam os dois mostrar-se mais camaradas nem mais intimos. Coombes ... insistiu, mesmo, em que o outro provasse os cogumelos e, depois de uma breve luta amigavel, inbstrou-se muito divertido de haver sujado a cara do rapaz. Foi este, então, conduzido á pia, onde soffreu uma lavagem completa do rosto com a escova de lustrar o soalho — e afinal, com os cabellos em desordem, o rosto sujo de vermelho e negro, foi delicadamente ajudado a vestir o paletot e levado á porta dos fundos, pois que a da frente estava embarricada por Jennie.

Os pensamentos erradios do senhor Coombes orientaram-se, então, para essa senhorita. Jennie não conseguira abrir a porta da rua e, ouvindo Coombes metter a chave na fechadura, correu rapida os ferrolhos e ficou de posse daquella parte da casa para o resto do dia.

O sr. Coombes voltou, em seguida, á cozinha e, sempre em busca de prazer e apesar de abstemio, poz-se a beber — ou, mais exactamente, a derramar sobre a ... cinco garrafas de cerveja de uso de mme. Coombes. Fez uma divertida barulhada, quebrando o gargalo das garrafas com varios pratos da mesa que a mulher recebera como presente de casamento e, durante toda a primeira parte dessa insigne orgia, cantou varias canções indecentes. Cortou o dedo com o caco de uma garrafa — aliás todo o sangue derramado naquelle dia — e a isto, bem como ás graves perturbações causadas pela cerveja de mme. Coombes ao seu organismo deshabituado a taes libações, se deve talvez a attenuação dos funestos effeitos dos cogumelos vermelhos.

E' preferivel correr discretamente um véo sobre os incidentes passados no fim daquella tarde de domingo. Ellas tiveram o seu desfecho no porão da casa, junto ao monte de ..., sob a fórma de um somno profundo e salutar.

Tinham-se passado cinco annos. Era, outra vez, um domingo de outubro, á tarde, e outra vez o sr. Coombes passeava pelo bosque de pinheiros para além do canal. Era ainda o mesmo homem de olhos escuros e bigode negro que vimos no inicio desta narrativa, mas a sua gordura não era mais illusoria como outr'ora. Trazia um sobretudo novo com golla de velludo e um collarinho da moda, que não era, como o antigo, uma gargalheira. A sua cartola era luzidia, as luvas quasi novas. Quem o observasse bem notaria nas suas attitudes as caracteristica de um homem que fórma de si proprio uma boa opinião.

Ao seu lado, um homem queimado de sol, maior que elle e com elle parecido: era o seu irmão Tom, recem-chegado da Australia. Trocavam ambos impressões sobre as ... sustentadas no começo das suas carreiras, e Coombes referia-se á ... os ...

— E', com effeito, um bom ramo de commercio o seu, Jim, — disse-lhe Tom. — Deves te considerar feliz, não só pela tua prosperidade, mas tambem pela mulher ... que o destino te deu, sempre prompta a te auxiliar em caso de necessidade...

— Ah! aqui entre nós, — replicou Coombes, — nem sempre foi assim.

— Não?

— Não. Talvez não acredites, mas era de uma extravagancia unica e abusava. ... fosse eu a culpa: eu era muito affectuoso e complacente com ella. O facto é que transformára minha casa num verdadeiro carnaval e a toda a sua ... parentes e amigas suas, sem contar os amigos das suas amigas. Toda essa gente fazia escandalo, vinha á minha casa cantar cançonetas brejeiras aos domingos e afugentava os meus clientes. Com franqueza, Tom, eu não era mais o dono da minha casa.

— Quem diria, Jim!

— E, no emtanto, era verdade. Procurei chamal-a á razão. Inutil. Continuou surda ás minhas advertencias.

— E então?

— Que queres? As mulheres são assim. A minha julgava-me incapaz de me zangar. As mulheres do typo da minha só têm respeito ao marido no dia em que começam a temêl-o um pouquinho. Então, um dia, dei-lhe um panno de amostra do que sou capaz quando me fazem perder as estribeiras. Nesse dia, ella me trouxéra á casa uma das suas antigas collegas de atelier, uma tal Jennie, acompanhada do namorado.

Tivemos uma discussão e eu vim refugiar-me aqui. Era numa tarde igual a esta. Reflecti maduramente sobre a minha situação. Voltei depois á casa e explodi como uma bomba no meio delles.

— Que dizes?...

— O que te digo. Estava louco, podes crer: louco furioso. Não pensei em bater na minha mulher. Seria incapaz disso. Mas, para mostrar-lhe do que era capaz, tomei conta do tal sujeito. Era um grande patife, mas um poltrão. Maltratei-o bastante. Quebrei depois tudo o que encontrei á mão. Emfim, metti tanto medo á minha mulher, que ella acabou refugiando-se no quarto.

— E depois?

— Depois? Nada mais! No dia seguinte, pela manhã, disse-lhe apenas: "Sabes agora do que sou capaz quando me enfezo". E não tive necessidade de lh'o repetir.

— E, depois, foste feliz?

— Por certo. O melhor meio, como vês, é mostrar-lhes que somos os senhores. Sem o que se passou naquella tarde, eu seria agora um negociante arruinado e ella e toda a sua familia me recusariam de havel-a lançado á miseria. Eu os conheço!

Continuaram a caminhar lado a lado, com ar meditativo.

— As mulheres são creaturas estranhas! — declarou o irmão.

— E' preciso mantel-as de redea curta! — respondeu Coombes.

— Como ha cogumelos aqui! — exclamou Tom. — Diz-se que tudo no mundo tem a sua utilidade. Mas eu pergunto: para que poderiam servir os cogumelos?

— E' provavel que tambem elles tenham a sua razão de ser — respondeu Coombes.

Foi todo o agradecimento que ganharam os cogumelos vermelhos por terem feito delirar esse homenzinho timorato, a ponto de fazêl-o tomar uma resolução decisiva a que de outra fórma não se abalaria nunca e modificado assim a sua existencia inteira...

PARA VENCER AS

HEMORROIDAS

SÓ HA UM MEIO : USAR A

POMADA E OS SUPPOSITORIOS

MIDY

PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO

A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

A Machina da Felicidade

NUMA fôfa poltrona do meu escriptório de madereiro, Serafim Canforado expunha a grandiloquencia do seu invento maravilhoso, que mudaria as leis do mundo.

Homem de côres sanguineas, excessivamente gordo, pernas curtas, busto quadrado, careca rebrilhante. Sobretudo, argumentador que, para convencer, percorria o aposento, em grandes passadas, uma vibração inédita na cabeça e nos braços.

Amollecia-me somnolencia deliciosa. Um sol queimante punha reverberos metállicos na rua, nos postes e nos trilhos dos bondes, nas "limousines" novas que passavam, nas folhas das rachiticas arvores urbanas. Os olhos mal podiam soffrer a luz estridente do verão. A ouvir Serafim, inimigo do dialogo, durante uma hora, toda a resistencia fraquejaria.

Quando o meu amigo chegou ao fim de sua exposição, silenciou, esperando. Deveria eu ter as pálpebras cerradas, porque fui, pelo inventor, com violencia sacudido.

— Você não se interéssa pelo caso? — estranhou.

— Perfeitamente. E' brilhantissimo. Continúe.

— Já disse tudo — retrucou, — mas poderei repetir.

Derreado pelo torpor, só percebêra trechos soltos, phrases com reticencias: "Eu conseguirei em pouco tempo..." "Eu quero provar que a fama dos brasileiros de não serem..." "Eu tenho um amigo em Paris..." — "Eu quero fazer do meu invento uma... que interésse..." "Eu não esqueço que a collectividade está muito..." — "Eu garanto um lucro de dois mil contos..."

Evidentemente, no pequeno eu de Canforado cabia o universo com todo o seu soffrimento e aspiração. Affirmando com volúpia, á réplica insensivel, aquelle tiroteio, methódico e terrivel, de seus garantidores de victoria financeira a desabrochar numa fortuna, deixaria covarde, inerte, o adversario mais atrevido.

Serafim recomeçou, emquanto eu beliscava a carne, alertando o espirito, afim de comprehender. Muito simples. Elle me pedia o apoio de madereiro com créditos nos bancos e conceito geral, á sua emprêsa, cujo segredo, porém, prudentemente velava.

Não só a patente de privilegio, como a internacional a obter, na Suissa, eis o programma de Serafim. Então, garantido, proporia ao governo a venda de sua machina por um preço camarário, tudo por sentimento de patriotismo. Si se desinteressasse, porém, da offerta, Canforado não hesitaria. Outros rumos, embora doêsse o seu amôr á patria. Si me pudesse dizer a grandeza "daquillo" para o século e o destino dos homens — clamava o inventor — vêr-me-ia de pé, olhos fuzilantes, arrebatado de admiração. Cem contos lhe fornecesse e eu receberia, possivelmente, mil.

Fiz Canforado sentar junto a mim. Contei-lhe, em voz baixa, com vexame, os meus prejuizos de exportador de madeira. Que a peroba e a canela, dia a dia, se desvalorizavam. Sacando a seis mezes de prazo, quasi sempre os compradores me surprehendiam com proposta de concordata e offerta de 40% á vista, ou 60% em dois annos.

Serafim coçou a cabeça, em desanimo afflictivo. Senti em sua voz uma ponta de emoção. E envolveu-me: contava commigo, pessôa intelligente, para o amparar na extraordinaria idéa que lhe consumira um decennio de investigação e paciencia, e entender o alcance do que offerecia de consolador a uma civilização inquieta e fatigada. Invento, como o seu, deveria merecer o meu sacrificio de madereiro adeantado, incapaz de se confinar no curto horizonte da peroba e da canela.

Aquellas razões de idealista, appellando para a minha intelligencia, acabaram por me commover. Disse-lhe que cem contos, no momento, representavam para mim o impossivel. Contasse com trinta, e m'os devolveria, sem prazo ou juros, quando pudesse transferir a outrem, vantajosamente, a sua maravilha.

Tamanha generosidade perturbou Serafim. Era incomparavel, indescriptivel a minha abnegação — tremeu-lhe a voz. Violentou-me com tres abraços profundos. E despediu-se, pródigo em salamaleques contentes.

* * *

Um anno rolou sem que abalasse o mundo o invento prodigioso. A's vezes, desdobrando, quietamente, um jornal, á tarde, exhaurido de discussões sobre preços de madeira e fraudes nas fallencias numerosas, pensava no meu amigo e no segredo que não me quizéra revelar. Amargo, acceitei o pessimismo de que todos os idealistas não escapam ao martyrio de viver sob o desprezo amedrontado ou aggressivo de quasi todos, morrendo desconsolada e anonymamente.

Mas, numa bella manhã, gozei estonteante surpreza: a de encontrar, no escriptorio, com o seu vozeirão, alegria e exuberancia de gestos, perfumes carissimos, o Fortunato Bis, antigo companheiro de adolescencia, amizade santificada por vinte e cinco annos de assiduo bemquerer e favores reciprocos.

Depois de algum tempo de mutuas evocações, Fortunato explicou-me a sua presença matinal. Chegára, na véspera, de Paris, onde estivéra nos braços "da creatura mais extraordinaria do planeta". Vinha, assim, desabafar commigo, confidenciando todas as subtilezas na arte de attrahir de "quem o arrazára para sempre de paixão".

Por acaso, falou em Serafim, que encontrára perto do tumulo do soldado desconhecido. Talvez pelo que saborearia si os trinta contos emprestados repousassem em minha caderneta bancaria empobrecida, o certo é que saltei da cadeira, e, fervidamente, quasi tumultuosamente, pedi-lhe noticias largas de Canforado.

Durante muito tempo, Fortunato desdobrou o ultimo anno da vida do nosso amigo, semana a semana. Elle inventára a machina da felicidade, depois de vigilias, sacrificios tremendos, titulos protestados, soccorros de parentes capitalistas. (Minha cadeira rangeu a um nervoso estremecimento). Ao fazêl-a o inventor funccionar, durou-lhe o extase dois dias. Tinha cabellos brancos, rugas profundas, apesar dos seus trinta e seis annos de idade.

Sem demora, procurou ministros, offerecendo a machina, cujas peças inteiriças, de solidez admiravel, não exigiam qual-

OLIVEIRA E SILVA

quer lubrificante ou reparo.

Melancólicamente, cochilou nos salões de espera dos Ministérios, provocando indulgencia do contínuo encarregado de levar cartões. Sorriu a politicos, prometendo-lhes gorgêtas si acceitassem o papel de intermediarios. Mas os politicos intimamente lamentavam a sorte de um homem tão cheio de fervor na sympathia pelos seus semelhantes... Afinal, num desespero que lhe punha vermelhidões maiores ao rosto, jurou a si proprio nunca mais procurar um governo que resistia, mesmo a preço minimo, ao dever máximo de tornar feliz o seu povo.

Dirigiu-se a um grupo de banqueiros norte-americanos, através de velho amigo, consul em Washington. Por seu invento, que renderia milhares de contos, apenas pleiteava dois mil.

Soffrègamente esperou, varias semanas, o telegramma decisivo. O grupo de banqueiros reputava onerosissima a sua offerta. Reduziu-a a mil e quinhentos contos. Novas angústias na ansiedade, até que o feriu identica resposta. Baixou-a a mil. A mesma negativa. Abalando, com murros, a mêsa de trabalho, fez a ultima offerta, que o humilhava: setencentos. O grupo advertiu, secamente, que a felicidade dos outros não comportava preço tão alto...

S e r a f i m, impetuoso, transformou em francos a sua casa de morada, e, crepitando de esperança, ei-lo em Paris. Bem recommendado, frequentou grandes emprêsas, conheceu capitalistas. Mas a ninguem parecia útil a sua machina. Pessôas graves ouviam-no, sorrindo. Em algumas, amabilissimas, ao lhes dizer a nobreza moral do seu invento, percebia logo constrangida piedade no olhar.

Philosophando, os mais esclarecidos illustravam Serafim com algumas dóses de experiencia e profundeza: — Os homens não procuram ser felizes, e amaldiçôam aquelles que os desviam da desgraça... No dia em que se julgassem acima de qualquer dôr ou apprehensão, promoveriam, na mais absurda revólta, o suicidio em massa, que a ventura constante é soffrimento... Taes philosophias, porém, não o consolavam, nem o compensavam dos penosos sacrificios.

Escreveu a companhias de Londres, Vienna e Madrid. Communicou-se com influentes nas **Indias,**

(Cont. na pag. seguinte)

Egypto e Canadá. De toda a parte, em curtas linhas, o espanto, a ironia ou a chacota brutal. Tanto nas civilizações superfinas como em cubatas africanas, a que se dirigiu, o mesmo alheiamento polido ou feroz.

Num hotel modesto se installou, esperando, sonhando. Contava com a doçura do acaso, a caricia do imprevisto. As suas roupas adquiriam um brilho de miseria á luz do sol, e, na conta de pensionista, negrejavam algarismos terrificantes para a sua pobreza.

O acaso o surprehendeu, emfim, num jornalista, intimo de syndicato que, decerto, lhe offertaria, pelo invento, cinco milhões de francos. Tarde gloriosa para Serafim commovido, trêmulo, ante as felicitações e o enthusiasmo do novo amigo, que o comparava a todos os homens célebres, bemfeitores do mundo, com a descoberta estupenda.

O inventor começou a cantar, numa nervosidade de contente, abalando o quarto com a sua agitação. Ao sahir, perfilava-se, á porta do hotel, o gerente, que lhe falou, com frieza, na divida e na protecção das leis do paiz. Serafim humilhou-o com um olhar, centelhando victoria. De rua em rua, só, ás vezes com uma desmedida gesticulação, monologando alto, sorria, vagabundo e radioso. Era maior do que os outros que tocava no caminho, como si, imprevistamente, houvesse crescido. Mais de um transeunte se deteve deante "daquelle possesso!" E um burguez rosado, ventrudo, afastou, com prudencia, as duas filhas que acompanhava, fugindo a Serafim, enraivecido com a policia que permittia o contacto, nas ruas, de pessôas despreoccupadas com individuos dementes.

A MACHINA DA FELICIDADE — (conclusão)

Varias semanas, Canforado, jubiloso, parecia não caminhar. A esperança tornava-o leve, sensivel a todas as fraquezas, com uma ternura insopitavel pelas crianças e os velhos. Até o gerente do hotel, cada vez mais hostil com a conta insolvavel, tentou abraçar. A vida, que immensa delicia! Deixou de comprar os jornaes que falavam em crises e esbanjamentos do governo.

Afinal, Serafim percebeu a nenhuma influencia do amigo jornalista. Mudo, terrivel desespero jogou-o ao leito, esmagando-o rudemente. Inconsolavel, o inventor gania, enchendo o quarto de soluços.

Quando, livido, á noite, se ergueu para jantar, se lhe deparou a um canto, sorrindo aos seus cotovêlos serzidos e sapatos semi-rôtos, bem posta, com um esmalte irônico, a machina da felicidade, que o infortunára para sempre. Ficou immóvel, dramático. Ali, a sua obra prima, a que déra a existencia e os seus bens, destinada a fazer os homens semelhantes aos deuses. Inútil, sardonicamente inútil, a invenção. Para chorar voltou ao leito.

No dia seguinte, Serafim aturdia o hotel com o alarido de trabalho apressadissimo, em que desconjunctava a bella machina. Era a sua vingança. Recolhendo-lhe as peças, o gerente algoz se incumbiu de vendel-as a peso, que lhe sahira indesejavel o hóspede. E a um manicomio conduziram Serafim, bracejante, rasgando as roupas, a gritar que inventára a felicidade e desejava, agora, offerecel-a gratuitamente a todos os homens...

OLIVEIRA E SILVA

A MINHA MÃE

"Si lá no Céu não se esquece
A dôr que o mundo contém,
Então, por certo, acontece
O Céu ser triste tambem."

Passada a febre, á mente em desatino
A calma veiu e adormeci sonhando:
E, ó minha mãe!, no sonho, como quando
Nos meus tempos felizes de menino,

Vi-te chegar temendo o meu destino,
A cabeça em teu seio me apertando.
E, ao vêr-te, mãe afflicta e soluçando,
Meu coração pulsava pequenino.

Depois, teu vulto branco, que ascendia
Ao céu, de novo, e o magoado brilho
Dos teus olhos em lagrimas eu via...

Perdôa, mãe, esta saudade infinda,
Perdôa, que por mim, teu pobre filho,
Até no proprio céu soffras ainda.

CARLOS BRANDON..

FALTA DE CIUME

THERESA VAUTRAIT, a mulher de Lourenço Vautrait, o fabricante de apparelhos de precisão, que tem cincoenta e cinco annos, fôra bonita e ainda era bastante agradavel, pois conservára muita frescura, um physionomia expressiva, olhos maliciosos e, afinal de contas, muito espirito. Ella me disse, então:

— Ah! isto que lhe digo já tem muito tempo, pois eu ainda era solteira e acabava de ficar noiva de meu marido.

— Dando sempre o exemplo de um casal feliz.

— Sim. Lourenço e eu, cada um fez um esforço: pois elle era autoritario e eu muitas vezes exigente. Mas, afinal, meu casamento póde-se contar entre os felizes; devo-o, no que me diz respeito, a meu tio Martial Duranee, um velho philosopho, de cuja perda nunca me consolei. Tinha muita experiencia e grande sabedoria. Conhecia-me bem, sabia que tinha um genio franco, espontaneo e decidia a não me deixar enganar. Sabia, tambem, que gostava immenso do meu noivo e me deu alguns conselhos, que me foram de grande utilidade.

"Não creio muito nos conselhos a respeito do amôr e do casamento em particular. Nossas acções são dirigidas pelo nosso temperamento pessoal. Receio que apesar de nossos esforços, este temperamento nos arraste aonde elle quer.

"Nós nos dominamos facilmnte. Repito-lhe que, graças ás palavras tão sensatas de meu tio, conduzi, habilmente, minha barca conjugal".

— Diga-me quaes foram suas receitas.

— Não houve receitas; apenas exemplos. Meu tio, que era velho, sabia observar, tinha suas maximas, exemplos mesmos, em sua longa vida. Eis o que me contou:

"— Minha querida Theresa, vaes te casar, e, coisa bastante perigosa, gostas do homem com quem te casas. Digo perigosa, porque considero um perigo incluir o amôr, que é absoluto, no casamento, que está sujeito a mil conjecturas relativas. Todavia, amas Vautrait e elle te ama; pódes, apesar disso, sahir vencedora.

Disse a meu tio que a conversa estava seria demais, e pedi que deixasse seus paradoxos, por mais espirituosos que fossem. Elle continuou:

"— Fiquei um velho tão feio e rabujento, que ninguem póde me accusar de pretencioso, si disser que fui muito amado. Sabes, Theresa, que fui casado duas vezes. Irene, minha primeira esposa, gostava muito de mim. Magdalena, a segunda, igualmente. Eram, uma e outra, como tu, ciumentas e queriam que minha afeição não diminuisse. Sentia por Irene grande ternura. Era uma creatura direita, e tinha a qualidade encantadora e rara de não acreditar no mal. Quando lhe contavam qualquer vilania, seu primeiro impeto era negar, procurando desculpar. No que me dizia respeito, nunca duvidou do meu amôr e de minha affeição por ella, numa confiança absoluta, e o dizia mesmo demais. O mundo é sceptico. Ridicularizavam um pouco Irene de sua certeza, mas ella me proclamava o melhor dos maridos do mundo. Melhor ainda, dizia a mim mesmo.

— Pedi um barril de vinho, e mandaram-me um barril de alcool.

— Desculpe, senhor. Com toda a certeza o patrão se esqueceu de botar o colorante...

De Pierre Valdagne

"Quando lhe citavam um marido que era infeliz, Irene lamentava sinceramente a mulher enganada: "Como deve ser infeliz — dizia ella. — O céo me cumulou! Tenho um marido, que é um homem serio, que despreza essas farras! E' um espirito superior, uma luz entre os sabios! Não seria capaz de se rebaixar em aventuras vulgares. Ah! como te agradeço, Marteal, de seres o que és para mim! Encontrei o companheiro seguro, o guia impeccavel, sobre o qual posso me apoiar. Gostas de mim, não é, Marteal? Eis a verdade que illumina minha vida!"

"E meu tio accrescentava:

" — Pois bem, Theresa: á força de m'o dizer, essa pobre Irene acabou por me convencer que a amava ainda mais. Sim, eu era um homem sério! Não me parecia com esses maridos que não pensam senão em tolices! Irene collocou-me no meu logar! Ficava convencido, julgava-me um homem verdadeiramente superior.

"O tempo passou, tive o desgosto de perder Irene. Quatro annos depois, detestando minha solidão, casei-me com Magdalena, que conheceste. Magdalena era uma mulher encantadora, mas de um genio desconfiado. Atormentava-se por qualquer coisa. Olhava o futuro com côres negras. Si me resfriava, diagnosticava logo uma congestão e chamava o medico. Si nossos titulos desciam um pouco, pensava immediatamente que estavamos arruinados. Quanto á minha affeição, obstinava-se em pensar que estava sempre ameaçada.

" — Ah! — dizia ella. — Ainda gostas de mim?

" — Que? Não gosto de ti? Por que pensas isso?

" — Por tudo e por nada! Não me falas no mesmo tom. Estás tão brusco... Que fiz para merecer isso?

"Respondia-lhe:

Que idéa! Não penses assim, pois te quero muito. Estás louca, Mada?

— Não, não estou louca; sinto que estás mais afastado, por mil cousas! Sei que o amôr não é eterno! Talvez seja natural... Não és o mesmo.

"E meu tio deixava transparecer entre suas palpebras um olhar malicioso. E continuou:

"De modo que, á força de ouvir dizer por minha mulher que não gostava tanto della acabei por achar que era possivel!

"Meu Deus! — concluiu mme. Vautrait. — Como meu tio era engraçado!

— Mas — disse eu — esses exemplos que seu tio tirou da sua vida, em que foram salutares em seu casamento?

— Vou lhe dizer. Nunca fiz crer a meu marido que o amava com loucura e nunca acreditei que elle me amasse tambem. Arranjei-me para que fosse elle e não eu que perguntasse de vez em quando:

" — Então, minha querida Theresa, não estás muito enjoada de mim?

"Puz-lhe varias vezes a pulga atraz da orelha e o meio foi excellente."

Minha amiga calou-se um instante, reflectiu alguns momentos, e accrescentou:

— Em meu casamento, nunca houve lugar para um ciumento... O essencial é não o ser!

Ella. — Todos esses «garçons» me parecem estrangeiros.
Elle. — E o que nos ha de servir, si não me engano, ainda não embarcou para cá...

Paulistana, morena feitiçeira!

QUE noite fria está fazendo, paulistana, morena feiticeira do Jardim America. Sabes que estás linda com esse costume negro? Por que usas só a côr negra em tuas *toilettes?* Talvez tenhas tido algum romance... A vida por si já é um romance... Romance vivo, cujos personagens fazem da vida um pouco de mentira...

* * *

Paulistana, morena feiticeira do Jardim America, és tu a flôr maldosa que exhala o perfume da volupia e da tentação!

Sim.

Tú és a flôr do Mal!

Tuas petalas são pedaços de carne que dão sensações extravagantes!

Teu perfume é veneno!

* * *

Como estavas formosa e encantadora naquella tarde crepuscular em que nos encontrámos no Jardim America! Junto de uma grande e macia arvore que derramava uma sombra tentadora.

A cidade tinha gente demais, uma barafunda sem cessar, uma mistura de gente que preoccupava. Todas as mulheres vieram para a rua. Tú foste para o Jardim America sentir o aroma fresco e seductor dos arvoredos. A cidade parecia remoçada com o sôpro quasi que vermelho da revolução...

As mulheres vieram á rua trazer um pouco de alegria, belleza e seducção nessa phase de melancolia que os canhões constitucionalistas trouxeram... Canhões malvados!...

Tú eras a mulher mais encantadora que eu já havia visto nessa minha curta passagem pela terra da garôa.... Mas, depois que meus olhos profanos de belleza tiveram a luz maravilhosa daquella paulistana, morena feiticeira do Jardim America, todo o meu "eu" se transformou... Adheri como muitos adheriram á revolução...

* * *

E, no circulo da Grande Feira, tú, paulistana, viéste aos meus olhos como quasi um milagre...

Paulistana que vaes jogar tennis no Paulistano, que vaes nadar na Athletica e dançar no Club Commercial toda vestida de branco e depois, vermelha pela magia da pequena caixa do "batton", vaes até a Avenida Paulista envenenar a alma da rapaziada embasbacada com a tua nervosidade, nervosidade de garça!...

* * *

Tú, paulistana, morena, feiticeira, serás sempre o sol radioso e soberano da terra de Piratininga, dessa terra onde a energia do Paes Leme fôra desentranhar o ouro para illuminar todas as raças. Dessa terra que, um dia cheio de sol, transbordante de enthusiasmo sahio, se ouviu o grito de "Independencia ou Morte". Desa terra que, num dia luminoso e em que a mocidade, vibrante de temperamento, entregou seu corpo para as trincheiras num assomo de levantar a apathia da Patria.

Tú, paulistana, menina que tem a alma plena de seducções, és o quadro que sacode sensações á serenidade do homem.

Tú despertas o animo frio e cansado do pobre sonhador, do visionario da tua belleza, dessa belleza que está escondida em teu corpo moreno...

* * *

Vem para a realidade da vida, paulistana venenosa!

Vem para a vida, porque, sendo a vida uma eterna mentira, devemos gozál-a gostosamente, até que a morte chegue com o seu sequito maldito.

Paulistana, morena, feiticeira, lembra-te de que a unica verdade, a unica verdade é o amôr!

* * *

Amar! Amar! Esta a unica verdade. A verdade azul como o azul do nosso céu.

Amar é a unica lei verdadeira que o mundo respeita.

Vem para o mundo verdadeiro!

Vem para o Amôr!

Quero sentir em meus braços o teu corpo nervoso, convulso e infinitamente bello!...

MARTINS DA FONSECA

O João tem um carro, ha cinco annos, e ainda não gastou um nickel em concertos.

— E tu acreditas nisso?

— Si acredito? Pois si sou eu que faço os concertos...

Saibam todos...

EGO (Capital) — E' muito interessante a sua missiva hábil. E' bem de vêr que o sr. sabe sustentar principios, mas, certamente, baseado em um juizo erroneo.

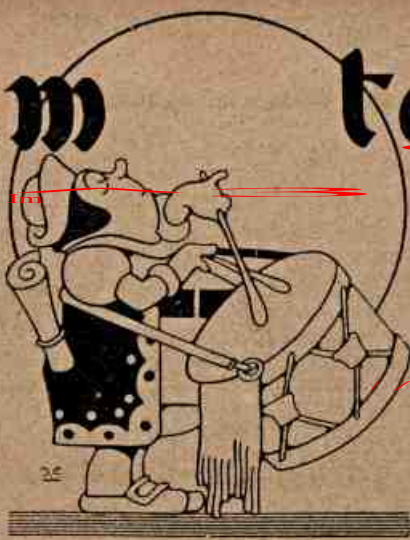
Antes, porém, de qualquer commentario, vamos ao que o sr. me escreve:

"Sr. Yves. Antes de tudo, peço-lhe que desculpe essa lembrança que tive de importunal-o, pois vou-lhe tomar alguns minutos de atenção para lhe fazer uma pergunta. Evitando tornar-me mais "cacete", resumirei bastante esta missiva. Eis, então, a pergunta: Por que o sr. não dá uma lição de métrica aos "poetas" (eu sou um deles) que lhe mandam "magnificos" versos que são verdadeiros assassinos da arte poética?

Em toda cronica que o sr. tão habilmente escreve, encontro uma severa censura destinada a algum compositor de pés-quebrados, mas por que o sr. não conclue a censura, ensinando ao "poeta" o meio de não mais vir a merece-la? O sr. é muito habil no manejo da ironia, sabe vêr muito bem quando o poeta age de côrdo com o bom-gosto na composição dos "eternos" sonetos, mas a sua critica seria mais bondosa e mais completa se não dispensasse os proveitosos conselhos que o sr., certamente, pode dar.

Procedendo assim, ensinando aos "novos" poetas, fará um grande bem ás musas inspiradas mas ignorantes, pois tornará a arte poética mais facil e melhor compreendida. Reconheço que a critica rispida é indispensavel, mas os conselhos tambem o são, pois nem todos os "literatos" que mandam trabalhos para o "Saibam Todos", são completamente neófitos. Assim, esses que têm algum geito, poderão melhorar com a sua ajuda, com os seus ensinamentos. Por que, então, o sr. não fará o que pouco lhe custa?

Eu chego a crer que alguns principiantes vegetam com as producções erradas, apenasmente, porque ainda não encontraram um mestre de bom-senso, um mestre que soubesse ajudar aos aproveitaveis e desiludir os imprestaveis. E o sr. por que não ha de ser esse mestre concienciosо.

Eu, por exemplo, conheço um rapaz que sentiu um imenso desgosto quando, depois de aprender a métrica, reparou que os seus primeiros versos eram os melhores quanto á espontaneidade e sentimento, mas nada valiam, nada tinham de certo segundo as regras da poesia. A emenda ainda seria peiór que o soneto. Assim, viu inutilisada a sua mais inspirada producção: os versos singelos e espontaneos esboçados na adolescencia.

Essa mesma desgraça não teria acontecido a Victor Hugo se esse maior poeta de França houvesse pulsado até os vinte e dois anos ignorantemente, a sua lira? Sim. o mesmo teria acontecido a esse vate e ficaria, então, perdida a sua mais bela poesia, as composições que fez na flor da juventude!

Ora, caro Yves, não deixe, pois, se perder tanto talento! Se algum "poeta" lhe mandar versos espontaneos e inspirados, não o desiluda só porque esses versos são pés-quebrados! Não, não faça isso! Avise a tempo esse rapaz, ensine a elle como não se faz esses atentados á poesia, aproveitando assim um tendente á literatura.

Reparando que já o aborreci bastante, ponho, aqui, ponto final.

Ou o sr. me atenda ou deixe de me atender, subscrevo-me imensamente grato pela paciencia que o sr. teve de aturar esta.

Agora... cesta, mas, antes de chegar lá, bye bye! — *Ego* Rio, 13-10-933."

Resposta:

1.º — Até certo ponto é muito nobre, sympathica e humana, a these que defende, em favor dos poetas neófitos. Mas, não esqueça que fazer literatura não é objecto de primeira necessidade. Escreve quem sabe escrever e quem tem necessidade de viver da sua penna, como nós outros. De modo que os *dilettanti* — que escrevem para o seu prazer mental — não têm necessidade de se expôr ao ridiculo, por tão pouco.

2.º — O *novo*, que deseja ingressar na literatura, só deve recorrer a certas revistas, quando se sentir apto para isso. Ou então, si faz disso um ponto de honra, que tome um professor. Esperar que esse professor esteja á sua dispoição, nos jornaes e *magazines*, é querer irritar a paciencia alheia.

Todos os bons prazeres se pagam. Todos os estudos são obtidos á custa de dinheiro. E por que só os professores de literatura devem trabalhar para o bispo?

3.º — Nos jornaes o que ha são criticos literarios, e não professores, mestres-escolas de bellas letras. De resto, si eu me fôr dar ao trabalho de concertar os aleijões literarios que me chegam ás mãos, não farei mais nada nesta vida. Porque elles me chegam ás centenas. E em trôco de quê hei de ficar aqui, a palmatoria em punho, a ensinar os poetastros a contar syllabas nos dedos?

Sabe o sr. si ao menos elles me agradecem esse favor? Ha doze annos escrevo esta secção. Por aqui tem passado uma legião de poetas, poetisas, escriptores e escriptoras. Muitos delles já conseguiram fazer certo nome, e mesmo publicar alguns livros. Sabe quantos me reconhecem como seu ex-professor? Todos me negam, como Pedro negou a Christo, quando o gallo cantou...

4.º — Agora, para não dizer que sou egoista de mais, aqui vae uma lição sobre o *soneto*.

Este é uma forma poetica de origem italiana. E' um poemeto composto de dois quartetos (estrophes de quatro versos) de duas rimas e de dois tercetos (tres versos) de tres rimas.

O assumpto a ser tratado no soneto deve ser sempre de grande elevação. O verso final, — a *chave* — deve ser empolgante, de modo a valer, por si só, por toda a magnitude do soneto. E' preferivel fazel-o *decasyllabo*. (Dez syllabas

(*Continúa na pag. seguinte*)

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136
FON-FON — 28-10-933

Data da consulta...........
Nome do consulente..........
....

metricas). Estas devem ser contadas, mais ou menos, como as grammaticaes. Com a differença que a contagem syllabica vae somente até a ultima *tonica* (a mais alta tonalidade de uma syllaba) e que tambem se chama — *cesura*.

Exemplo:

Vinte e seis annos, trinta amores:
[trinta
vezes a alma de sonhos fatigada...
(Humberto de Campos)

(Vin) 1, (tee) 2, (seis) 3, (a) 4, (nos) 5, (trin) 6, (taa) 7, (mo) 8
[(res) 9, (trin) 10.
(Ve) 1, (zes) 2, (aal) 3, (ma) 4, [(de) 5, (son) 6, (nhos) 7, (fa) 8,
[(ti) 9, (ga) 10.

Como se vê, as syllabas tonicas finaes desses dois versos são: *trin* e *ga*. As syllabas *ta* e *da* são mudas para o poeta. Isso nas palavras *paroxytonas*. Nas *oxitonas*, como *cipó*, *maracá*, *cascavel*, é claro que se contam até a ultima, que é a tonica final. Nas *exdruxulas*, ou *proparoxitonas*, se contam até a penultima.

Barbaro, tem, para o poeta, a sua syllaba tonica, em *bar*.

Na contagem do verso as vogaes se absorvem e se fundem para formar um som apenas.

Seca-as depressa uma palavra bôa
(Anna Amelia)

(Se-) 1, (caas) 2, (de) 3, (pres) 4, [(sau) 5, (ma) 6, (pa) 7, (la) 8,
[(vra) 9, (bô) 10.

O resto agora só no sabbado vindouro. Até logo, poeta.

GILDO (Bahia) — Antes de tudo, dou aqui a sua carta, porque

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

* * *

o assumpto de que trata tem perfeita relação com esta pagina.

Leiamol-a:

"Caro Yves. Felicidades. Embora me não fosse satisfeita a sua promessa, quanto a publicação do meu conto Destino, embora não obtivesse resposta do telegramma que lhe enviei e nem a da carta que lhe escrevi, embora não merecesse de Você qualquer attenção, que eu tenho direito, mesmo assim, hoje lhe envio outro conto — 15 annos depois... — afim de que o amigo corrija-o, julgue-o e, se não prestar, não tenha cerimonia de envial-o á cêsta!...

Entretanto, com este, espero que Você seja sincero e (se fôr possivel) não prometta a publicação, para somente cumpril-a, 15 annos depois...

Abraços. — *Gildo*."

O seu caso é o de muitos outros.

Não direi que o sr. seja desamavel. Seria cahir no mesmo erro que o sr. Asseguro, porém, que é injusto.

E vejamos agora as que me assistem. Ha uma série de motivos para que eu prometta a publicação de um trabalho, e esse trabalho deixa de ser dado á publicidade:

1º — porque, ás vezes, eu o não leio. Entrego-o ao secretario e, dias depois, elle me informa que a referida collaboração está fóra do programma do *Fon-Fon*;... ..

2º — pode extraviar-se na redacção ou nas officinaes;

3º — pode ficar entre os meus papeis e — como é natural — seguir u mrumo differente. (E' preciso ter em conta que recebo centenas de correspondencias, mensalmente, versando sobre o mesmo assumpto. Dahi a possivel confusão).

4º — Acontece frequentemente que um leitor me screve, mas em vez de observar o que se recommenda no *coupon* abaixo, envia a sua carta com o simples endereço da redacção. Extravio na certa.

5º — outras vezes, a assignatura do trabalho é illegivel. Vae para cesta, tambem. Não estamos aqui para decifrar hieroglíphos. (Ha pessôas que se comprazem em fazer letra enfeitada de rabiscos e *floritures*, como diz o francez, em graphologia. Resultado: — ninguem irá quebrar a cabeça para adivinhal-as).

Como vê, são muitas as razões para que eu prometta uma coisa e não a faça — apesar do meu caracter ser de bronze e a minha palavra de granito. (Sim, sejamos francos e nada de modestias). O sr. é injusto e contraproducente. Em que se estriba para affirmar que não sou sincero? Por que motivo hei de receiar ser franco com o senhor e dizer-lhe abertamente: "O seu trabalho não pode ser publicado?" Si o sr. fosse uma joven bonita e gentil, e me promettesse uma qualquer homenagem, eu poderia, insinceramente — tanto quanto ella — contemporisar: "Senhorita, o seu conto será publicado...." — e isso mesmo no caso do trabalho não ser digno de publicação. Porque, o meu papel, como encarregado desta pagina, é simplesmente *fiscalisar* o que é digno ou não de apparecer em nossas paginas. E só!

E tanto isso é verdade, que, muitos leitores, julgando ao contrario, remettem a sua collaboração á redacção, directamente, e ella vem ter á minha mesa... Porque, aqui, — cada um de nós respeita as attribuições alheias. E si alguem lhe disse que não é assim, ignora a organização interna do *Fon-Fon*.

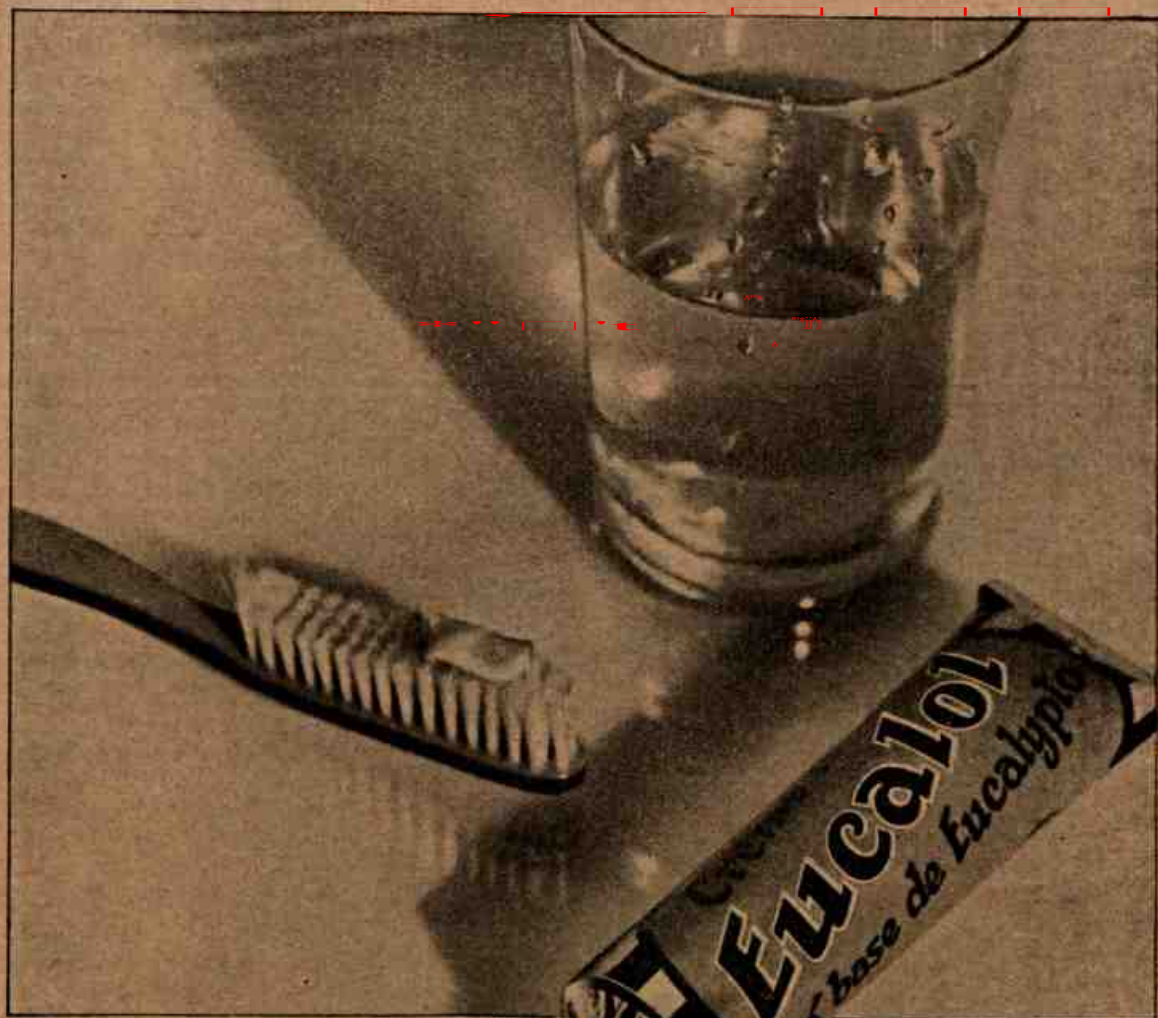
E agora, devo dizer que entreguei o seu conto ao secretario. Não tive tempo de lel-o. Elle, o chefe da redacção, saberá fazer-lhe a justiça que o sr. arbitraria e injustificavelmente me nega.

MENINA DO MATTO (João Pessôa) — Não. O que v. ex. chama *pagar entrada* é, apenas, um modo gentil de se demonstrar ás pessoas que não se é inteiramente egoista. E' claro que si vamos pedir um obsequio a alguem, devemos ter a delicadeza de nos interessar por esse alguem — embora haja nisso uma simples formalidade, ou mesmo hypocrisia.

Os egoistas, em geral, só se lembram de si. Acham que tudo devem merecer — esquecendo a parte que deve tocar ao proximo.

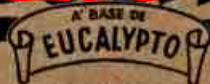
Creio que é por isso que encontro certa facilidade em conseguir o que quero. Eu nunca peço um obsequio sem ter a feliz idéa de promettter retribuil-o e, muitas vezes, de antecipar essa retribuição.

Por que? Porque tenho a certeza absoluta de não ser nada egoista. E a prova é o que faço em favor de centenas de leitores sem, que, muitas vezes, receba um "muito obrigado"...

(Continúa na pag. seguinte)

PODEROSO antiseptico e microbicida, o Creme Dental EUCALOL neutraliza a acidez da saliva e impede a formação do tartaro. Tonifica as gengivas, tornando-as resistentes e coloridas.

TUBO GRANDE
2$500 NO RIO

Eucalol
A' BASE DE
EUCALYPTO

STANDARD

Logo, não se explica o humorismo que v. ex. tenta fazer, no inicio de sua missiva.

Resumamos, em *itens*, as respostas que devo a v. ex:

A — Agradeço-lhe a delicada lembrança que teve de enviar-me postaes com aspecto da inexpugnavel cidade de João Pessôa. A capital é linda. Dá a idéa de modernismo e conforto. Parabens a v. ex. e aos parahybanos do Norte.

B — Sou inflexivelmente antifeminista. Pelo menos, sou contra o nosso feminismo caricato, injustificavel e insincero.

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

A mulher brasileira não necessita de feminismo, para viver no culto e no altar da veneração dos seus patricios. As filhas do Brasil são tão dignas, tão virtuosas, tão castas na essencia e na pureza da sua educação, dos seus sentimentos, altruistas na nobre elevação dos seus principios, na defeza e na segurança do lar, que não sentem necessidade de se extremar nas façanhas de um feminismo ridiculo para se engrandecer aos nossos olhos.

Voto contra elle.

E sempre que puder porei a minha fragil penna a defender a mulher que nasceu e se fez para o sacrario do lar.

Viva a brasileira pura — que só deseja ser o nosso anjo tutelar!

C — Externando-me desse modo, não quero dizer que a mulher não deva ter liberdade politica, social, moral e intellectual, para agir como entenda, sem peias nem falsos preconceitos. O que não posso admittir é o meio termo, é a capciosidade, é a manha, o embuste, a hypocrisia e a "theoria de S. Thomaz", — com que, em geral, certas feministas ágem e pretendem agir, á sombra dos bastidores.

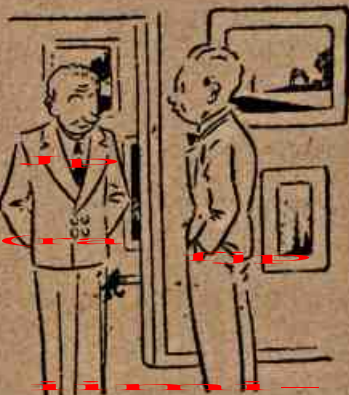
Ou será que só conheço feministas que têm uma idéa errônea do que seja feminismo?

Já leu Beatriz Forbes, Mary Ware Dennett, C. Elisabeth Goldsmith? Conhece as obras feministas de Margarita Sanger? "A força civilizadora do contrôle da natalidade é um dos seus estudos mais notaveis". Já bebeu as idéas de Carlota Perkins Gilman, em — "O sexo e o progresso da especie?"

Quando as nossas feministas praticarem as doutrinas e theorias pregadas por essas pensadoras illustres, eu direi que ellas não sã apenas simples tagarelas, sem objectivo...

D — Queira remetter-me o seu conto *Menina do Matto* e si elle estiver dentro do nosso programma, eu o publicarei em homenagem ao seu formoso talento.

E — Brevemente lhe enviarei a photographia que me pede. Gostou?

Yves

— Viste o ultimo quadro do Fernandez? E' uma coisa suprehendente!

— Que encontraste nelle de surprehendente?

— Uma etiqueta que diz: "Vendido".

POR QUE FORD EMPREGA CARROSSERIAS DE AÇO

MUITO frequentemente se discute a razão pela qual Ford, embora em desacôrdo com outros grandes fabricantes, emprega em todos os seus automoveis carrosserias de aço. Ha 15 annos que o poderoso industrial de Detroit emprega esse typo de carrosseria e a sua insistencia nesse systema de construcção de carrosserias não deixa de ter alguma significação para o publico, sabendo-se que desde essa data milhões e milhões de carros Ford têm sido vendidos para todo o mundo. Affirmam os engenheiros da Companhia que 15 annos de experiencia demonstraram á saciedade que as carrosserias de aço eram mais seguras, mais fortes mais duradouras e de facil e prompto reparo em caso de accidente. Os primeiros modelos em que foram applicadas as carrosserias de aço foram os carros abertos. Com o successo alcançado, adoptou-se o mesmo systema para os carros fechados. Duas grandes razões dictavam essa resolução: A primeira, a extrema maleabilidade do aço, que permittia obter uma excellente e garantida uniformidade na construcção. A segunda, que interessa directamente ao publico, está na resistencia e segurança das construcções inteiramente de aço. —

E' interessante notar que a carrosseria de aço não implica a idéa de carrosseria pesada. Pelo contrario. A Companhia Ford conseguiu fazer carrosserias cada vez mais leves para os seus carros de todos os modelos, o que, além de outras vantagens, traz a possibilidade de maior economia não só no consumo de combustivel mas tambem no consumo dos proprios pneus. A mesma tendencia para o emprego da construcção de metal, tão accentuada nos ultimos annos da Companhia Ford, tem-se espalhado em todas as outras industrias. E' mesmo uma tendencia predominante na actualidade. São conhecidos os vagões de aço as pontes de aço, os arranha-céus de aço e mesmo os aeroplanos feitos exclusivamente de metal.

Póde-se dizer mesmo que os carros Ford constituem hoje quasi que uma unica peça, porque os proprios paineis e peças do chassis, que eram antigamente parafusados e rebitados, são agora soldados electricamente, constituindo como que um todo. Essas partes soldadas são as mais solidas da carrosseria. E a verdade é que a preferencia do publico pelos carros Ford, e a experiencia de milhões de proprietarios através de todas as vicissitudes naturaes da vida de um carro, têm confirmado em todo o mundo a solidez, resistencia e segurança das construcções de aço que ha varios lustros a Companhia Ford adoptou com tanta clarividencia.

Notas de ARTE

ORCHESTRA PHILARMONICA.— No Theatro Municipal, em a noite de lunedia, 16 de outubro, realizou a Orchestra Philarmonica o seu 1º concerto extraordinario da temporada, sob a regencia de Burle Marx e tendo como solista a srta. Maria Antonietta Vieira, discipula inicial, em Recife, de Manoel Augusto dos Santos, depois, em S. Paulo, de A. de Sá Pereira e por ultimo, no Rio, n I. N. M., do Prof. Guilherme Fontainha, com quem terminou o curso em 1930. Constou o programma executado de 3 *Concertos* para piano e orchestra: I) *C. op. 54, em lá menor*, de Schumann (a. Allegro affectuoso; b. Intermezzo (andantino grazioso); c. Allegro vivace); II) *C. nº. 1, op. 11, em mi menor*, de Chopin (a. Allegro maestoso; b. Romance (larghetto); c. Rondó vivace); III) *C. nº. 1, em mi bemol maior*, de Liszt (a. Allegro maestoso; b. Quasi adagio; c. Allegro vivace; d. Allegro marziale animato).

Dado o programma, seria melhor dizer recital da pianista Maria Antonietta, acompanhada pela Orchestra Philarmonica, do que concerto da Orchestra Philarmonica tendo como solista a pianista Maria Antonietta. Realmente executou-o a solista de modo a bem merecer a primazia. Mostrou-se pianista quasi completa, só lhe faltando aperfeiçoar cada vez mais os predicados, que já possue em apreciavel grão, de agilidade, bravura, expressão sentimental e, o que é mais raro, o poder de communicar a emoção. E' este para nós a pedra de toque dos verdadeiros artistas. Saber sentir e transmittir aos outros a propria sensibilidade, eis a arte suprema. Dada a igualdade entre os conhecimentos technicos e a vocação esthetica, o maior entre os interpretes é aquelle que sabe communicar os sentimentos que exprime, envolver espectadores e ouvintes numa aura de emotividade, que é a propria alma do artista transportada ás almas dos que o vêem e ouvem. Naturalmente é rara a realização integral dessa condição. Só o conseguem os artistas máximos, os maiores entre os grandes. Mas, sem attingir a esses pinaculos, cada qual pode realizal-o parcialmente, em grão diminuto mas louvavel na exhibição da sua arte interpretativa.

A srta. Maria Antonietta deu-nos esta ultima impressão nos tempos de bravura dos tres Concertos e nos trechos mais cantantes do Concerto de Chopin, especialmente no *Romance*. Soube nessas paginas tocar sentindo e sentir bastante, para envolver os ouvintes na propria sensibilidade.

Apreciadas em conjuncto, as interpretações de Maria Antonietta constituiram uma progressão crescente na ordem do merito: deu regular impressão tocando Schumann; agradou mais no poema de Chopin; e mais ainda na obra de Liszt. O auditorio, que era numeroso, applaudiu com enthusiasmo. Corbeilles floriram o palco, e palmas, mesmo bravos, ecoaram na sala.

Perfeita a orchestra de Burle Marx, muito contribuiu para realçar o valor da solista. Foi o desenho que o piano coloriu.

BIDÚ SAYÃO. — Bella e rara festa de arte, o concerto de despedida da notavel, da grande cantora brasileira, sra. Bidú Sayão, realizado no T. M. na tarde da jovedia, 5ª-f., 19 de outubro, com este difficil e ecletico programma: I) HAENDEL — Aria do oratorio "Josué"; *Recitativ et air du rossignol* de "L'Allegro e il

pensieruso" (canto, piano e flauta); Mozart — *Zeffiretti lusinghieri*, aria de Ilia, da op. "Idomeneus", e *Aria della Regina*, da op. "Flauta magica"; II) Bellini — *La Rosa* (arietta); Leo Delibes — *La Fille de Cadix*; Max Reger — *Ninna della Vergine*, de "La Ninna"(?); Ricardo Strauss — *Grande aria de Zerbinetta*, de "Ariano a Nasso"; III) Xavier le Roux — *Le Nil* (canto, piano e violoncello); A. Pérsico — *Paranzelle* e *Orfano*; G. Recli — *Bella, bellina*; Joaquim Nin — *El Vito* e *Salta* (canções espanholas); A. Costa — *O Cysne*.

Ainda uma vez readmiramos a arte finissima que esmalta a voz da gloriosa cantora patrícia. Deante dos primores de cultura vocal, que transformam as mais difficeis em facilimas passagens — tal o primor da interpretação — sente-se o ouvinte encantado, arrebatado por tanta belleza. Irmanam-se todas no mesmo esplendor de perfição canora. Foi com extraordinária emoção que tudo ouvimos, principalmente *Recitatif et air du rossignol*, *Aria della Regina*, *Ninna della Vergine* e *Le Nil*. Vocalizando, phraseando, cantando piano, com soberba mestria, transmittindo intensamente a própria sensibilidade, Bidú Sayão deu a esses números excepcional fulgor. E entre os outros houve um que para nós só valeu pela interprete: foi o de Ricardo Strauss. Talvez por não estarmos habituado a ouvil-o, não o apreciamos senão pelo valor que lhe deu a cantora.

Applaudindo sempre, applaudindo muito, o auditorio pedia e obtinha novos números extra. Ouvimos assim — *L'éclat de rire*, de Auber — das mais notáveis interpretações do recital — e *Felicidade*, de Barroso Netto, e *Estellita*, de Ponce, e mais alguns, que foram outros tantos estimulos para novos, calorosos e justissimos applausos. Não só palmas e bravos, mas flores e flores brindaram a victoriosa artista brasileira.

Registremos que collaboraram efficazmente para o triumpho da cantora o pianista Arnaldo Estrella, o flautista Pedro Gonçalves e o violoncellista Nelson Cintra. No *Recitativo e aria do rouxinol*, a flauta de Pedro Gonçalves cantou como a voz de Bidú Sayão...

RACHEL BASTOS — Abriu-se o Municipal em a noite de 21 de outubro para ouvir a applaudida cantora portugueza sra. Rachel Bastos, que se apresentava pela primeira vez entre nós. Foi este o programma com que se exhibiu: I) *Pur dicesti*, de A. Loti; *Qui vuol la zingarella*, de Paisiello; *Se tu m'ami*, de Pergolesi; *Se Fiorindo*, de Scarlatti; *La première violette*, de Mendelssohn; II) *Rouxinol*, de Ruy Coelho; *Canção da felicidade* e *Saudade amiga*, de Barroso Netto; *Cantiga de ninar* e *Canção das duas folhas*, de H. do Nascimento; III) *Serenata*, de R. Strauss; *Habanera*, de Ravel; *Chanson triste*, de Duparc; *Rouxinol*, de Haendel; *Variações*, de Mozart. Foram todos os números acompanhados ao piano pelo Prof. Souza Lima (José), e os dois últimos também pela flauta de Pedro Gonçalves.

A sra. Rachel Bastos confirmou a fama de que veio precedida. E' um soprano ligeiro que se ouve e se vê com admiração e com prazer. Tem bella e educada voz. Embora de timbre relativamente agradavel em todos os registros, apreciamol-a mais através dos sons graves e médios do que dos agudos. Pareceram-nos aquelles mais redondos, mais avelludados. A sua declamação lyrica, achamol-a digna de nota, talvez mesmo incommum na disposição dos gestos e attitudes. E' que diz o canto com rara distincção. Ao contrario da maioria das interpretes de musica de camera, que pouco variam a posição dos braços, a sra. Rachel Bastos tem uma maneira sua de os collocar e movimentar em harmonia com as phrases canoras. Canta com bella força expressiva. Sabe sentir o que canta.

Entre os números todos, em geral bem interpretados, assignalamos mais espcialmente: *Se tu m'ami*, *La première violette*, *Cantiga de ninar*, *Serenata* e ainda mais especialmente *Habanera* de Ravel, onde venceu com galhardia todas as difficuldades, e que lhe patenteou a belleza das vocalizações; *Chanson triste*, exuberante de expressão sentimental; *Variações*, que encerraram — não se pode fugir á chapa — com chave de ouro todo o concerto. Finalmente, destaquemos, primor dos primores, *Canção da felicidade*, cantada, vivida com tanta emoção, com tal poder communicativo, que não nos lembramos têl-a ouvido melhor cantada. As lagrimas que orvalharam os olhos da cantora, molharam também os corações dos ouvintes...

Oscar d'Alva

QUANTAS VEZES...

DE HORMINO LYRA

QUANTAS vezes, por brinco, não dissera doutor Gaturamo que a noiva estava ainda por nascer!... quantas vezes...

Doutor Gaturamo era médico assaz conceituado na princeza do sertão, a simples mas pittoresca cidade de clima salubérrimo. E fôra criterioso e tão respeitavel que, apesar de solteiro e muito moço, era o médico preferido das senhoras.

Tinha doutor Gaturamo trinta annos de idade quando vira nascer Paula. Vira-a nascer e ensinara-lhe dar os primeiros passos. Tinha encantos pela pequerrucha e não passava um só dia sem ir vêl-a. Quando chegava á casa de hospedagem, disposto á dormir, e se lembrava de, naquelle dia, não a ter visto, levantava-se, vestia-se de novo e rumava á residencia dos paes de Paula afim de matar as saudades. Estes attendiam-no e levavam-no até o leito da innocente. Tranquilla, dormia a criancinha. E elle, durante alguns minutos, ficava ali com os paes della, a admirar-lhe a robustez, e falava-lhes sobre os lindos contornos da interessante menina.

Ensinara-lhe articular os disyllabos *papá*, *mamá*, *didi*.

Didi era elle, o doutor Gaturamo; não obstante, pela delicadeza do appellido, este convir mais, de modo particular, a pessoa do sexo fragil.

Queria isto: quando chegasse ella á idade juvenil, soubesse serem aquelles os tres primeiros nomes, aprendidos por si e ensinados por elle. Mais ainda: continuasse a tratal-o sempre por *didi*.

Ficava sensibilizado e achava graça infinita e achava a pequerrucha dava relêvo suave ao delicado disyllabo quando, com meiguice encantadora, começara a pronunciar distinctamente, separadamente, syllaba por syllaba — *di-di*.

A menina ia crescendo, e o medico ia ficando fascinado pela graça, pelas formas, pela intelligencia della. Nunca vira criança mais interessante, de linhas mais perfeitas nem mais intelligente.

Nos anniversarios a menina recebia delle custosos presentes. Quando completara dez annos de idade, dera-lhe preciosa joia, e ficara a pequena mui contente.

Paula acompanhava agora doutor Gaturamo ás sessões vesperaes-domingueiras dos cinematographos. E lá ia ella com o seu *didi*, conversando, discutindo acêrca das mais queridas estrellas, dos mais apreciados artistas do cinema daquelle tempo.

* * *

Chegaram os quinze annos de Paula, a idade mais louçã de toda mulher.

E quantas vezes, muito antes, não fôra assaltado doutor Gaturamo por estranho sentimento!... Quantas vezes...

E tomara-se finalmente de amor pela joven amiguinha e, quando de uma feita conversavam na porta da rua da casinha della, sem mais preambulos dissera-lhe com todo o ardor da desvairada paixão:

— Que confessar-te uma coisa, Paula, e desejo me respondas com franqueza. E's minha amiga, que eu sei, por isso me responderás com sinceridade: não amas ninguem?

— Que é isso, *didi?!*

— Uma pergunta simples de quem te estima de veras.

— Ainda não tive tempo de aprender nada, de me educar como desejo...

— Nunca joven algum de nossa terra procurou namorar-te?

— Um do collegio andou bobeando, querendo falar-me nessas coisas, mas dei o fóra nisso! Não quero saber de amores, de bobices. O tempo é pouco para estudar... Deus me livre!

— Paula, há muitas mulheres casadas aos quinze, aos dezeseis annos...

— Porque, nessa idade, pensavam já nisso; mas eu nunca me lembrei de coisa semelhante.

(*Conclúe nas pags.* 24 e 25)

Guia Scientifico de "Fon Fon"

Dr. PEDRO DA CUNHA — Clinica geral. Rosario, 129 - 3.º Diariamente, depois de 4 horas.

Dr. MILTON DE CARVALHO — Ouvidos, Nariz e Garganta. Medico-adjunto do Serviço do Dr. Paulo Brandão no Hospital S. Francisco de Assis. Largo da Carioca, 5 - 6.º andar (Edificio Carioca). Tel. 2 - 0209. Rio de Janeiro.

Dr. P. PERNAMBUCO FILHO — Docente e Ass. da Fac. de Medicina. Direct. Sanatorio Botafogo. Doenças nervosas e mentaes. Edificio Odeon, sala 515. Telephone 2 - 1183.

Dr. MARIO KROEFF — Livre docente de Clinica Cirurgica da Faculdade. Pratica nos Hospitaes da Europa. Operações em geral. Vias Urinarias. R. Uruguayana, 104. De 3 ás 7, diariamente. Tel. 3 - 4316.

Dr. EURICO SAMPAIO — Clinica medica e molestias mentaes. Rua 7 de Setembro, 141 - 2.º 2as., 4as. e 6as., ás 2 horas. Tel. 2-4312.

Dr. SALVIO MENDONÇA — Esp. nos Hosp. de Berlim e Vienna (serviço dos profs. R. Ehrmann, H. Eisner, Max Rosenberg e Zweig). App. digestivo e Nutrição. Diabete. Gotta. Obesidade e magreza. Travessa do Ouvidor, 36 - 1.º Tel. 3 - 4310 das 3 ás 6 horas.

Dr. R. DUQUE ESTRADA — director do serviço de Raios X da Faculd. de Medicina e Santa Casa.

Dr. ARNALDO CAMPELLO — chefe do serviço de radiologia do Hosp. S. Franc. de Assis.
RADIOLOGIA MEDICA
Diagnostico 2-3406) Rua da
Tratamento 2-3735) Quitanda, 17-1.º

Dr. OCT. RODRIGUES LIMA — Docente da Universidade. Partos-Gynecologia. Cons. diarias, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73 - 2.º Tel. 2 - 3733. Res.: 6 - 2737.

Dr. ADAUTO BOTELHO — Doenças nervosas e mentaes. Electrotherapia e electro-diagnostico. Edificio Odeon 5.º andar, sala 513/514. Praça Floriano, ás 3 horas.

Dr. ALBERTO COUTINHO — Livre Docente de Clinica Cirurgica. Assist. do prof. Brandão Filho e da F. de Medicina. Cirurgia Geral. R. Rodrigo Silva, 30 - 4.º Das 3 ás 7. Tel. 2 - 8198.

Dr. WALDEMAR SAMPAIO — Cirurgia e clinica odontologica. Alcindo Guanabara, 15-7.º, das 9 ás 5 e meia, diariamente. Tel. 2 - 4308.

Prof. AGRIPPINO ETHER — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. CARVALHO CARDOSO — Molestias internas. Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Dr. CONDEIXA FILHO — Ex-assistente do Prof. Papin (Paris). Trata pelos methodos mais modernos as affecções dos Rins, Bexiga, Prostata, Testiculos e Urethra. Diathermia - Ozonotherapia - Fulguração. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2 - 2474. Diariamente, das 2 ás 6 hs.

Dr. COSTA PEREIRA — Ouvidos, nariz e garganta. Rua da Assembléa, 73 - 4.º Diariamente, ás 4 e meia. Tel. 2 - 6313.

Dr. A. MARTORELLI — Cirurgião Dentista da Associação dos Empregados no Commercio. São José, 106 - 3.º Tel. 2 - 7070. Consultas Diarias.

Dr. NEVES MANTA — Doenças Nervosas e Mentaes. Rodrigo Silva, 30 - 1.º andar.

Dr. C. XAVIER LOPES — Cirurgia Rodrigo Silva, 30-4.º Diariamente, de 4 ás 6. Tel. 2-8198.

Dr. HERMINIO CONDE — Doenças e Operações dos Olhos. Das 14 ás 16 horas diariamente. Rua da Carioca, 6 - 5.º andar. Telephone: 2 - 3478.

Dr. HILDEGARDO DE NORONHA — Docente da Faculdade de Medicina. Clinica Geral. Diariamente, 4 ás 6. Rua da Assembléa, 73-2.º Res. Rua Professor Gabizo, 109. Tel. 8 - 1581.

Dr. ADAUTO DE REZENDE — Doenças das crianças. Trav. do Ouvidor, 36-4.º 2as., 4as. e 6as., das 14 ás 16 horas. Tel. 2 - 6950. Res. 2 - 9850.

Dr. ROCHA MAIA — Cirurgião da Assistencia Publica, ex-assistente da Clinica Gynecologica da Santa Casa. Cirurgia Geral e Gynecologia. Rua da Carioca, 6-2.º Tel. 2 - 2691.

Dr. MIRANDA JUNIOR — Doenças sexuaes. Exame pre-nupcial, diagnostico e tratamento da syphilis, urethrites, prostatites, metrites, etc. Perturbações menstruaes. Eczemas, pruridos, varizes e tumores da pelle. Praça Floriano, 87 (canto da r. 13 de Maio. Das 3 e meia ás 6 e meia. Tel. 2 - 6902.

Dr. RAUL PACHECO — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hernias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Dr. RAPHAEL PARDELLAS — Serviço de Cardiologia, doenças pulmonares e pneumotorax. De 14 horas em deante. Rua Republica do Perú, 74. Tel. 2 - 0446.

Dr. ALVARO MOUTINHO — Doenças dos rins, bexiga, prostata, etc. Cura rapida sem dôr da Gonorrhéa aguda ou chronica e suas complicações no homem e na mulher, prostatites, cistites, orchites, inflammações do utero, ovarios, etc. Tratamento pela electricidade. Diathermia. D'Arsonvalização. Ozonotherapia. Estreitamento da Urethra. Impotencia. Rua Buenos Aires, 77-1.º 10 ás 18 horas.

Dr. PLINIO SENNA — Exames bucco-dentario para complemento do diagnostico medico. Raios X, infra-vermelho, azues, ultra-violeta, diathermia. R. Ouvidor, 162 - 2.º Tel. 2 - 1659.

Dr. A. CALMON D'OLIVEIRA — Hemorroidas, varizes, ulceras variosas, vias urinarias. Av. Rio Branco, 177 - 1.º Diariamente, ás 4 horas.

Dr. JORGE FRANCO — Cura radicalmente a blenorrhagia no homem e na mulher, aguda ou chronica, em 10 injecções hypodermicas, indolores e sem reacção de especie alguma. Tratamento radical da prostatite, orchite, impotencia em moço, ovarite, metrite, esterilidade, etc. Consultas gratis. Assembléa, 67, das 2 ás 4 hs. Tels. 2 - 3112 e 5 - 3984.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.º Diariamente.

Dr. J. M. MONIZ DE ARAGÃO — Assistente do Prof. Fernando Magalhães. (Livre Docente de Clinica - Obstetrica). Partos e Molestias das Senhoras. Rua Alcindo Guanabara, 26 - 1.º Diariamente, ás 5 horas.

Dr. HUMBERTO GOTUZZO — Doenças Nervosas. Rua 7 de Setembro, 111 - 1.º andar. Diariamente, ás 5 horas.

Dr. J. FERREIRA ALVES — Cirurgião dentista. Raio X. Praça Marechal Floriano, 7. T. 2-0444.

Dr. J. V. COLARES — Docente da Universidade do Rio de Janeiro. Doenças Internas e nervosas. Rua Alcindo Guanabara, 15 - 8.º

Dr. JORGE DE LIMA — Medico. Rua Alcindo Guanabara, 15-A. 8.º andar. Tel. 2 - 9277.

QUANTAS VEZES...

(Continuação)

— Já não está fóra de tempo pensares no teu futuro...

— Que queres dizer com isso, *didi*? Por que me falas desse geito? Contaram-te alguma coisa a meu respeito? Si contaram alguma novidade, posso ga rantir-te não ser verdade. E' uma infamia!

— Nada me contaram. Queria sondar-te o coração para saber si já tinha elle alguma inclinação por alguem. Estou certo de não gostares de ninguem e estou satisfeito pois posso falar-te sem constrangimento...

— Sobre?... Dize de uma vez!

— Gosto de ti, Paula! Quero casar comtigo.

A joven enfiara e quasi desfallecera. Abafara em seguida um suspiro.

— Idiota! Puzeste a carta no correio, sem endereço.
— Julguei que fosse uma carta anonyma...

— Está bem, *didi*. Dá licença?

— Vaes embora sem nada me responder?

— Depois...

Contara o occorrido aos paes. Estes, não obstante a enorme differença de idade, achavam ella dever acceitar o pedido de casamento de doutor Gaturamo. Este era um partidão, no parecer delles, e não havia moça alguma na cidade que o regeitasse.

A mãe della accrescentava andarem as moças atrás delle — assim! E ao pollegar juntava as pontas dos outros dedos pra dar a entender andarem chusmas de senhoritas ao derredor do médico como certos insectos crepusculares em volta das lampadas.

Affirmara a joven gostar do *didi*, querer-lhe muito bem, mas gostava delle não para marido!

A amizade vinha depois, segundo diziam ao mesmo tempo os paes da graciosa senhorita.

As senhoritas casadoiras da cidade ficaram surpresas, admiradas e não podiam reprimir a lingua: escandaloso aquelle casamento! Era Paula uma verdadeira menina; menina em todos os sentidos — na pureza das acções, na simplicidade dos gestos, no tamanho poi não tivera bastante desenvolvimento physico... Bonita, na verdade, mas muito criança para doutor Gaturamo que tinha idade de lhe ser pae! Aquillo era só ganancia dos velhos... Nem restava duvida: só ganancia e nada mais!

Depois de noiva, Paula não recebia doutor Gaturamo com aquella satisfação, com aquelle desembaraço de outros tempos; acolhia-o agora de modo cerimonioso. E não andava alegre. Quando sahia de braço dado com o noivo era um desanimo que fazia dó!

* * *

Após o casamento, continuava triste.

Quantas vezes, ladeando o marido a quem não amava, não tivera um sem numero de pensares a cuidar nalguma pessoa, sem saber ao certo quem era, a qual devera estar em companhia della!... quantas vezes...

O marido comprou um bungalow. Guarneceu-o de finos moveis. Todas as commodidades possiveis tinha a casa de residencia do novel casal. Alli não faltava coisa alguma, mas Paula não andava intimamente satisfeita. Ah!... não andava...

Doutor Gaturamo melindrara-se com o desprazer da esposa. Comprehendera ter dado um passo arriscado! Estudara-lhe desde criancinha o organismo todo: conhecia-lhe o conjunto dos órgãos; entretanto nunca tivera tempo de lhe estudar as faculdades da alma.

Não tivera tempo por estar sempre lhe admirando o physico ou fôra mau psychologo? Era pergunta feita por elle a si propria.

Não se queixava á esposa, nunca dissera nada a ninguem, mas vivia amargurado e déra para se alcoolizar.

Ficara Paula mais triste ainda com o novo modo de vida do doutor. Nunca lhe dissera coisa alguma, mas andava aborrecida com o descaso delle. Achava: sendo ella moça e formosa, e elle, maduro e feio, devia o marido ficar muito contente só com o facto de têl-a ao seu lado, ainda que lhe não fizesse carinhos. Tinha ella o direito de ser acarinhada por ser quasi menina emquanto era elle quasi velho! Já lhe dava muita honra com ser sua esposa, e esposa honesta.

Um não se queixava do outro, e a vida corria amargurada para ambos.

* * *

Um dia Lauro, o companheiro de collegio que andara bobeando, querendo falar-lhe em amores naquelles bons tempos, encontrara-a.

Elle, ainda que moço, estava estabelecido com casa de commissões e consignações noutra cidade.

Fizera muita festa a Paula, de quem nunca esquecera, promettendo ir á casa da encantadora senhora para a ver ali e ali cumprimentar o esposo della.

Tivera conhecimento da friesa do casal e certa vez, num festim, indagara audazmente da propria senhora o verdadeiro motivo daquella semsaboria.

Discreta e sem saber dissimular os seus sentimentos, procurara mudar de assumpto.

Não insistira elle nesse ponto.

Poucos dias depois, presenteara a senhora com bonita caixa de caramelos. Fôra de novo á casa da excollega de collegio, na ausencia do marido, e dera-lhe em mão, recommendando-lhe abril-a com cautela.

Ao abrir a caixa, lêra a dona do presente num pedaço de papel: "amo-te, Paula!"

No dia seguinte, encontrara Laura na rua. O encontro ruborizara-lhe as faces.

— Estás ficando doido, Lauro?! fôra dizendo-lhe com gravidade no modo de falar.

— Não. Sei que não gostas do teu marido. Sei, porque já estive na intimidade do teu lar e presenciei a friesa reinante entre os conjuges. Eu, desde menino, gosto de ti e sinto que não amo a ninguem senão a ti. Tenho certeza disso. E' possivel venhas a gostar de mim, e possamos ser felizes...

— Que é isso, Lauro!? Quanta loucura...

* * *

Após alguns dias, Paula abandonava o esposo pela companhia de Lauro, e fôra para a cidde onde tinha este o seu negocio.

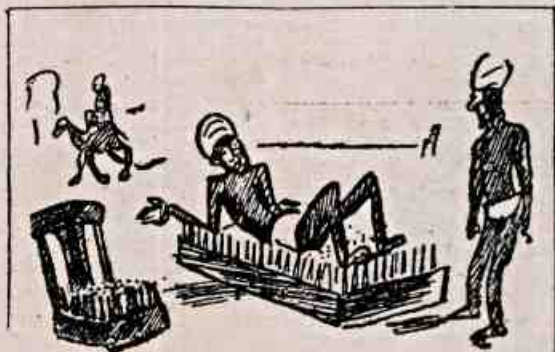
QUANTAS VEZES...

(Conclusão)

Doutor Gturamo ficára a modo insensivel á dor, que o feria fundo, e passara assim algum tempo e fôra perdendo o alento até sucumbir.

Lauro e Paula casaram após o desapparecimento daquelle.

Ella, sempre muito grata no animo e nas acções, não obstante o segundo marido procurar por todos os meios e modos estreitar e fortalecer a amizade, sente ás vezes a lembrança do primeiro lhe penetrar no intimo... Nunca deixara este de ser delicado nem de lhe dar bom trato. Não pode querer-lhe mal.

E quantas vezes Lauro, ao seu lado, não percebe que o pensamento della está longe, muito longe, e sobe, sobe até o céo!... quantas vezes...

ENTRE FAKIRES — Não faça cerimonia; sente-se.

OS REIS DAS SELVAS EM COMBATES MORTAES!
As façanhas de FRANK BUCK o homem que agarra as feras vivos!
Um film todo feito nas florestas da Malaya!
Coisas nunca vistas, nem sonhadas!
Entrechoques de bufalos!
Serpentes que trituram tigres!
Crocodilos que estraçalham serpentes!
A BATALHA DAS FERAS
PELA SUPREMACIA NAS SELVAS!
RKO
Radio
PICTURES
BROADWAY PROGRAMMA
ADAR QUEIROS
Agarrando-os vivos!
"BRING 'EM BACK ALIVE"
A partir de 30 de Outubro
BROADWAY

ANNO XXV

FON-FON

NUMERO 43

Rio de Janeiro, 28 de Outubro de 1933

Director: SERGIO SILVA

Chuva de estrellas

ANDARAM alvoroçadas as populações da Europa, com um estranho phenomeno.

Em Brive bailaram as estrellas em numero de cincoenta e sessenta por minuto, cortando o céo em todos os sentidos. Em La Roche-sur-Yon, milhares de estrellas de diversas grandezas movimentaram-se com extraordinaria rapidez, despertando a mais intensa curiosidade dos proprios astronomos. Em Bayonne, durante duas horas, centenas de asteroides se destacaram deixando um longo rastro, para desapparecer na direcção Leste-Oeste. Nas aldeias desse encantador e ingenuo Portugal, que temos no coração, bimbalharam os sinos e o povo correu a refugiar-se nas igrejas, pensando talvez que se aproximava o fim do mundo...

Chuva de estrellas

Não sou lá muito forte em assumptos da cosmographia, cuja palavra me ensinaram derivar do grego, na sua composição de *kosmos*, ordem, ornamento, mundo, universo, e de *graphein*, descrever.

Pitagoras melhor explicaria o phenomeno... Sei apenas que o céo estrellado tem provocado, desde a mais remota antiguidade, a admiração dos homens, e dahi a necessidade de reduzir a leis as relações da grandeza, da ordem e da belleza dos astros. Eu, porém, estou saturado de todas as hypotheses em que se apoia a sciencia dos homens, e prefiro caminhar em sentido opposto, isto é, constatando os phenomenos sem tentar decifrál-os.

Philosophia de poeta, que faz bem á alma... Por isso, emquanto os astronomos preparam as lunetas e o pupolacho foge atarantado, tomado de panico, eu sorrio dentro da philosophia que preparei com aquella incomparavel doçura de Bilac, que sabia ouvir e entender estrellas.

Affirma-se, por exemplo e a proposito da chuva de estrellas, que esse espectaculo em Portugal se observa de 33 em 33 annos.

Entretanto, quanto mais felizes são os meus olhos vendo chover estrellas a cada instante!... E justamente quando não vejo chover estrellas é que, cheio de espanto, corro a abrigar-me além, na esperança de novas alegrias, de sensações outras, que façam perpetuar a estravagancia do meu sonho de amor.

Chuva de estrellas! Si a conheço... Quantas vezes ella me banha na sua caricia envolvente, fazendo-me sentir a delicia de viver!

Mario Poppe

Ao dr. Anisio Teixeira, o grande animador do movimento de renovação da instrucção publica no Districto Federal, foi prestada, na ultima segunda-feira, uma brilhante manifestação, commemorativa da passagem do segundo anniversario de sua proficua e luminosa gestão no Departamento de Educação Municipal. Os innumeros amigos e admiradores do dr. Anisio Teixeira aproveitaram a opportunidade para lhe hypothecar, num preito de homenagem justissima, a sua intransigente solidariedade, nesta hora em que os circulos de «élite» mental do Brasil celebram a sua obra, como a de um excepcional espirito de administrador culto e constructivo. O dr. Anisio Teixeira viu-se alvo do enthusiasmo de seus collaboradores e amigos, bem como de innumeros admiradores, não só do magisterio, mas de varios sectores da actividade intellectual da metropole. O prestigio, que o nome do actual director do Departamento de Educação Municipal merecidamente desfruta no seio do professorado e das altas classes mentaes do Brasil, se vem firmando cada vez mais no desenvolvimento do pensamento e da obra de sua administração, á frente da instrucção municipal. Interpretando o sentimento dos admiradores do dr. Anisio Teixeira, dr. Raphael Pinheiro, festejado tribuno brasileiro, consagrou as actividades do benemerito e abalizado technico do ensino nacional, resaltando a expontaneidade da justiça daquella homenagem, a um tempo de congratulações pela passagem do segundo anniversario de sua gestão e de solidariedade irrestricta ao integro chefe da instrucção municipal.

Dois flagrantes da visita do interventor Ary Parreiras e do director-geral do Departamento de Educação do Districto Federal, dr. Anisio Teixeira, ao Departamento de Educação e iniciação do Trabalho do Estado do Rio de Janeiro, dirigido pelo dr. Celso Kelly, que ali tem realizado, silenciosamente, uma obra digna dos melhores applausos dos fluminenses. Nas photographias vêem-se, além do interventor Ary Parreiras e do dr. Anisio Teixeira, o dr. Stanley Gomes, secretario do interior do Estado do Rio; os professores Venancio Filho e Moysés Xavier de Araujo e varios representantes do magisterio fluminense e alguns jornalistas.

FELIPPE D'OLIVEIRA, o poeta da minha adolescencia. POR MARTINS CAPISTRANO

O nome de Felippe d'Oliveira é uma grata e harmoniosa reminiscencia dos meus quinze annos. Conheci esse poeta fidalgo e amavel quando me iniciava na vida sonhadora das letras. As revistas do Rio, que eu recebia no meu plácido Canindé, ahi por volta do anno angustiante de 1915, publicavam paginas lyricas do grande emotivo de *Vida Extincta*. Meu temperamento adolescente sorvia, voluptuosamente, os versos macios e luminosos que o *FON-FON* daquelle tempo enfeitava com illustrações suggestivas dos melhores artistas da época. Felippe d'Oliveira, recem-apparecido no mundo literário da metrópole, era um dos astros da minha admiração. Mandei vir de longe, — da terra onde elle rutilava, deslumbrando o resto do Brasil — o seu livro de estréa, que tinha aquelle titulo tão em contraste com a sua radiosa e exuberante mocidade.

Eu tive a iniciação para a alegria
Num templo primitivo de paizagem,
Em que, num fundo aberto de bahia,
Da argila das montanhas, emergiu
A fôrma azul de um idolo selvagem.

Entrei na immensidade dessas aguas,
De alma feliz, cantando em tons de trova...
E ao baptismo de um sol chispando fraguas,
Eu jurei esquecer antigas maguas
Numa esperança ideal de vida nova...

A vida, então, logo me deu meu fado,
— Meus máos designios e meus bons mis-
[téres —
E, no decurso desse tempo andado,
Os homens quasi todos tenho odiado
E tenho amado todas as mulheres.

Contando e cantando assim a *historia leal dos seus amores*, Felippe d'Oliveira canta a sua própria alegria, que o fez poeta e o ajudou a viver até a tarde fatídica de Auxerre, onde morreu tragicamente, em fevereiro deste anno.

Mas não está ahi toda a alma do poeta que foi um dos primeiros a encher de fascinação a minha alma agreste de sertanejo. Homem intelligente e cheio de saúde, homem feliz e cheio de belleza, Felippe guardava, sempre, para a sua festa interior, um pouco da serena poesia de sua vida. Dahi o ser escassa e dispersa a obra que deixou. Em vinte e trez annos de actividade poetica só dois livros marcam os instantes lyricos da sua passagem pelo mundo. Só dois livros assignalam a opulencia da sua inspiração. *Vida Extincta*, que o apresentou á sensibilidade do paiz, revelou, também, uma sensibilidade á parte no seu meio e no seu tempo. Ali se entremostra, agitando a melancolia de um symbolismo indefinido, o poeta que nasceu triste para viver alegre, o artista que ama a cinza dos crepúsculos porque tem a côr nostálgica das confidencias e dos sonhos.

E tu ficaste lá... longe... na minha vida...

Parece que, aos vinte annos, em pleno reino da illusão, em pleno reino da felicidade, o poeta sentia o gosto amargo de alguma desillusão prematura. Desillusão de amor?... Mas aquelle Petronio, que sabia dizer tão lindas coisas ao coração das mulheres, não teria esperança de encontrar a mulher de seu proprio coração? O amor... Que é, afinal, o amor? A poesia dos sentidos? A expressão mais natural do egoismo? A primeira das venturas humanas? Uma curiosidade de ordem superior? A mais forte das paixões? O maior refugio dos homens? Balzac, Nietzsche, Madame Cottin, Flaubert, Voltaire e Henri Bataille, como tantos outros, quizeram definir o grande inspirador dos poetas, mas acabaram fixando, apenas, um pouco da complexa psychologia do amor, que é sonho e realidade, que é illusão e desengano, que é alegria e soffrimento, que é vida e morte, que é tudo e é nada ao mesmo tempo.

Felippe d'Oliveira, ao contrario de todo, ou de quasi todo poeta, começou triste. Porque, na sua *Vida Extincta*, só a poesia inicial tem o sinete festivo da alegria. Dir-se-ia que elle quiz, num gesto galante de fidalguia, tão do seu temperamento, abrir, amavelmente, a porta aos seus leitores... Que principe gentil esse nobre representante das musas!

Lanterna Verde, que veiu quinze annos depois, já é bem differente de *Vida Extincta*. O Felippe d'Oliveira que escreveu o livro melancolico de 1911 não é o mesmo Felippe d'Oliveira que agita os guizos verdes da sua lanterna de 1926. Aquelle, chorava uma illusão perdida. Este, exaltava o enthusiasmo da vida, perfeitamente integrado na seducção do mundo exterior. Athleta, amador dos sports, homem de sociedade, cantava a belleza da matéria com toda a sua tranquilla satisfação de Apollo. E sentia-se feliz vivendo e cantando assim. Isolado no seu mundo interior, nem por isso deixou, um só momento, a companhia das mulheres bonitas e dos amigos sinceros que formavam a sua deliciosa entourage.

Núcleo de convergencia no bôjo da noite oval.
Lanterna Verde
(amêndoa phosphorescente
dentro da casca carbonizada) —

Longitudinal, centrifugo,
o trem racha em duas metades
a espessura do esc[illegible]
e, cuspindo pela b[illegible]a da chaminé

(Conclúe na pag. seguinte)

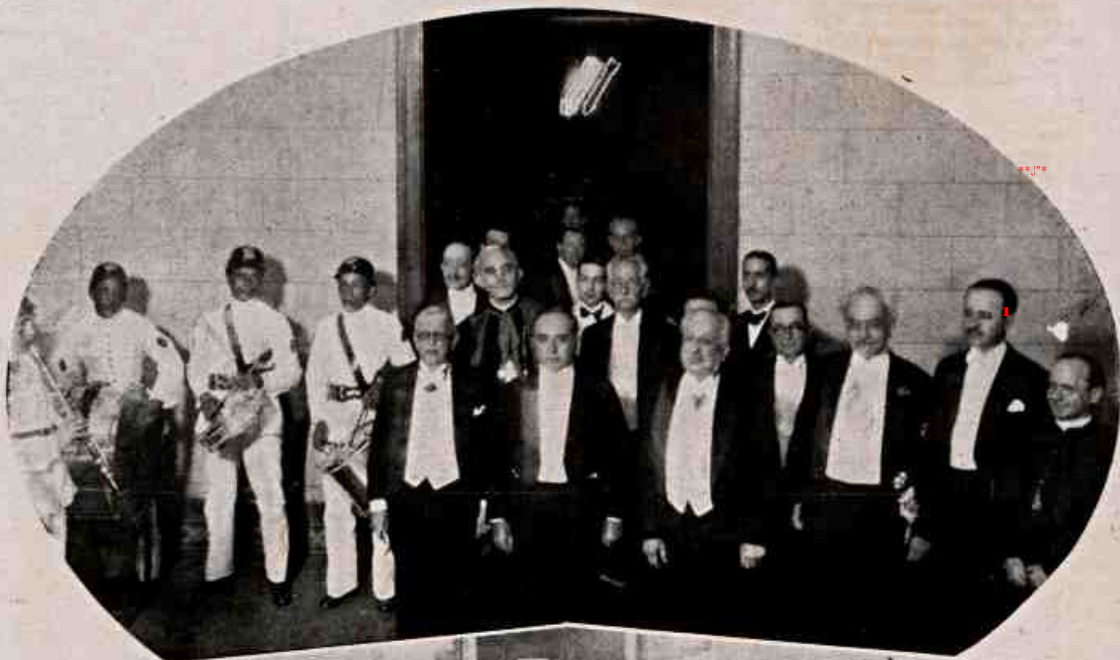
Felippe d'Oliveira no seu ultimo retrato, tirado em Paris, no começo deste anno, poucos dias antes da morte trágica do poeta. A Sociedade Felippe d'Oliveira, fundada por um grupo de amigos do cantor de «Lanterna Verde» para cultuar-lhe a memoria, acaba de editar o primeiro volume sobre a vida e a obra de seu glorioso patrono. Intitula-se «In Memoriam de Felippe d'Oliveira» e reúne chronicas e ensaios de vários escriptores fixando aspectos interessantes da estranha personalidade daquelle que escreveu «Vida Extincta». E' uma iniciativa digna de louvores pelo que representa de força affectiva e de preciosa contribuição para a historia da literatura brasileira.

Sob o patrocinio da Associação Universitaria, os estudantes de direito desta capital destacaram alguns de seus collegas para, em commissão, visitar o Estado de São Paulo, cujo governo hospedou, officialmente, a brilhante embaixada intellectual. O nosso «cliché» focaliza os jovens universitarios cariocas entre collegas paulistas, ao desembarcar na capital da grande terra bandeirante.

as estrellas inuteis é propulsão,
atira-se desenfreado
nos trilhos livres.

Mas, si o machinista fosse daltónico,
a locomotiva teria parado.

Toda a *Lanterna Verde* é assim: movimentada, feita em rythmos modernos, inquieta e audaciosa como a vertigem contemporanea.

Entretanto, o poeta de duas feições, diverso na interpretação lyrica da vida, é o mesmo em grandeza emocional, o mesmo em vigor de inspiração e em delicadeza de sensibilidade. O mesmo Felippe d'Oliveira que devia morrer como viveu: correndo. Correndo atraz de uma illusão que sempre lhe fugiu...

O nonagésimo quinto anniversario da fundação do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi commemorado no ultimo sabbado com uma solennidade que se realizou sob a presidencia do chefe do governo provisorio, dr. Getulio Vargas, e com o comparecimento de outras altas autoridades. Apresenta o nosso «cliché» um grupo tomado antes da cerimonia e um flagrante desta, apanhado quando falava o conde de Affonso Celso, presidente perpetuo do Instituto.

feira de vaidades

IMPRESSÕES DO BRASIL

MAIS um forasteiro, que diz mal do Brasil. Trata-se agora de um ex-diplomata espanhol, a quem o nosso paiz impressionou, apenas, como potencia negra e pouco voluptuosa.

Ao menos esse escriptor tem originalidade. Descobriu um Brasil differente. Achou em nós o que ninguem ainda tinha descoberto. Deus lhe proteja o talento litterario...

* * *

Esse ex-diplomata chama-se Ricardo Coração de Leão. Podia ser o Bom Homem Ricardo. Foi embaixador da Espanha em Santiago e publicou o livro "Bajo el signo de Clio", onde vieram a lume as suas impressões da cidade luxuriante do Rio.

Elle diz coisas verdadeiramente curiosas sobre nós. Vale a pena conhecer algumas.

* * *

O Bom Homem Ricardo acha que a nossa capital é irresistivel como cidade do peccado. E revela-nos que até os nomes dos nossos bairros e dos nossos suburbios são indicios dessa affirmativa. Assim, por exemplo: Gavea, Copacabana, Guaratiba, Leme são, no seu entender, nomes eroticos...

* * *

E' bem verdade que, noutra passagem, Ricardo Coração de Leão diz que somos amaveis e hospitaleiros.

Recuso, de minha parte, o elogio. Prefiro dar ao escriptor de "Bajo el signo de Clio" a impressão desagradavel de grosseiro e inaccessivel.

Pelo menos, assim, elle não descobrirá em mim coisas ainda peores...

LUCIANO

RONDA DE ELEGANCIA

UMA tarde de sonho e poesia. Todas as glorias da elegancia carioca numa parada á luz do entardecer.

Fervilhante, multicôr, a cidade era como sorriso dyonisiaco animando a physionomia contente das ruas.

A Avenida Rio Branco, a rua do Ouvidor, a arteria linda e pequenina da rua Gonçalves Dias pareciam engalanadas para festejar a procissão das mulheres bonitas, em ronda da primavera e da belleza.

* * *

Foi esse o primeiro sabbado, verdadeiramente encantador, da estação quente, cujos prenuncios já fizeram sahir á rua os tecidos leves, vaporosos do verão.

O proprio calor tinha amenidades desconhecidas.

E havia no rosto das garotas, das raparigas, das damas elegantes uma expressão de encontro reconciliador. Era como se aquella tarde fôsse o verso de um poema amoroso, recitado ha muito tempo, e que voltasse á memoria, trazendo um mundo de evocações e de saudades. Era como se tivesse resurgido um amor julgado morto...

* * *

Passa Tarsila do Amaral, Anna Amelia, Gilka Machado, Henriqueta Lisbôa, Anna Carolina, Diva Jabor, Eugenia Alvaro Moreyra, Lia Corrêa Dutra, Margarida Lopes de Almeida, Ida Uchôa, Nenê Baroukel, Laura La Rocque Rodrigues.

Parece que as artistas do *grand monde* vieram todas á cidade.

A escriptora Iracema Guimarães Villela, de nobre linhagem, foi tomar chá á Lallet. Cumprimentos. Sorrisos. Elegancias.

A tarde maravilha. E a ronda continúa...

* * *

— Bonita a festa do Gabinete Portuguez de Leitura?

— A da inauguração da Semana Cultural Portugueza? O', sim, lindissima; Bidú Sayão esteve admiravel. Anna Amelia disse versos encantadores e Italia Fausta declamou poesias de artistas de além-mar, que provocaram grandes applausos.

— Que pena! Não pude comparecer...

* * *

— Bôa tarde!

A senhora Juvenal Murtinho Nobre cumprimentou uma amiga. E passam: a senhora Azurem Furtado, a senhora Leonel Gonzaga, a senhora Gustavo Barroso, a senhora Octavio Reis, a senhora Pedro Cuervo, a senhora Armindo Rangel, a senhora Miranda Jordão, a senhora Daniel de Carvalho, a senhora Bertha Pinto de Moraes, a senhora Hernani Irajá, a dra. Ernesta Von Weber, a senhora Maria de Castro, a senhora e senhorita Aureliano Amaral, a senhora Diniz Junior, a senhora Miguel Oakim, a senhora Raul Machado a senhora Renato Souza Lopes, as senhoritas Astyr e Najla Jabor, a senhorita Santinha Castello Branco.

E a ronda continúa...

UMA REUNIÃO ELEGANTE

NO Palace Hotel, onde eram hospedes, o poeta argentino Luis Cané e sua senhora receberam, no ultimo domingo, ás quatro e meia da tarde, as suas amizades cariocas para um chá elegantissimo.

A luminosa intelligencia do autor de *"El romancero de niñas"* completa-se com a formosa espiritualidade de sua dignissima esposa.

MENINAS DOS MORROS

ADELMAR TAVARES, um dos mais puros lyricos da poesia brasileira, escreveu um poema sensacional sobre os meninos pobres dos morros.

Meninos dos morros...
[Meninos doentes...
Meninos ceguinhos dos
[olhos sem luz...

Ha, no Rio, uma colmeia de anjos de bondade, que têm o nome de "Missão da Cruz". Abelhas do céo, chama-os assim o doce e inimitavel lyrico de "Caminho enluarado."

Foi para ser recitado no Theatro Municipal, na festa da Missão da Cruz, que Adelmar Tavares escreveu o seu poema, de uma linda e tocante humanidade.

Mães pobres dos morros
[não têm um remedio.
Mães pobres dos morros
[não têm um tostão.
Mães pobres dos morros!
[Mães pobres sem pão.

O ambiente da recepção estava assim preparado por esses espiritos de *élite*, tendo decorrido o encontro para o chá entre as seducções da intelligencia e do requinte social.

* * *

O casal conta hoje as melhores relações no seio da alta sociedade do Rio. Entre artistas, poetas e prosadores, Luis Cané parece um dos nossos velhos companheiros de ideal. Por isso mesmo, a tarde de domingo, enriquecida pela presença das senhoras Mansueto Bernardi, Anna Amelia de Queiroz C. de Mendonça, Margarida Lopes de Almeida, Léa Martins Capistrano, Iveta Ribeiro, Olga-Mary, Henriqueta Lisbôa, para só citar estes que me vêm á memoria, e, entre outros os dos festejados homens de letras Martins Capistrano, Bastos Portella, Andrade Muricy, Tasso da Silveira, constituiu uma nota de espiritualidade e de encantador convivio social.

* * *

Margarida Lopes de Almeida, com a sua incomparavel arte de dizer, interpretou um poema de Luis Cané, traduzido por Bastos Portella. O poema original conservou na magistral traducção de Bastos Portella a belleza, que Margarida Lopes de Almeida animou ainda com o seu talento.

Um tarde memoravel.

A BORDO DO "OCEANIA"

CHA' dançante a bordo de um transatlantico de luxo. Não ha quem resista a um convite desses. Foi o que aconteceu, na semana passada, com a festa promovida a bordo do "Oceania", da opulenta frota italiana.

A grande e bella nave encheu-se de curiosos. Muita gente, que anda a sonhar com a passagem do Equador, foi bisbilhotar a bordo, cheia de uma quasi uncção religiosa nos compridos *decks*, ou nos salões de grande estylo da moderna arte fascista.

Compareceram, entre outras figuras de grande realce social, á festa do "Oceania", a senhora Candido Portinari, a senhora condessa de Robillant, a senhora Francesco Leguio, a senhora Herbert Moses, a senhora ministra Keeling, as senhoritas Celina Liberal, Emilia Polo, Bellá Paes Leme, Mariazinha Frias, Laura de Barros Moreira, etc.

PRAIAS

OUTUBRO presenteou o Rio com o mais bello domingo da primavera. Primavera já verão. Uma alegria immensa animava a cidade, doirada de sol. E as praias tiveram o seu dia glorioso.

* * *

O Flamengo esteve um puro encanto de paizagem e de enthusiasmo. Fervilhou de banhistas. E o mar se espreguiçava, como um amoroso cançado.

Deante de um mar assim, quem ousa arrebatar o nosso amor? Aquelle mar é um symbolo. Repousado e tranquillo, guarda no coração todas as coleras dos grandes desesperos...

* * *

Copacabana excedeu a toda imaginação. Foi, apenas, um deslumbramento. Pela manhã, era um poema de sol e de marinha; á tarde, era a propria poesia feita paizagem.

* * *

Tomei nota de nomes brilhantes da sociedade, em passeio na Avenida Atlantica: senhoritas Flavita e Rosita Carvalho e Silva, Heloysa e Geninha Soares dos Santos, Hilda e Maria Francisca Maciel, Baby Souza e Silva, Maria Celia Thompson Flores, Julita Vieira da Rosa, Ronabe e Edla Von Buttner, Rosalita Candido Mendes, etc.

DIA DO MAGISTERIO PRIMARIO

NO dia 4 de novembro vindouro, o Club Municipal vae realizar uma festa, que promette ser muito bonita. Já se constituiu uma commissão de distinctas senhoras para tratar da organização do programma. Trata-se do Dia do Magisterio Primario.

A commissão é composta dos seguintes nomes: Professoras Maria do Carmo Vidigal Pereira das Neves, Lucinda Woolf Teixeira, Mercedes Dantas, Isaura Paixão Duarte, Jandyra Pereira, Maria Eugenia Aché Pillar, Violeta Motta, Margarida Pinheiro de Almeida, Olga Monteiro de Barros, Cacilda Cardoso, Maria Longo, Lucinda Ramos, Carmen Roma Santa, Argentina Bevi-

Iacqua, Odette da Rocha, Euridina Oliveira, Izabel Mariozzi de Medeiros e Georgina Gonçalves.

Todos esses nomes gozam de um grande prestigio no seio do magisterio primario sendo de esperar, portanto, um grande exito, para a festa, que o Club Municipal vae realizar.

* * *

PASSEIO DE PRIMAVERA

O ar primaveril predispõe ao bom humor. E' o espectaculo é mesmo risonho. Um encanto de parada de elegancia, onde vejo: as senhoritas Léa Ferraz Alves, Maria Luiza Santos, Vera e Olga Barbosa de Rezende, Cecilia Pereira, Maria Eugenia Barbosa de Rezende, Elza Mayrink, Heloysa Ayres, Iris Lopes Garcia, Celeste e Marilia Cardoso Fontes, Conceição e Maria Adelmar Tavares, Lourdes Nelson Machado, Ruth Santiago, Elza Pacheco, Yvonne de Oliveira, Lucia e Ernestina Lobo, Lou Moreira Santos, a senhora Oswaldo Rosado, a senhora Porto da Silveira, a senhora Miguel Oakim, a senhora F. P. Carneiro da Cunha, a senhora Nestor Ascoli, a senhora Ipanema Moreira, a senhora Cte. J. Lucena, etc., etc.

EXPOSIÇÃO TARSILA

MARCOU um acontecimento mundano a inauguração, no penultimo sabbado, da exposição da pintura de Tarsila do Amaral, no Palace Hotel.

Compareceram grandes nomes das artes, das letras e da sociedade. O salão nobre do Palace encheu-se de figuras representativas. Foi uma parada de valores, onde havia desde o ultra-modernista até o mais impermeavel passadista.

Tarsila parecia contentissima. E tinha razão, por varios motivos, inclusive pelo de poder mostrar que á phase anthropophagica de sua pintura precedeu um estagio academico de bons desenhos e de excellentes estudos.

* * *

Entre as artistas, poetisas e escriptoras, viam-se: Vera Janacopulos, Eugenia Alvaro Moreyra, Ulhôa Cintra, Olga Mary, Noemia, Eneida Moraes, Haydée Nicolussi, Anna Amelia Carneiro de Mendonça. E mais: a senhora Carlos Veiga Lima; a senhora Horacio Cartier; a senhora Manoel de Abreu; a senhora Martinelli; a senhora Abreu Lima; a senhorita Rosalia Candido Mendes, etc.

NO POSTO 2

O Botafogo F. C. realizou, domingo ultimo, uma festa original e encantadora. Inaugurou, no posto 2, em Copacabana, uma barraca de praia. Houve musica e danças. Filmou-se o aspecto de belleza e elegancia da interessante reunião praieira. E o posto 2 ganhou mais este premio de animação.

* * *

A festa encheu a manhã de domingo. Uma multidão de banhistas coalhou a praia. E a Avenida Atlantica encheu-se de carros luxuosos, numa parada de corso.

O Botafogo tem razão para se envaidecer da sua linda festa original.

FIM DE SESSÃO

O cinema é hoje o apperitivo do jantar. Assiste-se á passagem do filme, como se bebe um Martini: para se ter bom appetite. E tem uma vantagem sobre os mais finos *cocktails*: não faz mal ao estomago, nem bole com os nervos da gente...

* * *

E' possivel que a estação do calor altere esse habito elegante das cariocas. Ha-de preferir-se a praia, no verão, á sala de projecção do cinema. Comtudo, ainda nesta semana, os filmes tiveram a preferencia. E de 5 e meia ás 7, depois do chá na Colombo, na Americana ou no Ponto Chic, vi numerosas senhoritas e damas elegantes, que foram apreciar o trabalho magistral de Barrymore ou os encantos de *Meus labios revelam*, de titulo tão suggestivo...

* * *

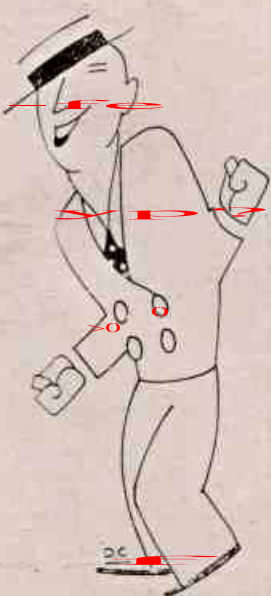
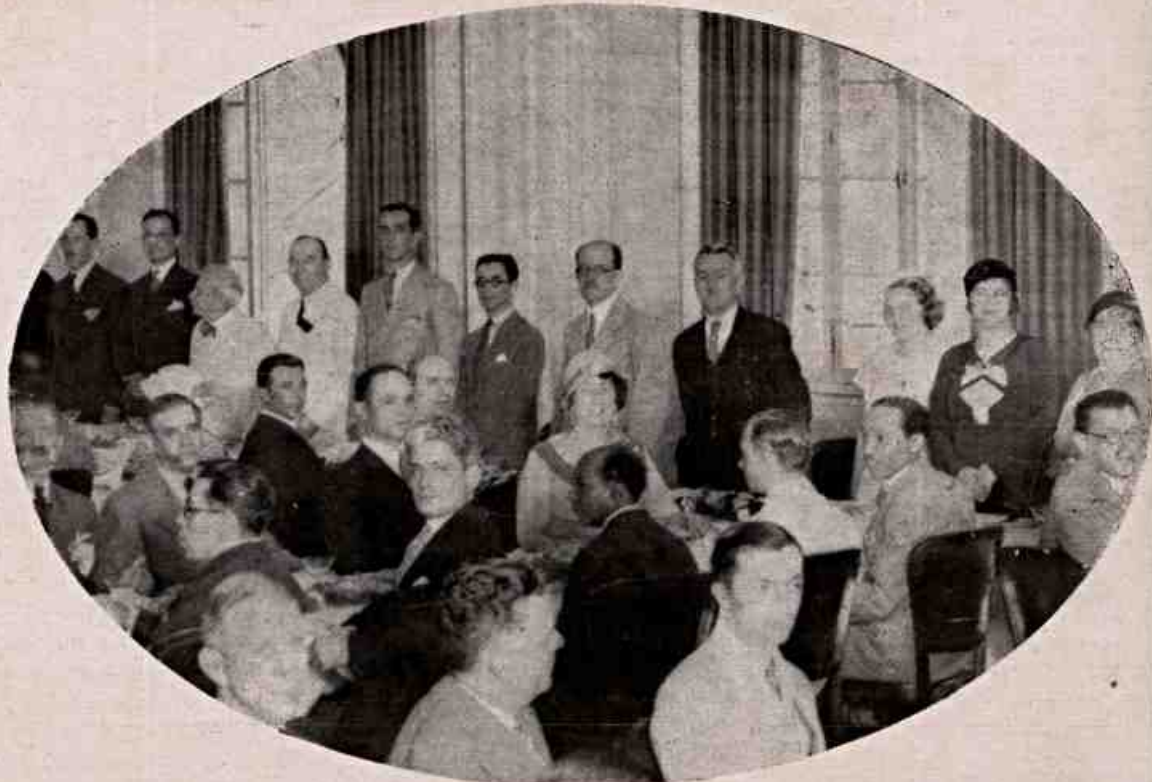
Cahiam as primeiras sombras da noite, quando vi, na direcção do ponto de omnibus, ou dos seus carros particulares: as senhoritas Flavio Dutra, Celia Fabricio, Branquinha Vargas, Costa Lima, Lucia Lobo, Léa Baroukel, Dinorah Coutinho, Magdala da Gama Oliveira; a senhora Milton Weinberger, a senhora Isa Possolo, a senhora José Manhães, etc.

A poesia de Adelmar Tavares sempre foi inspirada nos motivos eternos e universaes da belleza e do sentimento. Não sei, pois, de outro poeta, que fôsse capaz de sentir a miseria negra dos morros, com o abandono da sua infancia e a tragedia da sua maternidade, como o fez, magistralmente, Adelmar Tavares.

Ha, por outro lado, nesse poema uma nota material de composição, que produz effeitos imprevistos para maior belleza do thema emocional.

Que poeta é esse, antigo, que Adelmar me lembra? João de Deus? Ou será Guerra Junqueira, de Os Simples?

Não é nenhum. E' elle proprio, Adelmar Tavares, deante de um espectaculo sombrio e humano, com a sua grande alma sensivel e a sua profunda inspiração poetica.

LUCIANO

Ao illustre professor Frederico Eyer, cathedratico da Faculdade de Odontologia da Universidade do Rio de Janeiro, presidente da Assistencia Dentaria Infantil e superintendente de Educação e Hygiene Dentarias do Departamento de Educação da Prefeitura do Districto Federal, foi offerecido, terça-feira desta semana, um almoço em regosijo pela sua recente nomeação para o alto cargo municipal que elle vem, com tanta proficiencia e tão accentuada visão administrativa, exercendo ha pouco mais de um mez. Promoveu essa homenagem ao eminente mestre da odontologia brasileira um grupo de collegas do professor Eyer, tendo á mesma adherido varios amigos de s. s., que quizeram, assim, manifestar tambem a sua satisfação pelo acto de verdadeira justiça praticado pelo honrado director geral do Departamento de Educação, dr. Anisio Spindola Teixeira. Foi uma festa commovedora e expressiva o almoço ao dr. Frederico Eyer, que teve, nessa reunião de amizade, occasião de verificar o quanto é estimado nesta capital.

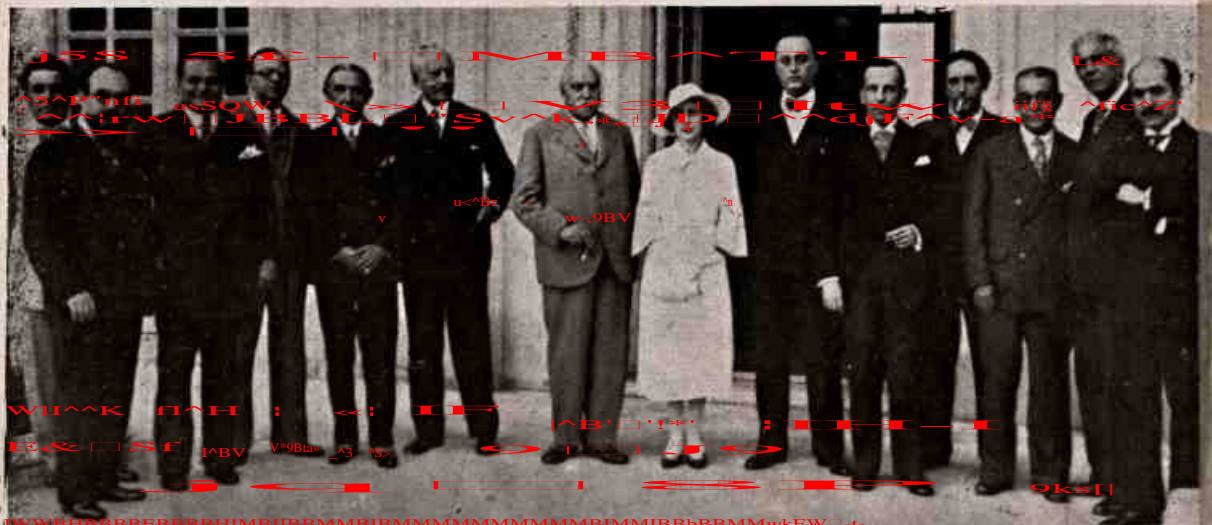
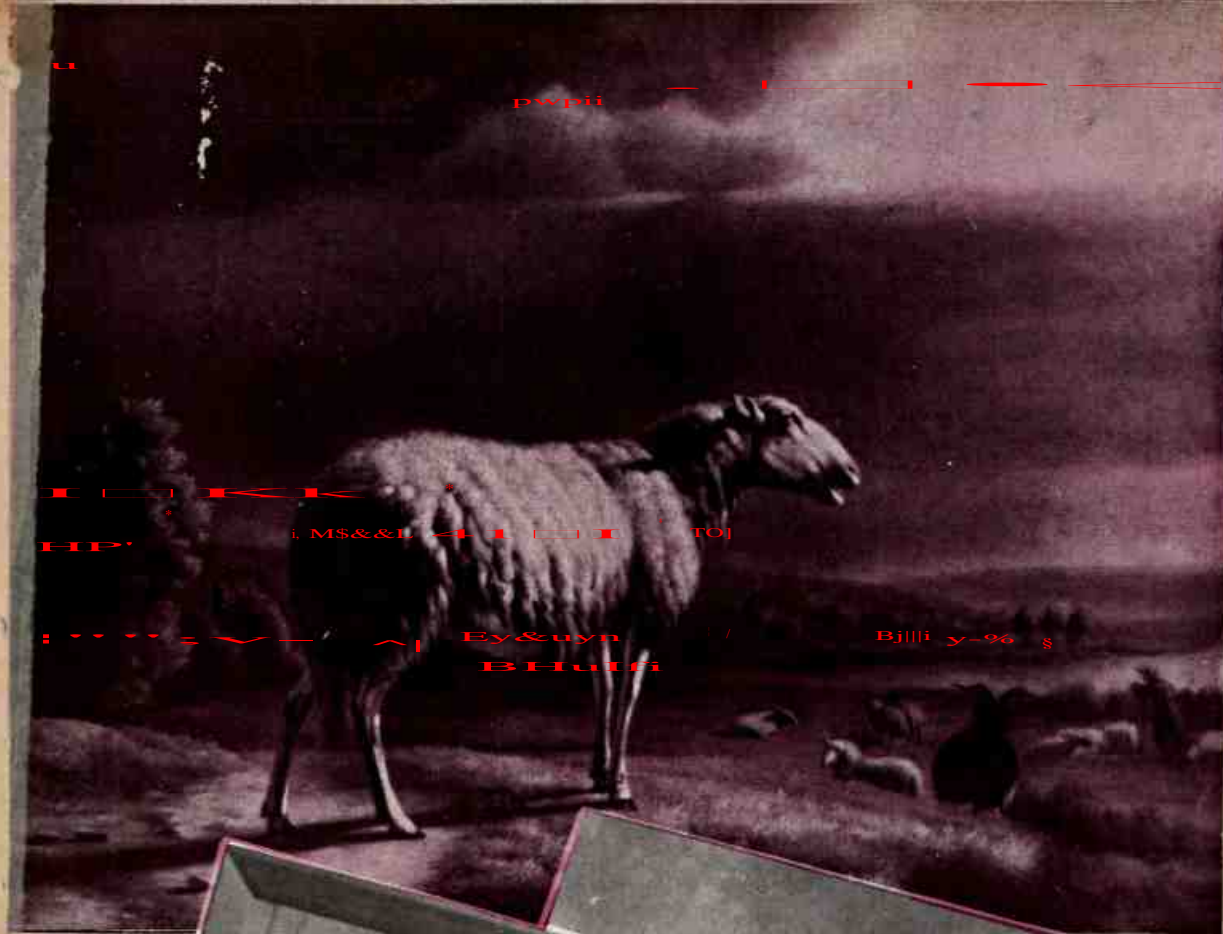
Naquelle Album...

Naquelle "album" que me déste um dia,
Para que eu escrevesse de momento
Um trecho apenas da melancolia,
Da minha vida, do meu soffrimento...

Naquelle Album cheio de alegria
Alguem cantou no seu deslumbramento
O mar... Um poeta disse da agonia
De mil estrellas pelo firmamento!

Outro sentiu o lago azul celeste...
Uma penna traçou com subtileza
O amor dum moço apaixonado e franco...

Mas, dentro desse Album que me déste,
Que silencio, que amor e que grandeza
Naquella folha que ficou em branco!

MURILLO FONTES

O escriptor portuguez Osorio de Oliveira leu, quinta-feira penultima, na Academia Brasileira de Letras, como embaixador da intellectualidade nova de Portugal, uma mensagem dirigida especialmente aos seus collegas brasileiros. No grupo do «cliché» vê-se o distincto intellectual portuguez ao lado do presidente da Academia Brasileira, dr. Gustavo Barroso, e entre outros illustres membros daquella instituição e outros escriptores.

Galeria Navarro da Costa

Alguns dos quadros com que a Galeria Navarro da Costa acaba de inaugurar as suas installações, á rua do Rosário, 144.

«Carneiro» (Balthazar Paulo Ommegauck).

«Marinha» (Theodore Gudin).

«Tocador de violino» (M. de Todt).

«Vacca e gallinhas» (José Thomas Annunciação).

"FON FON" NA AMERICA DO NORTE

A Excursão Turística Cultural aos Estados Unidos, organizada pelo Touring Club do Brasil, revestiu-se de êxito magnífico, levando á grande Nação amiga 125 pessôas, da melhor sociedade desta capital e dos Estados. Nossas gravuras fixam aspectos interessantes dessa instructiva viagem, entre os quaes a visita ao Aquarium de Nova-York; a excursão a Atlantic City; a visita ao Capitolio, em Washington. O grupo maior representa a totalidade dos excursionistas, por occasião da visita á União Pan Americana, na capital norte-americana. Entre os excursionistas, vêem-se os illustres escriptores Afranio Peixoto e Claudio de Souza, membros da Academia Brasileira de Letras, e os drs. Augusto Linhares e Carlos Osborne, figuras destacadas da nossa classe medica. A excursão aos Estados Unidos representa mais um assignalado triumpho para a instituição presidida pelo dr. Octavio Guinle.

(Photographias especiaes para FON-FON, do enviado do Comitê de Imprensa do Touring Club do Brasil, nosso collega Adolpho Aizen).

Caverna de Ali Babá

«AGUAS PASSADAS»

Lamartine F. Mendes, que acaba de publicar «Aguas passadas», é um nome brilhante da nova geração de poetas paulistas. Seu verso, de suave expressionismo lyrico, revela um artista inspirado, de fina e radiosa sensibilidade. Dahi o successo que vem alcançando o seu segundo livro, cheio de delicadeza e de harmonia sentimental. Lamartine F. Mendes é o victorioso autor de «Serras e pantanaes», apparecido em 1928 e cuja edição se acha esgottada.

SURUPANGO

Quando acabei de fechar o livro, que lêra duma assentada, balançando-me numa rede cearense armada sob a quaresmeira do meu quintal, os gallos de campina do viveiro estavam cantando e eu disse de mim para commigo:

— «Quem fez este livro foi uma sabiá vestida de gente.

E só então attentei no prefacio de Heitor Alves, que diz assim: "Passaro do matto que os gaturamos vulgares não conseguem imitar.... Tem cheiro de matto... Ternura bôa de alma simples de riacho..."

Tornei a voltar uma a uma as paginas do livro, cujo titulo evoca a dança sapateada nos terreiros das fazendólas, quando, ao longe, o sertão se povôa de cantos de carros de bois misturados com o silencio branco do luar.... Canna Verde, o poemeto de entrada, que lembra a "caninha verde quando em roda do vapor", explica a alma roceira de Dantas Motta, alma que faz bem á alma da gente pela sua brasilidade:

Ha dentro do meu ser em iriça
um surupango singular,
uma toada chorosa de esperança...

No surupango matinal, a manhã de inverno acorda "assustada do seu somno da noite...:" Conta corrente é uma profissão de fé moça com um pensamento em Deus animador na luta pela vida. No Avança, tropeiro! bate cascos nas arrieiras da estrada a "burrada bôa, de cascos finos", a burrada que fez o Brasil e cujos heróes desconhecidos ainda não tiveram estatua, embora não faltam monumentos a muitos burros desconhecidos...

«OS TRES TINTEIROS»

Manoel Victor é uma figura impressionante de homem e de escriptor. Na distincção inegualavel de suas attitudes, na sinceridade do seu olhar, na correcção do seu procedimento, elle se revela um cavalheiro antigo, um gentilhomem desses que o pragmatismo do ultimo século matou. A sua arte é o reflexo do seu ser moral e physico: discretamente elegante no estylo, perfumada de verdade nos conceitos, cheia de idealismo e de fé. Com a fabula dos tres tinteiros: o do rei, que exprimira o poder politico, o do usurario, que exprimira o poder do dinheiro, e o do poeta, que exprimira o poder das idéas, — elle inicia a série de chronicas leves, despretenciosas e, ao mesmo tempo, impregnadas de sentimento, reunidas em livro. Em todo este, se sente que foi escripto com tinta do terceiro tinteiro, o do poeta. Porque na prosa de Manoel Victor rebrilha o idealismo dos poetas.

«HORA DE SOL»

De artigos, contos e chronicas estampados nos jornaes e revistas pelos quaes espalha os productos de sua actividade literaria, Raul de Azevedo compôz este volume digno de nota. São paginas simples, retratando figuras e idéas, concertando factos e discreteando sobre emoções e cousas. Ao mesmo tempo, muita saudade, muitas recordações: de terras, cidades, épocas, homens, mulheres, livros. Ora, faz aflorar um sorriso aos labios; ora, uma lagrima ao canto dos olhos. Porque, na nova obra do fecundo prosador, palpita a vida. Não ha fazer-lhe melhor elogio.

Vede nos ultimos versos da poesia o sentido brasileiro do poeta e a profundez do que elle diz syntheticamente:

...cantam os cincerros
e a burrada bôa,
aos gritos fortes
do tropeiro forte,
sobe e desce morros e serras ..
e a madrinha sem modo
brinca alegre,
tocando o pingue-lim,
a madrinha do tropeiro
e rasgando estradas...

Antes dos governantes declararem ao Brasil que "governar é abrir estradas", os burros sabiam disso e tinham feito isso.

O Beijú da Cabocla tem o gosto e o perfume do mel dos arapuás. A Vista Topographica é uma cintura de matto cheiroso do sertão. O Cemiterio é a ultima casa do arraial... A Noite tem um riso de silencio no espelho da lua. Quando chove, os campos são pensamentos encharcados. Tres Irmãos são tres serras que desafiam o céo com espadas azues.

No Surupango Meridiano, banza o campo sob o sol silencioso, chora

(Continúa na pag. 44)

Na parada de elegancia automobilistica realizada na avenida Atlantica, por iniciativa do Automovel Club do Brasil, e que tanto successo alcançou, a senhorita Maria de Lourdes Fernandes, dirigindo o seu bello automovel Cord, que ahi se vê ao lado da gentil «chauffeuse», conquistou a victoria principal da tarde, pois a commissão julgadora a classificou em primeiro logar no original desfile.

FILIGRANAS

O estylo barrôco é um estylo de decadencia. A arte das decadencias, porém, possúe bellezas sem par e ás vezes é na vertigem dessas decadencias que surgem os grandes espiritos do mundo. O Flamboyant e o Manuelino são decadencias admiraveis. Ainda ha bellezas na degenerescencia do Rococó.

Dentro do barrôco se desenvolveram os germens do amaneiramento que trazia em si a arte academica da Renascença, que ainda mais fortemente se revelaram na pintura, na escola de Bolonha.

O barrôco é um estylo que, apesar de todos os seus defeitos, exprime os sentimentos de sua época e corresponde ás suas necessidades de toda a ordem.

POEMAS EM PROSA

Depois de muitos dias de chuva dolorosos e enfadonhos, a festa verde de uma radiosa manhã veiu trazer um sorriso nos labios do poeta lyrico.

Um anjo louro, trazendo nos braços a cesta refulgente do sol, derramou muitas medalhas de ouro sobre a terra.

Subiu para o azul, numa prece, o cantico dos passaros.

* * *

Hontem, em estylo vibrante e nervoso, eu compuz o meu lindo *poema azul*. O meu poema ficou, porém, guardado no recesso intimo da minha alma. Elle não veiu para o papel.

O meu *poema azul*, que não escrevi, talvez tivesse sido, entre todos, o mais bello.

O meu poema de rythmo perfeito não veiu para o papel.

Elle ficou na minha alma.

Harmonia interior...

PAULO FREITAS

Grupo tomado no studio da Radio Sociedade do Rio de Janeiro, por occasião do recital que alli realizou a joven violinista brasileira Carmen de Assis, em homenagem á imprensa carioca.

Grupo de universitarios integralistas de S. Paulo.

O academico de direito Angelo Simões Arruda e o joven empregado no commercio José de Lima Franco, no dia da passeata integralista pelas ruas da Paulicéa.

Alumnos do Lyceu de Campos que compareceram á fundação do nucleo integralista de São João da Barra.

Aspecto tomado no dia da inauguração do nucleo de Rio Claro, em S. Paulo.

O INTEGRALISMO EM SÃO PAULO E NO ESTADO DO RIO

O nucleo integralista de São João da Barra, tendo ao centro o dr. Thiers Moreira, chefe da Provincia do Rio de Janeiro. Em baixo: aspecto do theatro de São João da Barra no dia da fundação do nucleo integralista daquella cidade fluminense.

Alto-Falante

Carmen de Assis, a violinista de quinze annos, que realizou, com successo, no dia 17 deste mez, um brilhante concerto no theatro Municipal. A critica, unanime, referiu-se, em termos enthusiasticos, ás qualidades excepcionaes da joven e já gloriosa artista.

RECONQUISTA...

— POR que has de ser sempre assim?

— Assim como?

— Creança...

— Creança?

— Sim. E, no emtanto, és uma mulher em pleno outomno da vida...

— Velha, talvez, não é?

— Não te disse isso. Pelo contrario: és ainda um mixto de floração de primavera com fragrancia outomnal.

— Mas, emfim, que queres dizer?

— O que sempre te tenho dito: isto é, que deves comprehender melhor a vida e as responsabilidades que ella te attribuiu por força mesma da tua situação.

— Estás, hoje, muito conselheiral, sabes? Deixa-me viver como quero e entendo e vive tambem como achares que deves fazêl-o.

— Está bem: faça-se a tua vontade. Entrego-te ao teu destino. Sê feliz, se é que poderás sêl-o ainda... Adeus...

— Adeus? E' assim, então? E' dessa maneira que provas o teu amor, a tua dedicação por mim? Porque, se querias chegar a este resultado, vieste para mim offerecendo-me uma affeição que dizias sincera, profunda, e para toda a nossa vida?

— Dei-te as maiores e mais fortes demonstrações do meu amor. Tu, porém, nunca me quizeste comprehender... Nunca... E...

— Dize, termina o teu pensamento.

— Para que? Não vale a pena... Melhor será que nos separemos aqui, nesta encruzilhada da vida, apenas com um adeus... Um adeus sem palavras... Um adeus que só os nossos olhos expressam e que só os nossos corações comprehenderão e sentirão...

— Adeus? E o passado? Todo o nosso passado? Este passado de tantos annos que tanto nos vinculou um ao outro?

— Guardal-o-emos ambos dentro de nós e alimentaremos a sua recordação queimando em seu louvor, continuamente, a myrrha e o incenso da nossa immensa saudade... da saudade que o eternizará...

— Escuta, querido: não, assim não. Por que

(Conclue na pag. 48)

Sylvinha Marques e Roberto Tavares são duas legitimas expressões da arte pianistica brasileira. Figuras de destaque na sociedade carioca, os jovens e consagrados artistas do teclado acabam de fazer-se ouvir, em datas differentes, interpretando autores classicos e modernos. O recital de Sylvinha Marques realizou-se no dia 12 do corrente, no theatro Municipal, e obteve um exito digno das qualidades da joven e formosa pianista. Roberto Tavares apresentou-se sete dias depois, a 19, tambem no Municipal, e recebeu os maiores applausos do publico que enchia o theatro official.

O general João de Deus Menna Barreto foi um dos membros da Junta Pacificadora que assumiu o governo da Republica no dia 24 de outubro de 1930. Terça-feira ultima, quando passou o terceiro anniversario da revolução de outubro, realizou-se uma commemoração civica junto ao tumulo do illustre soldado, cuja memoria ali se reverenciou tocantemente, por iniciativa de um grupo de amigos e admiradores do general Menna Barreto. Aqui está um flagrante dessa homenagem posthuma.

Com a presença da sra. Italia Gomes Vaz de Carvalho, filha do immortal compositor de «O Guarany», inaugurou-se sabbado ultimo o Studio Carlos Gomes, que tem como directora a illustre pianista brasileira sra. Anna Bemvinda Dias de Toledo. Este grupo foi tomado por occasião da solennidade.

Caverna de Ali Babá

(Conclusão)

* * *

terra quente do velho terreiro, arroxca-se de Quaresmas o velho caminho. Nos Surupangos coloridos, fala Nhá Valeria, baila a Indifferença e range a porteira na Bôoca do Matto. No Surupango vespertino, as vibrações infantis dos bailados da criançada enchem a tarde de alegria, os campos se enfeitam de gangas amarelas ao morrer do sol e a sabiá canta na natureza sonora. E, no Surupango nocturno, o silencio do matto dorme, o bailado mysterioso dos japecangas chora tostões de orvalho, geme a sanfona e soluça a viola no ponteado doloroso, o capote da neblina se encaranga de frio e a morena de peitos empinados dança a dança turuna do sertão...

Fecho o livro e penso no sortilegio roceiro desses lindos versos, esfusiantes de seiva e de originalidade, que me acordam a recondita saudade sempre viva do Nordeste. E sorrio, victorioso:

— E' a mocidade como a de Dantas Motta, a mocidade que comprehende e ama o Brasil que salvará o Brasil!

SÉSAMO

O padre Carvalho, representante do interventor de S. Paulo no Congresso Eucharistico da Bahia, ao receber a manifestação dos academicos e das senhoras bahianas, em S. Salvador, antes de deixar aquella capital.

NA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

No alto: a grande cantora brasileira sra. Bidú Sayão, entre directores da Associação Brasileira de Imprensa, por occasião de sua visita, antes de deixar o Rio, com destino á Europa, á casa dos jornalistas. Ao centro: o ministro Luiz Robalino Davila, do Equador, e o nosso confrade da imprensa gaucha Adolpho Luiz Dupont, recebidos na A. B. I. Em baixo: a visita do jornalista hollandez C. K., acompanhado do ministro J. B. Hubrecht.

Trepações

O maestro Fructuoso Vianna, figura de prestigio nos circulos musicaes desta capital e de S. Paulo, realizou no dia 23 do corrente, no salão do Studio Nicolas, um recital de composições suas, entre as quaes figuraram, com successo, as novas peças «Corta-Jaca», «Sete miniaturas» e «Jogos pueris» e mais a victoriosa «Dansa de Negros», considerada a melhor producção do genero. Foi mais um brilhante triumpho artistico do maestro Fructuoso Vianna.

Uma «pose» de Tales, o galante e querido filhinho do sr. Americo Ferreira da Rocha e de sua exma. senhora, d. Maria Pinto da Rocha, e sobrinho do illustre jornalista e professor dr. Adriano Pinto.

PARA que serve um automovel? A nossa pergunta bem podia ser respondida por um rapaz de apparencia distincta que possúe um carro, e mais pela interessante rapariga, assidua companheira do *chauffeur* amador, nuns passeios esquisitos e ligeiros, lá pelos lados de Copacabana. Que os dois façam a sua excursão habitual de automovel, está certo, pois é da vida...

Muita gente bôa faz o mesmo, isto é, passeia de automovel e nisso não vae mal algum. Entretanto, o que não está certo é o resto da historia que anda escandalizando os transeuntes pacatos de uma das mais desertas ruas daquelle bairro chic. Pelos modos, parece que a pequena se afasta de casa usando de uma artimanha qualquer, pois nem traz chapéu, e o maroto, de caso pensado, conduz o automovel até a rua mal illuminada, onde estaciona o carro com grande escandalo para o publico.

Depois... Ora, depois se adivinha o resto... O facto demonstra cabalmente que vivemos numa grande cidade despoliciada, onde cada individuo age como quer e entende, certo de não ser contrariado. Mas, ás vezes, é prudente não abusar.

Numa das ultimas tardinhas chuvosas da semana finda, o interessante parzinho ia sendo colhido por deliciosa surpreza... Si o *chauffeur* amador não fosse tão ligeiro, pulando para o volante, teria sido pilhado com a bôcca na botija. De outra feita, porém, não escapa. E vae ser uma belleza!

UMA paixão que durou apenas dois mezes, tão sómente, porque o coração foi vencido pela razão. *Mademoiselle* é dotada de um sereno espirito pratico, e sabe encarar com absoluta segurança os problemas da vida.

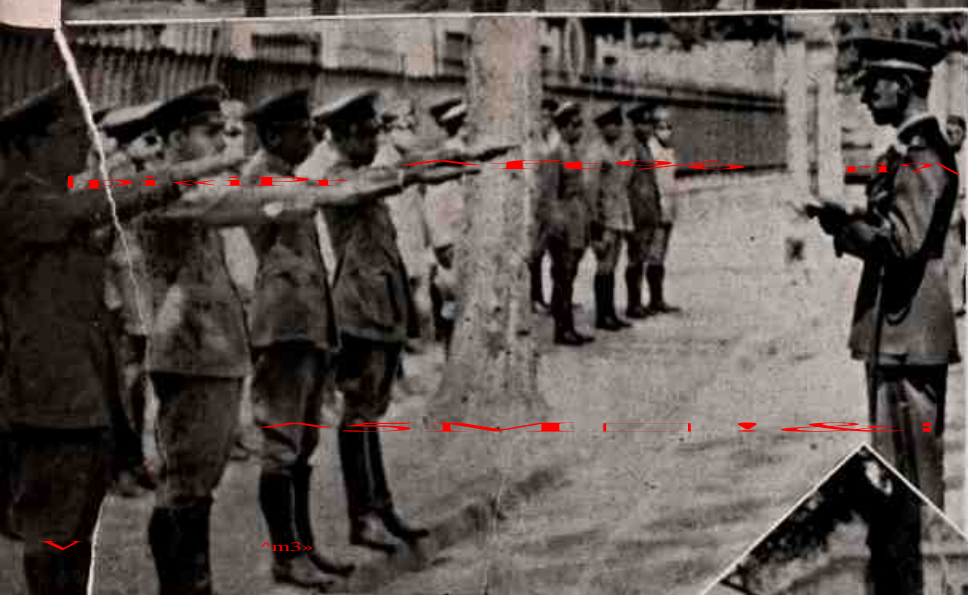
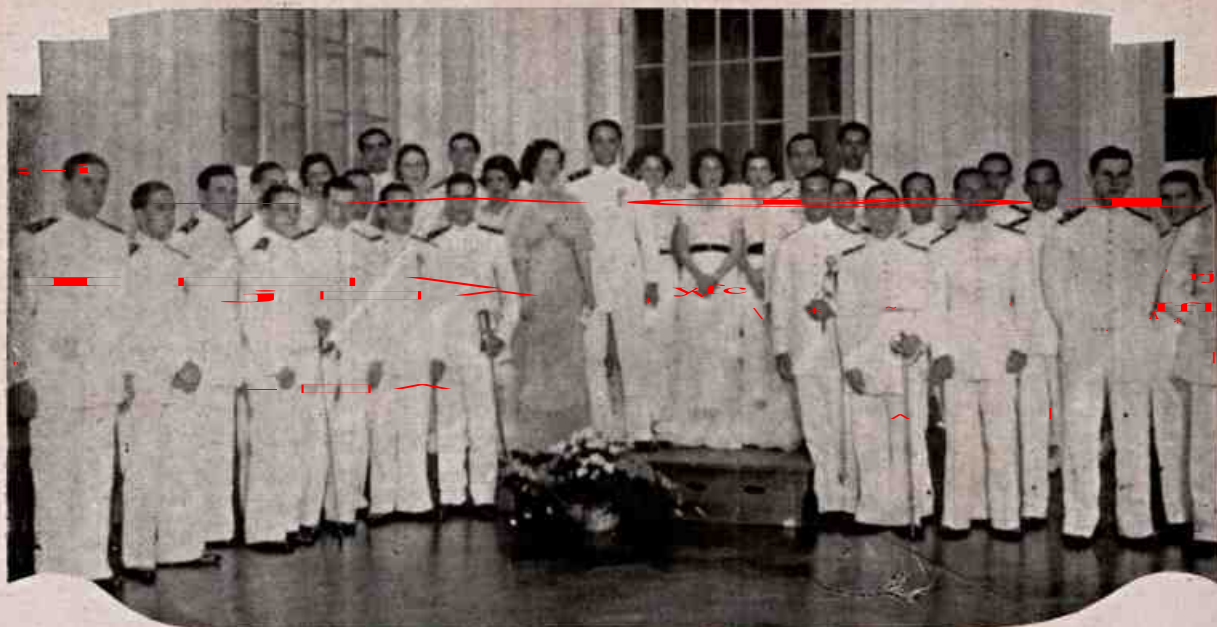
A primeira impressão que teve do rapaz foi excellente.

Póde-se affirmar que a menina ficou deslumbrada com as bôas maneiras do moço, a sua apurada educação, o seu bello physico. Os paes tambem ficaram encantados, sobretudo vislumbrando um bom casamento, coisa difficil, presentemente. Quando o candidato á mão da pequena declinou a sua qualidade de militar, foi um alvoroço! Etapa, soldo, reforma, maravilha das maravilhas! Estava o futuro de *mademoiselle* mais do que garantido. A coisa pegou fogo... No melhor do enthusiasmo, entretanto, a interessante pequena teve uma surpreza desconcertante. O escolhido tinha as vistas voltadas para uma das armas mais ingratas da carreira: a da aviação. Horror!

Essa historia de andar pelos ares era um perigo. Ella não teria mais socego, pensando que estava sempre na imminencia de uma prematura viuvez... No melhor da festa, catrapuz... Apparelho e marido despenhando das alturas. Depois, que seria da sua vida?...

Considerou sobre o caso e acabou desistindo. Apagou as chammas da paixão. Os paes louvaram o censo pratico da filha.

E de todo esse *grande amor* só restam cinzas...

Edy Sá Couto, intelligente e applicada alumna do 2.º anno gymnasial do Collegio Baptista.

O Centro de Preparação de Officiaes da Reserva acaba de declarar aspirantes mais uma turma de alumnos de seu curso militar. A cerimonia da respectiva declaração realizou-se na manhã de domingo passado, no quartel do C. P. O. R., e revestiu-se do maior brilho, tendo comparecido altas autoridades do Exercito e as familias dos novos aspirantes. Esta pagina fixa os principaes aspectos da linda solennidade militar.

Os novos aspirantes a official da reserva do Exercito, pertencentes á turma de 1933 do C. P. O. R., offereceram sabbado á noite, para festejar a terminação de seu curso militar, um elegante baile, que se realizou nos salões do Club Germania, e teve o esplendor mundano de uma brilhante reunião social.

ALTO - FALANTE

(Conclusão)

viver das cinzas do passado quando o presente e o futuro ainda nos poderão propiciar o momento, a hora azul da nossa completa felicidade!

— A felicidade como a comprehendes, minha filha, é tão differente do anseio de felicidade que faz o rythmo da minha illusão interior!

— A tua illusão interior? E qual é essa illusão?

— A feitiça miragem de um amor que quanto mais persigo mais me foge...

— Ah! comprehendo. Amas outra mulher...

— Não. Sempre a mesma. Esta, porem, tem a volubilidade, a inconstancia de todas as miragens...

— E se essa mulherzinha — miragem, feitiça, volúvel, viesse ao teu encontro para fazer realidade a tua illusão interior?

— Tu?

— Sim. Eu. Eu, que sempre te amei tambem e a quem nunca procuraste comprehender!

— Talvez tenhas razão. Quantas vezes, quanta, as almas e os corações que se amam sentem tão longe, tão longe a sua felicidade commum...

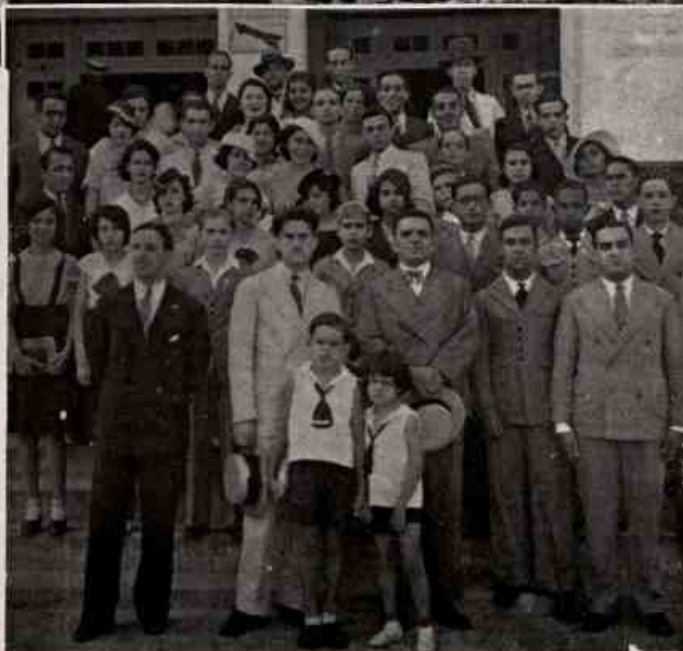
— Quando ella está, como agora, essa felicidade, ao alcance do nosso beijo...

— Sim, querida, deste beijo em que te reconquisto para sempre...

MAX LINDER

No salão nobre do Centro Social Feminino, á rua Marquez de Abrantes, a distincta declamadora e cantora bahiana senhorita Mariêta Mercêdes Lopes de Souza, filha do antigo governador da Bahia dr. José Marcelino de Souza, realizou uma hora de arte em homenagem ao illustre interventor Juracy Magalhães, que se vê ao centro do grupo, tendo á sua esquerda a illustre artista. Nessa brilhante festa tomaram parte, tambem, a violinista Hilda Maria Saraiva, a pianista Zelia Autran e o professor Souza Lima, que fez os acompanhamentos.

Enlace da senhorita Marina Deschamps Baster com o sr. João Baptista Mello Guimarães, secretario do dr. Lourival Fontes, director-geral da secretaria do gabinete do interventor do Districto Federal.

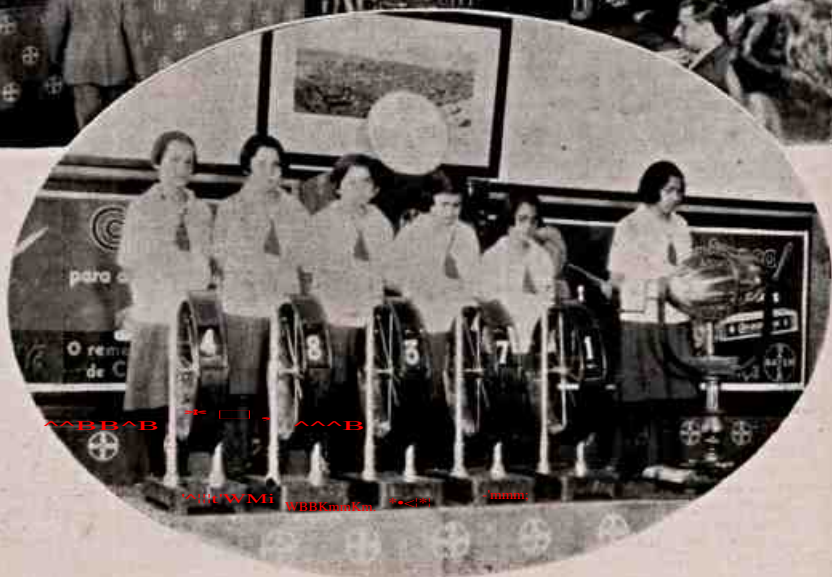
A mesa que presidiu á solennidade realizada no Centro Republicano Portuguez Dr. Affonso Costa para commemorar o anniversario da Republica Portugueza.

Grupo de alumnos do Curso Freycinet que visitaram a Feira de Amostras, acompanhados do professor Alberto Francisco Moreira, decano do corpo docente daquelle estabelecimento.

SABEDORIA

Nunca te vanglories do que não depende de ti. Si um cavallo pudesse falar, e dissesse: "Sou bonito", isso poderia supportar-se. Mas que digas tu, com orgulho: "Tenho um bonito cavallo", não. De pouco te envaideças, pois que a unica coisa em que tomas parte é no mal uso que fazes de tua imaginação. Quando della te utilizares, sem contrariar a natureza, poderás vangloriar-te, porque te glorificarás de um bem que é teu. — *Epitecto.*

Não esqueçamos nunca que o bom só se alcança por meio do melhor. — *Victor Hugo.*

O Syndicato de Vendedores e Distribuidores de Jornaes e Revistas de São Paulo convocou os seus associados para uma reunião em que se devia proceder á leitura dos estatutos do mesmo Syndicato. A reunião teve logar na séde daquella associação de classe, sob a presidencia do representante do ministro do Trabalho, dr. Raymundo Pinheiro, que ahi apparece, ladeado pela directoria do Syndicato.

O «Sorteio de Sympathia», original concurso promovido pela Casa Bayer e dedicado, com grande exito, aos pharmaceuticos do Brasil, teve o seu remate na expressiva solennidade da extracção dos quinhentos premios do certamen, a qual se acha amplamente documentada nos dois aspectos photographicos do nosso «cliché».

FON-FON NO CINEMA

O CANTICO DOS CANTICOS

(The Song of Song) — Da PARAMOUNT — com Marlene Dietrich

LILY CZEPANEK, uma linda e singela campezina, por morte de seu pae, ficou só no mundo e sem nenhum amparo. Seu pae não lhe deixou vintém, mas ella tem um patrimonio de infinito valor, a sua fé, o seu amor pelo "Cantico dos Canticos". As effusões inspiradoras da alma de Salomão, glorificando o amor em toda a sua belleza e plenitude, são para ella um balsamo sem preço. E, na solidão em que ficou, ella murmura a canção de Salomão, confiante em que a belleza, a poesia da vida, hão de também vir ao seu encontro:

Eu durmo, mas em somno a minha alma [desperta
E a sua voz de [mel nitidamente [escuto:
"Para que eu [chegue a ti, [deixa-me a por- [ta aberta,
Meu amor impo- [luto!"

Lily vae para Berlim e alli começa a ganhar a vida na bibliotheca popular da sra. Rasmussen, em companhia de quem vive. Ao contacto dessa senhora, de exterioridade attrahente e affectuosa, mas tyrannica, desleal e ainda por cima alcoolica contumaz, quasi se abate o bello espirito de Lily e a sua esplendida confiança na vida. Por felicidade, cruza-se em seu caminho Waldww, um joven esculptor, e Lily pensa ter chegado com elle á realidade do amor em que ella poz toda a sua fé innocente.

Waldow vive do outro lado da rua. Fascinado pela belleza da campezina, elle convence-a a posar para a estatua que vae modelar em breve. De noite, frustrando a vigilancia da sra. Rasmussen, Lily esgueira-se de casa e vae escondidamente ao atelier de Waldow, a quem serve de modelo. Cem o correr dos dias, os dois jovens vêm a descobrir que se amam. E é então para Lily a revelação do amor em toda a sua belleza, com as suas dores agri-doces, com a sua magnificencia inexcedivel. A vida enche-se para ella da alegria de estar junto do homem amado, e, na plenitude da dedicação reciproca, ella vê claramente a promessa de uma existencia futura, rica de todos os milagres qui géra a felicidade perfeita.

No studio de Waldow, Lily vem a fazer o conhec'mento do barão Von Merzbach, um fidalgo mundano, senhor de grande fortuna, a quem a belleza da rapariga completamente subjuga. Waldow tambem ama a doce campezina, mas com o amor de um moço sequioso de aventura e de romance, avesso a deixar que a sua carreira soffra a opposição de qualquer obstáculo.

Não é, pois, difficil tarefa para o barão convencer Waldow a desistir do amor de Lily, fadada para as grandes opulencias da vida, e a quem o joven artista, ainda em inicio de carreira, nada póde prometter senão a pobreza. O fidalgo, muito ao contrario, lhe dará não só o seu titulo, mas também a riqueza, e a mandará educar, proporcionando-lhe todas as facilidades para que se apure a sua intelligencia.

Waldow abandona Lily, sem coragem para a prevenir antecipadamente da sua resolução. Lily sente-se abatida pela desillusão que lhe traz o abandono de Waldow. Na mesma occasião a sra. Rasmussen, que descobriu os furtivos encontros de Lily com o esculptor, expulsa-a de casa. Attonita, aniquillada pelo infortunio, a linda campezina deixa-se persuadir a acceitar por esposo o barão. Tarde demais, Waldow arrepende-se da sua fraqueza e da violação dos seus juramentos.

O barão conduz a sua noiva a um lúgubre castello, no interior do paiz, e Lily descobre então o erro trágico em que cahiu. Fria como a estatua que a sua belleza inspirou, Lily cumpre os deveres que a sua nova situação lhe impõe e responde, tal um automato, aos esforços systematicos que lhe são exigidos para que ella se torne uma grande

(Continua na pag. 51)

PEREGRINAÇÃO

Da FOX

com *Henrietta Crosman* e *Marion Nixon*

A sra. Hannah Jessop adora seu filho Jim. Essa adoração é tão intensa, tão forte, que a simples idéa de que elle possa gostar de uma moça a enche de preoccupações, de receios, de zelos. Mas a vida tem imposições imperativas. O que tinha de acontecer aconteceu. Jim enamorou-se de uma linda pequena, Mary Sanders, que vivia na fazenda da sua vizinhança. A mãe de Jim oppõe-se a esses amores e para os destruir faz com que Jim seja forçado a alistar-se para a guerra. O grande resentimento que desde então começou a existir entre mãe e filho fez que a sra. Hannah Jessop resolva não se despedir do filho. A's escondidas, porem, vae ver a sua partida e encontra-o na gare nos braços da sua amada que lhe confessa nesse momento que vae ser mãe.

Precisamente no instante em que chega a noticia de que Jim morrera no *front*, é a velha e fria senhora chamada para assistir ao nascimento de seu neto, por quem não pode sentir amor como o não sente por sua pobre mãe. Passam annos e, entrando pouco a pouco na consciencia da sua maldade, a pobre mulher começa a soffrer os remorsos dos seus actos. Faz parte do grupo de mães americanas que perderam filhos na guerra e que são nessa qualidade enviadas a Paris. Ella, porem, declara que não lhe cabe o direito de estar entre as grandes almas sacrificadas, por isso que ella fora quem levara propositadamente o filho á morte.

A sua dor por esse motivo é enorme. Procura, fazendo o bem, remediar a sua culpa, convencendo as mães que hostilizam o amor dos filhos que ao contrario os protejam, porque é essa a unica felicidade. Por fim, a sua amargura, a sua peregrinação, a sua desdita tem fim: conquista o perdão da nora e do neto.

Quando o amor faz a moda

Producção da UFA — Direcção de Franz Wenzler

Interpretação de RENATE MÜLLER, GEORG ALEXANDRE e OTTO WALBURG

NELLY tinha duas paixões escondidas no peito: — uma era a de que, simples costureira nos grandes armazéns de modas Farrell, sentia não poder dar expansão ao seu genio creador de modas; e a outra era o amor que sentia por Charley, o desenhista da casa, famoso pelas suas creações e que, sempre cercado de mulheres bonitas, talvez até desconhecesse a existencia de Nelly. E Nelly sentia-se feliz com uma pequena vingança que tirava pelo sopitamento dessas duas paixões: tendo recebido para confeccionar a ultima creação de Charley, resolvêra modificar o desenho! O modelo pedia costas cobertas... Pois Nelly iria cortál-o com um decote de desenho seu, deixando as costas completamente descobertas.

Mas essa toilette era para uma mundana que, tendo soffrido alguns córtes do seu lindo dorso, em um desastre de automovel, não poderia usar costas descobertas, e por isso Charley creára para ella esse novo modelo. Calcule-se, pois, a raiva della quando se viu assim exposta, no atelier de provas da Casa Farrell! Charley indignou-se com a joven costureira que, por signal, na noite da vespera, elle conhecêra no baile das artistas e «midinetti». E ella, que já alimentava uma alegria secreta de ter sido distinguida por elle, viu-se na obrigação de desmanchar a sua obra.

Nesse meio tempo, porém, succedia que o sr. Hansen, amante della e quem lhe ia pagar o vestido, via a sua fortuna ir por agua abaixo. E' que elle se deixára engodar por um homem a quem a amante apresentára, e esse homem conseguira vender-lhe nada menos de 70.000 pelles de macaco! E as pelles de macaco haviam cahido por completo da moda, pelo que elle estava arruinado. Tendo entretanto de pagar o vestido, e como a amante o tivesse deixado, elle o presenteia a Nelly, que, nestas condições, não fará nelle as modificações pedidas pelo desenhista.

Entretanto, reunia-se a commissão de modas, da Europa. Representantes da Allemanha, da Austria, da Inglaterra, da Italia, reuniam-se alli em Paris, para discutir o que iam ditar ás elegantes nessa temporada. Fabricantes de fazendas, de sapatos, e desses artefactos que fazem a moda, não chegavam a uma conclusão a respeito. A Casa Farrell ia apresentar o modelo que Charley desenhára, afim de impingir a fazenda azul saphyra que só ella fabricava. Era preciso apresentar esse modelo, e como agora Nelly era a sua dona, ella teve de comparecer, e quando Charley fazia a apologia das costas cobertas, eil-a que surge adoravelmente elegante e linda, com o soberbo decote que lhe deixa á mostra todo o dorso. Os da commissão todos se sentiram attrahidos para ella. Charley viu-se derrotado, e Farrell tambem, pois que ella, chamada a dar a sua opinião, acha que não se deve impôr a côr, que deve estar de accôrdo com o todo da mulher que vae envolver. E dita outras cousas, que são todas acceitas, agradando a todos os presentes. E, por fim, querendo servir a Hansen, que na vespera fôra tão bom para ella, impõe que a moda use pelle de macaco!

Hansen fál-a sua sócia, e Nelly então impõe a Farrell um preço altíssimo pelas pelles. Foi Charley quem foi enviado a confabular com ella, e o certo é que acabaram amando-se... Charley conseguiu que ella abaixasse o preço? Qual nada! O sr. Farrell ainda teve de pagar muito mais...

[illegible], da Paramount, está com vergonha...

A vida aventurosa de Diamond Jim Brady vae ser illustrada no *écran*, conforme se deduz da compra recentemente feita pelo productor Charles R. Rogers dos direitos de filmagem da obra de Michael L. Simon, "O Maior Esbanjador do Mundo".

O film, que será lançado pela Paramount, terá como director Harry Joe Brown e como interprete principal George Bancrofort.

* * *

AS cotações de autographos que vigoram em Hollywood estão a indicar que a popularidade das *estrellas* nada tem que ver com o valor das suas assignaturas.

Um computo feito nos studios da Paramount, por occasião da filmagem de "Golden Harvest", demonstrou que por 40 dollars se poderiam obter os autographos de todos os artistas que entram na fita: Richard Arlen, $12.50; Chester Morris, $10; Genevieve Tobin, $10; Roscoe Ates, $2.50; Julia Haydon, $5.

Um autographo de Rudolph Valentino foi recentemente vendido por $75. As *estrellas* mais retrahidas, aquellas que mais raramente se deixam ver em logares publicos, são as que têm as suas assignaturas mais valorizadas. Assim, Mae West, Greta Garbo e Marlene Dietrich têm a cotação de $25, por assignatura. Maurice Chevalier, com toda a sua celebridade, não alcança mais de $20, pelo seu *jamegão*.

Frederic March, John Barrymore, Wallace Beery, Herbert Marshall, Charles Laughton e Norma Shearer estão cotados a $17.50; Bing Crosby, Janet Gaynor e Marie Dressler, a $15.

Cada um dos quatro Irmãos Marx obtem pela sua assignatura $10, mas, pelas quatro assgnituras, reunidas numa folha de papel, pagam-se sem difficuldade $50.

Agora uma nota curiosa para os *fans* que se dedicam a essas acquisições: emquanto George Bernard Shaw avalie em $1000, o seu autographo, os *fans* não querem pagar por elle mais de $1.50, o mesmo que pagam pela assignatura de qualquer outro escriptor, por mais famoso que seja.

Os nossos *fans*, de posse agora destas informações, que mettam a mão ao bolso e vejam que acquisições mais lhes convêm.

* * *

QUANDO o cinema lançou os seus primeiros arraiaes em Hollywood, as pessôas da *haute gomme* de Pasadena e de Los Angeles friamente voltaram as costas á grande maioria das heroinas do celluloide. Era nos primeiros tempos da grande industria, e nessa época não raro as jovens *estrellas* em embryão commettiam *gaffes* que denunciavam claramente as humildes camadas de onde eram procedentes.

Mas, desde então, quanta mudança! Ha hoje em toda Hollywood, uma safra de jovens actrizes cujas maneiras, cuja educação, cuja intelligencia, cuja distincção as põem a par de qualquer joven *débutante* de Nova-York, no que diz respeito á compostura social.

Elizabeth Young, filha de um juiz com assento em Nova-York, personifica esse novo regimen. Graduada pela famosa escola de Miss Spence, está actualmente contractada pela Paramount, para quem acaba de filmar "Big Executive".

Judith Allen, a mais recente descoberta de Cecil B. de Mille, é um producto acabado das escolas de aperfeiçoamento do léste dos Estados Unidos.

Outro tanto se póde dizer de Frances Fuller, que fará a sua estréa como dama de Gary Cooper em "One Sunday Afternoon". Sobrinha do senador americano Byrne, representante da Carolina do Sul, Miss Fuller foi educada nas escolas superiores de Charleston, Washington e Nova-York.

Arlenne Ames é elemento qualificado da melhor sociedade de Manhattan.

Gail Patrick, a estatuesca "Mulher Panthera", foi presidente do Conselho Academico da Universidade de Howard, e agora pretende proseguir nos seus estudos juridicos e ter a sorte de poder realizar a sua ambição de se tornar a primeira mulher elevada á suprema magistratura do Estado de Alabama.

Gertrude Michael, que apparecerá como a rival amorosa de Mae West em "Santa, eu não sou!", foi educada na Universidade do Alabama, e no Conservatorio de Musica em Cincinnati.

Katherine Hepburn faz parte de uma familia

Studios

bem conhecida aos melhores circulos sociaes de Nova-York e de Connecticut.

Não admira que moças com esses antecedentes, bem differentemente das antigas actrizes de Hollywood, sejam requestadas vivamente pelo *smart set* da Cellulopolis.

* * *

HAROLD LLOYD está em negociações para obter que a "Twentieth Country" lhe ceda Constance Cummings para que seja ella a heroina do seu proximo film "A Pata do Gato" (Cat's Paw).

* * *

O cantico dos canticos

(Conclusão)

dame. A governante do barão, Miss Von Schwartfegger, ex-amante do fidalgo e ciumenta da nova baroneza, constantemente a espreitava, na ansia de descobrir qualquer fraqueza na sua couraça conjugal.

Um joven amigo do barão, Von Prell, que vive na propriedade, declara á linda moça o seu amor e admiração, mas o abatimento de Lily não lhe permitte encontrar conforto, nem mesmo nessa affeição que se lhe offerece.

Depois que Lily adquire todas as graças da sua nova posição, o barão, ansioso de exhibir a sua preciosa presa, convida Waldow a visitar o castello. Lily soffre intensamente com a presença do seu ex-namorado, mais ainda quando o barão, alcoolizado, recorda a entrevista em que Waldow renunciou a Lily. Comprehende ella, então, que foi o proprio Waldow que a entregou nas mãos do fidalgo, e , horrorizada, foge do castello, tarde da noite, e vae procurar abrigo no chalet em que habita Von Prell.

Recebe-a este de braços abertos, e Lily, sentindo-se vencida pela crueldade da vida, fica com elle. A habitação é presa de violento incendio, e os famulos do barão, vendo Von Prell carregar nos braços Lily para a salvar do fogo, repastam-se do escandalo causado pela conducta irregular da castellã.

Sabedor do procedimento de Lily e tomado de grande indignação, o barão sahe do castello disposto a matal-a, mas a governante, inspirada por secretos designios, arranja as coisas de modo a que Lily possa fugir para Berlim.

Apeada da sua alta posição e do seu titulo, votada ao desprezo publico, sem outros meios de vida senão a sua belleza, Lily resvala gradualmente até o mais baixo nivel social. Em pouco, ella é uma das figuras femininas em fóco na alegre vida nocturna da metrópole, e, pela sua belleza e fascinação, o idolo de toda a Berlim que se diverte. Debate-se entre a ansia de vida e liberdade e a consciencia da perda da sua dignidade, do seu respeito por si propria. Destruida a sua confiança, a sua fé na vida, descrente do "Cantico dos Canticos", que foi o seu Evangelho, Lily repudia o amor e busca o esquecimento numa vida de dissipação em que não encontra a satisfação do mysterioso anseio que a tortura constantemente.

Waldow tambem não tem socego, opprimido noite e dia pelo remorso da sua ingratidão para com Lily. Elle reconhece que o exito, a gloria não o compensarão do amor que perdeu quando pôz o seu bem estar material acima do seu amor por Lily. Torturado pelo arrependimento, pela saudade, elle procura-a por toda a parte, perscruta o rosto de todas as mulheres lindas com que se cruza nas ruas de Berlim, mas não logra encontrar aquella que procura.

Afinal, vem a descobrir o objecto dos seus amores num dos mais conhecidos e luxuosos cabarets da cidade. Elegante, fascinante, audaciosa na *toilette* e no gesto, Lily canta na occasião uma canção apimentada com que se deleitam um viajante extravagante e uma turma de amigos seus.

A contragosto, Lily consente em acompanhar Waldow. Amargurada por todo o fel que a vida verteu em seu coração, ella deixa-se reconduzir ao scenario da sua vida de innocencia. Nada mudou na sua ausencia, e a bella estatua que della fez Waldow, symbolo da fé que ella punha no amor, na belleza, na ventura, precipita-se num frenesi desesperado e incontido. Brandindo um martello, el'a reduz a estilhaços a obra prima do esculptor. Assediam-n'a, apesar disto, as recordações do passado, e quando, prostrado pela vergonha e pelo remorso, o artista tenta consolál-a, Lily desmaia, abatida por uma emoção a que não foi capaz de resistir.

De volta a si, cingem-n'a os braços de Waldow, que, por fim, a convence de que o tetrico passado desappareceu para sempre. D'oravante, juntos, em perfeita communhão de espirito, elles subirão de mãos dadas ao tôpe das montanhas, e cada beijo que trocarem só lhes recordará os primeiros dias do seu amor.

Nestas cordas é que Mimi Jordan, da Fox, prende os seus admiradores.

VISITAS MYSTERIOSAS DE UM MARIDO FIEL. — O marido de Irene Dunne é obrigado, não raro, por imposição de negocios particulares, a se afastar da esposa. Inutil será dizer que parte cheio de saudades e já vibrando no desejo de que chegue, o mais depressa possivel, a data de voita. De vez em quando, a nostalgia assalta-o por tal fórma, punge tão intensamente a sua alma, que elle mesmo com prejuizo para os seus interesses financeiros, toma um trem para rever a bem amada. Reta accrescentar que essa visita

DOS STUDIOS

(Conclusão)

* * *
*

é feita dentro da maior discreção possivel. Elle desenvolve todos os esforços no sentido de que ninguem tome conhecimento de taes visitas, que, afinal, de contas, importam numa fraqueza sentimntal. Elle é "fan" incorrigivel da mulher. Devemos esclarecer, porém, que a expressão de "fan", que applicamos, excede o sentido commum da palavra. Porque, ao contrario do publico, elle não demonstra qualquer embevecimento pela actriz. Prefere vel-a na intimidade, na vida real e onde ella se torna mais estranha, qual si fosse uma mescla de todas as sensibilidades, de todas es mulheres de todos os sonhos. Paradoxalmente, é ao ser devolvida á vida real que Irenne adquire maior encanto artistico e um perfume mais doce de poesia. A sua espiritualidade se affirma e a sua aureola de belleza intensifica-se. Eis ahi por que, mesmo com prejuizo de seus negocios, o marido de Irene Dunne não resiste á tentação de revêl-a. De commum, como accentuámos elle procura cercar taes visitas de mysterio impenetravel. Mas, da ultima vez, todo o mundo soube que a visitára, passando varias horas numa adoração de idyllio, numa dessas entrevistas encantadas, só cortadas por monosyllabos, e que mais parecem um dialogo de almas. O mysterio do encontro foi desvendado por uma vizinha da actriz que viu o marido de Irene entrar na casa. E' quasi ocioso dizer que essa vizinha arquejando de emoção, palpitando no deslumbramento da novidade, foi logo espalhar a noticia por todas as relações. Breve veremos Irane Dunne no seu segundo film para a RKO-Radio, "Treze Mulheres" (*Thirteen women*) ao lado de Myrna Loy e Ricardo Cortez.

BRIGAS ENTRE GENTE DE CINEMA... — Anita Louise manifestou desejos, ha pouco, de romper o contracto que a ligava á Radio. A sua attitude causou surpreza, visto que desfructava na poderosa companhia, uma situação de verdadeiro fastigio. Dizem os bem informados que o gesto da linda actriz se filia ás rixas constantes que teve com Constance Bennett.

WILLIAM CARGAN TEM UM HERDEIRO. — O novo bebê de William Cargan chama-se Leslie. Foi uma homenagem do novo pae ao seu grande amigo Leslie Howard. Essa amizade entre os dois actores nasceu desde quando representaram juntos no film *Animal Kingdom* (*Pouco amor não é Amor*) para a RKO. Cargan encarnou um typo curioso de creado cuja solicitude e cuja clarividencia tiveram grande influencia na vida de uma familia.

ANNIVERSARIOS — Fazem annos neste mez de outubro os seguintes artistas: dia 19, Mitzi Green; dia 22, Constance Bennett.

Uma mulher de mau génio...

De Frederic Boutet

AO sahir da fabrica, naquelle dia, Bernardo acompanhou o senhor Maille, e, depois de, em silencio, caminharem juntos algum tempo, elle fez o pedido.

O velho, de repente, não lhe respondeu e ficou a contemplál-o. Depois retomou a marcha.

— Quer dizer que queres casar-te com Paulina, minha filha mais velha? — exclamou, falando pausadamente, emquanto accendia o cachimbo. A verdade é que não tens defeito. Sabes ganhar muito bem a vida. Lá, no *front*, cumpriste com tua obrigação, e agora te trouxeram aqui para que faças o que deves fazer. Nada se póde dizer de ti... Falaste disso a Paulina? — accerscentou, depois de fazer nova pausa.

— Não, senhor. Quiz, antes, dizêl-o ao senhor.

— Fizeste muito bem. Assim se devia proceder sempre. Ha tantos que teriam começado por seduzir a menina!... Emfim, isto te honra. Creio que ella poderia ser feliz comtigo...

— Então, diz o senhor que s'm? — perguntou Bernardo, satisfeito.

— Então digo que não. Não tá dou — respondeu o velho, com a maior tranquillidade deste mundo.

Bernardo entristeceu de repente, e ficou como quem vê visões. Começou a referir seus meios de vida e a explicar qual era a sua situação. Queria ter um lar, uma mulher ajuizada e bem dona de sua casa. Uma mulher como Paulina. Estava certo de que seria entregue em bôa mão, e o proprio pae acabava de dizer: "Seria feliz com elle." Assim, pois...

— E' que não quero casar Paulina antes de se casar sua irmã menor, Emilia.

Pois o natural é que se case a mais velha antes da menor.

— Póde ser que isso seja justo Não te digo o contrario. Mas, não quero. Agora, te direi porque. Não quero que Paulina se case antes de Emilia, porque esta tem um génio impossivel. Que queres, homem? E' razoavel que eu pense tambem um pouco em mim mesmo... Quando morreu minha pobre mulher foi Paulina quem arcou com as responsabilidades do mando da casa como era, de resto, natural, pois tinha já quinze annos. Emilia, com os seus tres irmãos, não tinha mais que obedecer e calar. Paulina é autoritaria e severa, não digo o contrario. Mas sabe

(Continúa na pag. seguinte)

dirigir bem uma casa: não arma questões, passa o dia nos arranjos domesticos e não vae buscar-me á taverna si, por casualidade, me detenho um sabbado a tomar um vermouth... Emfim, com ella a gente está tranquillo... Emilia é muito outra coisa. E' uma pequena terrivel! Não pódes avaliar! Um furacão, filho, um verdadeiro furacão!... Com ella, eu já não podia ser dono de minhas acções, e não estaria tranquillo em minha casa. Teria que andar sempre de cabeça baixa, para evitar escandalos... E eu, que sou pae, falo assim... Pois, si Paulina se fosse, seria Emilia quem assumiria a direcção da casa!... Imagina agora o que não seria de mim!... Comprehendes? E eu não estou para ficar maluco, filho... não estou... Eu teria que andar num cortado, ouves? Sim, sim porque Emilia, physica e moralmente, é o vivo retrato de sua mãe... E' pequena, e loira, e delicada, e tem uns olhos azues que, quando fixam alguem de certo modo, ai desse alguem! Durante vinte e seis annos, fui inquietado e tratado como um escravo, pódes crer.

— Por isso, queres sacrificar Paulina?

— Eu não a sacrifico nem pouco, nem muito. Além disso, Paulina não tem o menor desejo de se casar tão depressa. Já mo disse varias vezes. E como nem siquer suspeita que queras casar com ella... No emtanto, eu não tá nego. Mas com uma condição: antes, casa-me Emilia. Procura-lhe um noivo, um noivo que lhe convenha, e então desposarás Paulina. Dou-te minha palavra!

— Que eu a case? — exclamou

Uma mulher de mau génio...

(Conclusão)

Bernardo, estupefacto. Mas, como quer o senhor que eu encontre quem acceite uma mulher como essa?

— Uma mulher como essa?! — protestou o velho. — Pois eu te asseguro que é preciosa, esperta, trabalhadora e honrada. O vivo retrato de sua mãe, como te disse. Tem máu genio e é autoritaria como um diabo. Tão autoritaria, que eu, seu pae, tenho que andar muito direitinho. Mas, com um marido, é outra coisa... Emfim, já disse e está dito: si conseguires casál-a, Paulina será tua, e pódes crer-me, porque ella fará o que eu lhe disser... Chi!... Ahi vêm as duas buscar-me.

As duas jovens se aproximaram, de braços dados.

Bernardo lançou um olhar de rancor á mulherzinha pequena, esbelta e viva, que, sem saber, desbaratava seus projectos. Mas, ao memo tempo, pensou que, por felicidade, a moça era bonita, o que facilitava o assumpto e que, além do mais, a conquista de uma mulher tão perfeita como Paulina valia um sacrificio. E começou a fazêl-o do dia seguinte em deante, mas sem chegar a um resultado satisfatorio. A missão lhe pareceu de uma difficuldade muito maior do que suppunha. Muitos de seus companheiros eram casados. Outros não o queriam. E a grande maioria delles lhe parecia indigna da joven. Esta, por sua vez, repelliu tres que elle lhe apresentou, e troçou cruelmente do interesse que tinham em casal-a, e cujos motivos não podia comprehender. Bernardo incommodou-se muito, mas não se atreveu a manifestal-o, porque tinha receio.

O pedido de Bernardo fôra feito em fevereiro. Mas até a primavera não voltou a falar ao senhor Maille.

* * *

— Senhor Maille — começou dizendo, como que envergonhado — tenho que falar com o senhor... Encontrei marido para Emilia.

O velho sorriu e fez um gesto de contrariedade.

— E agora me reclamas Paulina, não é assim?... Ora, que contrariedade! Hoje mesmo o contramestre Rivet me pediu Paulina. Já tinha falado com ella, e parece que a menina gosta muito delle. Não podes reprovál-a por isso, pois ella de nada sabia... E Emilia irá morar com elles. Tu... já o sei... tens minha palavra... e não imaginas como isso me contraria!... Mas, ouve: agora, falta saber si Emilia acceita esse homem que lhe queres dar.

— Sim, acceita-o, e o dois estão de perfeito accôrdo... E o que o senhor acaba de dizer-me de Paulina me dá um grande prazer, porque o homem que encontrei para Emilia... sou eu... Sim... eu mesmo... — A' força de falar-lhe dos outros, acabei por falar-lhe... de mim mesmo. Com Paulina, eu queria casar-me por conveniencia, sabe?... Com Emilia, não. Quero Emilia porque me apaixonei por ella como um louco... Quanto ao seu máu genio...

— Seu máu genio? — interrompeu o velho, alegre e satisfeito. — Ouve bem o que te vou dizer: para se ser feliz, é preciso ter uma mulher severa. Sei-o por experiencia...

SYMPHONIA DE AZAS

ANTE a orchestra de sons e de côres que Deus espalhou pelo mundo atirando no céo um punhado de aves, o Homem prosta-se espantado, proclamando o espectaculo symphonico das azas inquietas, o maior da natureza inteira!

Deslumbramento: azas vermelhas e azues, plumas e pennas, azas feitas sob o prisma do arco-iris, azas renovadoras de rythmos, azas desbravadoras de infinitos!

Encantamento: azas sobre o mar revolto, azas sobre as folhas verdes das palmeiras, azas sobre a galharia luxuriante das florestas, azas sobre o dorso recurvo dos morros, azas sobre as alturas gothicas das cathedraes!

Apotheose: azas e trinados, gargantas quentes de passaros, melodias e gorgeios, flautas mysteriosas e incomparaveis, vôos e musicas, côres e sons!

Aves que são poemas: aguias, cysnes, garças, rouxinóes, colibris, aves do paraiso, aves pernaltas, aves cantadeiras, aves marinhas, aves agoureiras, aves de paz, aves de ferro — ultima arrancada do progresso humano!

Prostremo-nos todos nas aras do altar onde azas fulguram! Porque as azas são o marco de superioridade do Passaro sobre o Homem: — o braço aproxima o Homem da terra e a aza eleva o Passaro a Deus!

MAGNALA DA GAMA OLIVEIRA
(Do livro "Rabiscos").

O INVENTOR DA "CHANTAGE". — Esse imprudente commercio literario, baseado na difamação, remonta sua origem no escriptor italiano Pedro Aretino, nascido em 1492 que póde ser considerado como o inventor da "chantage" literaria. Esse poeta satyrico, abandonando-se aos excessos da sua mordacidade contra os poderosos que não compravam seus elogios e seu silencio, mereceu o nome de "açoite dos principes".

Carlos V e Francisco I, devido ás suas liberalidades, foram respeitados pelo mordaz escriptor. Após sua infeliz expedição á Africa, Carlos V apressou-se em enviar ao poeta, para que se callasse, uma corrente de oiro que valia cem ducados.

Ao recebêl-a, disse Aretino: "Eis aqui um presente muito pequeno para uma asneira tão grande". Aretino era tão venal e tão impudico, que declarava bastar-lhe um vidro de tinta e uma resma de papel para ganhar trez mil escudos de ouro por anno. Foi desterrado por ter escripto um soneto contra as indulgencias.

Alguns outros sonetos licenciosos o incompatibilizaram com Clemente VII, que o desterrou de Roma. Isso, porem não o impediu de escrever, depois, panegyricos sobre o pontifice, e se atreveu mesmo a solicitar as honras de cardeal.

*

O ABUSO DO CAFE'. — Só aos fabricantes de drogas substitutivas do café occorreu dizer que esta excellente bebida prejudica ao coração. A sciencia diz ao contrario, e não podemos titubear ao pensarmos em quem devamos acreditar: quanto aos primeiros, é uma questão de negocio e a saúde humana pouco lhes importa; para os scientistas, cuja profissão é um sacerdocio, a saúde está em primeiro plano.

A immensa maioria dos medicos affirma que o usa moderado do café em nada prejudica ás pessôas sãs. Mesmo o abuso dessa bebida, oito ou dez chicaras por dia, não produz effeito damninho sobre o coração. Póde produzir certa irritabilidade nervosa, insomnia, etc, porem, nunca alguma coisa de maior gravidade.

*

RAIOS INVISIVEIS. — Um famoso physico inglez, baseando seus estudos nos da televisão, inventou um raio invisivel de tal potencialidade, que tem a propriedade de augmentar de vinte vezes mais a visibilidade natural do homem.

Esse novo invento poderá prestar grandes serviços á navegação maritima e aerea.

O novo raio é igualmente efficaz de dia e de noite e mesmo com neblina.

UM SUBSTITUTO DO NOSSO KIOSQUE. — Um dos mais singulares commercios que se podem imaginar é, sem duvida, o que tem por sédê um barril. Isso é idéa de americano, já se vê, e, apesar do armazem ser installado num deposito de alcool, ali não se vende nem uma só gotta de bebida alcoolica. A parte de cima serve de deposito para as mercadorias a serem vendidas, e na parte de baixo está installado o bar. Chamam a esses bars ambulantes — "Barril Elephante", e elles ficam pelas estradas, onde os *chauffeurs* e conductores de omnibus tomam refrescos, comem fiambres e toda sorte de guloseimas.

O patrão (á nova empregada). — Minha mulher é muito nervosa. Si acontecer alguma cousa, você encontrará aqui tudo o que fôr necessario.
— Algum calmante, para tranquillizar a patrôa?
— Não... Algodão, gaze..., emfim medicamentos... para você mesma...

OS AMORES DE

De CARLOS

BERTHOLDO chegára do interior. Era um rapaz forte, trabalhador e muito sympathico. Com sua mãe, foi elle morar no Catumby, numa modesta casinha.

Seus moveis foram descarregados dum caminhão que trazia a chapa da Prefeitura Municipal de Novo Mundo, durante o dia, e, embora Bertholdo notasse as janellas cheias de gente, e uma infinidade de garotos na porta de sua casa, não perdeu a calma, e tratou de se installar folgadamente, si bem que no intimo já sentisse uma vontade doida de distribuir "sopapos" em todos os que não tiravam os os olhos dos seus "cácarecos".

Mas, houve uma vizinha que se mostrou amiga. Foi a Deolinda. Perguntou si poderia ser util em alguma coisa. Bertholdo agradeceu, e, ao amavel sorriso que lhe dirigiu a moça, respondeu com um sorriso mais amavel ainda.

E, assim, começou a amizade entre Bertholdo e Deolinda e, respectivamente, entre d. Marocas e d. Maricota, que futuramente iam se tratar por "sogras"...

• • •

Como se tratasse da primeira garota que elle conheceu no Rio de Janeiro, o namoro nasceu entre ambos. Juntos, á tardinha, sahiam pelo bairro trocando juras de amor. Scismando iam elles tropeçando pelo "calçamento zangado" de certas ruas do Catumby, e nos dias de chuva, por varias vezes, chegaram a se atolar nos lamaçaes que se formam nesse bairro.

Amavam-se! Elle tinha vindo do fim do mundo para a felicidade della! Ella surgiu como enviada divina, assim que elle chegou na "cidade-maravilha".

Devido andarem ás tontas e agarradinhos, Bertholdo e Deolinda tornaram-se populares no Catumby. Constantemente eram surprehendidos sentados na escada da casa, trocando beijos á Greta Garbo "versus" Clark Gable...

• • •

O tempo corria. No carnaval, ella vestiu um terno de roupa de Bertholdo. Elle, por sua vez, enfiou um vestido de chitão feito pelas mãos de Deolinda que era costureirinha. Nos dias do reinado de Momo, bem como em todas as batalhas de "confetti", ambos se entregaram ás loucuras carnavalescas.

O arrumador de vitrines de uma casa commercial despe-se e deita-se...

BERTHOLDO

DE BRAGANÇA

* * *

Passado o Carnaval, ficaram noivos. Mas, ella continuava como ajudante em um atelier de costura na rua Gonçalves Dias, e elle como caixeiro numa sapataria na rua Uruguayana. Esperavam as coisas melhorarem para tomarem outro rumo na vida. Emquanto isso... amavam-se...

A' noite, como de costume, iam até o Larguinho do Catumby, dali seguiam a rua Itapirú, até a avenida Paulo Frontin, de onde passavam á rua Haddock Lobo, abraçadinhos... por entre uma porção de outros pares que procuravam abrigo sob as arvores frondosas...

Falando em casamento e discutindo educação de filhos e varios outros problemas sobre o lar... "doce lar"... voltavam para a rua de Catumby, plenos de felicidade, causando inveja a muita gente. A' medida que caminhavam, os olhares voltavam-se para elles. As ciganas davam-lhes passagem, puxando depressa suas enormes e caracteristicas saias, emquanto outros sentados commodamente nas portas tinham o incommodo de afastar as cadeiras porquanto o par amoroso vinha tão entretido que não enxergava o caminho...

Eram despertados desse "doce enlevo" pelo crioulo vendedor de modinhas, que os assustava com o seu agudo "Tóooo-ri-tó"...

Na porta da casa de Deolinda a familia toda sentada em caixões e cadeiras esperava os noivos. Lá do botequim onde um radio fazia um barulho *estridente*, sahia o "senhor pae d'ella" em pyjama e de tamancos, para discutir com o futuro genro sobre a "Severa". E dizia elle:

— Assisti a "Severa" em 8 cinemas differentes e o que mais me admira é que em todos elles o film é o mesmo!

Bertholdo, porém começou a passear lá pelos lados do Andarahy. Descobriu uma loirinha. Era "alinhada" e "typo da bôa". Educadissima e distincta, morava num palacete na rua Uruguay. Conheceram-se de um modo muito brasileiro — por um acaso, — e em virtude dos encontros frequentes enamoraram-se. Esse namoro virou a cabeça de Bertholdo. Outro ambiente, outra gente e outra educação motivaram a adhesão delle para a garota-loira.

(*Continúa na pag. seguinte*)

O professor de chiromancia, distrahido, deixa o hotel em que esteve hospedado...

Deolinda estranhou os modos do rapaz para com ella e sua familia. No Catumby, já falavam dos seus constantes passeios ao Andarahy. Houve um rapaz que affirmou ter visto Bertholdo e uma *inglezinha* passeiando em Copacabana.

E, assim por deante, mil coisas diziam delle com a tal loura. Deolinda estava desesperada. E mais desesperados os "catumbyanos", que queriam assistir ao desfecho do namoro-felicidade.

Um dia, Bertholdo muniu-se de extraordinaria coragem e falou com a noiva. Dramatizou sua vida. Falou sobre o amor... a desillusão... a paixão... e sobre os enganos a que estão sujeitos os homens. Foi eloquente. Gesticulou. Disse que tinha idéas de se atirar do "Pão de Assucar"... E, antes que ella proferisse alguma palavra, elle finalizou:

—"Esquece-me. Foi um "sonho que viveu"... o nosso noivado... *good bye*.

E summiu pela rua dos Coqueiros, resmungando:

— Desse "Mossoró" estou livre... safa!...

* * *

Deolinda não se conformou. "Agarrou-se" com os macumbeiros do morro. Foi a sessões espiritas. Deitou azeite na porta da casa de Bertholdo. Queimou hervas. Virou o pote dagua de cabeça para baixo. Mas... nada, nada mesmo, fazia com que Bertholdo viesse falar-lhe novamente!

Numa sexta-feira chuvosa, quando Bertholdo saltou do bonde Itapirú no Largo de Catumby, á tarde, alguem contou-lhe o que Deolinda andava fazendo.

Bertholdo assombrou-se. Foi correndo para casa contar o que ouvira a sua mãe:

— Imagine! A Deolinda procurando metter a minha vida em "magia-negra"... Estou perdido!... Que desgraça!

Dona Marocas persignou-se e exclamou um formidavl "credo".

Mas, como se tratava de uma *de tempera* e resolvida, achou melhor pôr termo a tamanha audacia.

OS AMORES DE BERTHOLDO

(Conclusão)

Isso não estava de accordo com as tradições de sua familia.

E, regaçando as mangas e tomando dum cabo de machado, sahiu em direcção da casa de Deolinda.

* * *

Nesse dia houve um terremoto no Catumby.

* * *

Na porta da casa, despreoccupadamente, estava dona Maricota.

— Então? Onde está a desavergonhada da indecente de tua filha? Essa "typa" que quer botar meu Bertholdozinho em mandinga?

— Desavergonhada? Desavergonhada? Vê lá velha idiota...

— Pois tu tambem, dona Maricota. Uma desavergonhada só póde ser filha de outra desavergonhada... Usem meios licitos para "laçar" o meu Bertholdozinho, mas não por meio de macumba... suas...

— Aquelle sujeito? Esse tal zinho que fugiu de minha filha? Quero quebrar a cara delle.

— Eu é que vou descer este cabo de machado na cabeça da Deolinda para criar juizo.

— Na minha filha não... velha jéca... Primeiro conversaremos nós...

— Pois toma... sua sabida... s'*tá-hy* a conversa...

* * *

O Catumby em polvorosa! As janellas abarrotadas de gente. A rua repleta de moleques que torciam como si estivessem apreciando uma luta de box. Dos botequins, homens de mangas arregaçadas, em pyjamas, crioulos e malandros surgiam como por encanto...

Mas, o *tintureiro* veiu pôr termo ao conflicto. Presas as contendoras e conduzidas ao Districto, a Policia incumbiu-se de espalhar o povo.

Somente um não perdeu a calma. Foi o crioulo das modinhas que, com o seu classico "Tóoo-ri-tó", arrematou a algazarra entre gargalhadas.

* * *

Madrugada alta... Catumby repousa calmamente.

Um caminhão encostado á calçada recebe moveis sob a direcção de dona Marócas. Mudavam-se para o Andarahy... onde eram totalmente desconhecidos e onde Bertholdo já tinha sua nova conquista — a loura que suppunha ser dos seus sonhos doirados...

Escriptores e livros

Dante Costa — FEIRA DESIGUAL — Editorial Duco — Rio — 5$

ORA viva! Até que emfim podemos assignalar uma estréa auspiciosa, no anno literario prestes a encerrar-se! Dante Costa escreveu um livro desigual, que é como quem diz, differente dos outros. "As coisas foram passando na planicie aberta á minha curiosidade... Fui olhando. Fui olhando e fui vendo. Depois, na hora de passar a limpo, observei que tinha focalizado varios momentos desiguaes. Ironias. Pedaços sentimentaes. Pequenas evocações. Quadros humildes. Irreverencias... Então, juntando-os na mesma ordem em que tinham surgido, fiz delles um livro."

Eis como se fez o volume, conforme explicação do autor. Livro moderno, que espelha todas as qualidades de um temperamento raro de escriptor. Original. Arejado. Sem mofo. Agora, Dante Costa não deve ficar no poste de parada... E' tocar para a frente. Porque nós estamos num verdadeiro Sahara de idéas e escriptores.

Queiroz Junior — OS ESPECTADORES... — Editor Galdino — Bahia

INTERESSA sempre saber o que o autor pensa da sua propria obra... E aqui está um escriptor que não esconde do publico a *historia* do seu romance, embora despreze a critica. Bom signal. Na realidade, os criticos são massadores com as suas caturrices, e o publico mais indulgente.

Mas, vamos ao que serve, isto é, ao caso deste romance que o autor desejou a principio guardar como um documento intimo. Veiu, entretanto, a insistencia de um editor amavel, (aliás, o Galdino goza da fama de ser o mais completo livreiro bahiano), e o livro appareceu como documento de uma phase que passou... Fala o romancista: " Eu poderia refundil-o, inteiramente, se não lhe quizesse conservar o cunho de originalidade primitiva, como simples derivação de insopitados estados de alma. Claro que, se o publico, é que elle não foge, de todo, ás minhas actuaes tendencias literarias, cada vez mais rebeldes aos velhos preconceitos da burguezia decadente, e á idade do idolo, com as suas absoletas fantasias religiosas, ridiculas no acelerado rythmo do seculo. Fazendo a autocracia do romance, cheguei á conclusão de que não deveria subtrahil-o á publicidade, afim de que, para o futuro, mais nitidamente, resaltasse a perenne evolução do meu espirito. A autocritica, para mim, é a unica fórma de critica perdoavel. Porque um autor que julga mediocre uma obra bôa erra contra si proprio, e, julgando bôa uma obra mediocre, é um inconsciente. E' uma historia mais cerebral do que humana. Essa trindade de homens que fracassaram, na vida, no amor e na arte, póde, porém, ser o symbolo de uma geração angustiada e afflicta, deslocada do ambiente, á procura de si mesma, por isso vivendo uma vida toda artificial, em continuos choques com a realidade.

Tem defeitos? Mas, que não diria, de mim, a critica, se eu conseguisse fazer uma obra perfeita? Eu tenho medo de que o meu livro seja bem aceito pela critica, porque isso insinúa a desconfiança do publico. E o meu editor tambem pensa assim, porque está a par dos ultimos preços da tabella official do elogio. Mas, é preciso acabar, porque eu, como aquelle discipulo portuguez de Schopenhauer, estou, absolutamente, de accôrdo com quem affirmava que, peor do que um prefacio, só um prefacio maior."

Emfim, estamos quasi de accôrdo, em tudo... Trata-se de uma historia mais cerebral do que humana. Romance de um poeta. O autor cultiva phrases, como o tal Perkins, personagem secundario do romance, que tem a mania de acompanhar enterros, mettido diariamente na sua roupa preta.

O remate dos capitulos é sempre assim: "No outro dia, na tarde lyrica e vaga, Albano sentiu que houvéra fracassado. E do alto, emquanto as azas de aço ruflavam, trepidantemente, olhou pela ultima vez a cidade, que, em baixo, retalhada de sol agonizante, num estravagante cubismo luminoso, as torres estranhamente nitidas, encolhia-se no crepusculo verde."

Ou então: "Na curva do céu, sem nuvens, todo azul, profundamente azul, uma rosa de luz, tremula e branca, se despetalava." E, de permeio com as phrases, por vezes, a realidade fria de uma verdade...: "Eu sei que somos inuteis. Tudo é inutil. As nossas mocidades deviam estar volvidas para a patria, implacaveis e rebeldes. Mas, em tempo, eu sopitei todos esses clamores ingenuos, todas essas ansias frageis, porque, do meu silencio e do meu isolamento, considerei na inutilidade de um esforço como o nosso, ante a indifferença molle das turbas brasileiras. Não viste a ultima luta? O polvo estendeu os seus tentaculos e venceu. O povo nada poude contra o polvo. Esses brados que ouves, subindo dos pampas, como immensas torrentes civicas, de renovação e de conquista, só podem influenciar apenas multidões. Se a revolta vencer, tudo continuará no mesmo, ou o Brasil se approximará, mais ainda, do abysmo... Só as refórmas radicaes, as reformas definitivas salvarão uma patria tão anniquilada como a nossa." Albano, neste ponto, deixa entrever qualidades que poderiam salval-o de um fatal fracasso, mas os amigos o arrastam...

Da Bahia, ambiente do romance, o autor remove alguns capitulos para Paris, mas depois a coisa se resolve na *bôa terra*, novamente...

O final, entretanto, é um pouco obscuro. Sinceramente, preferimos o poeta de *Intimidade* ao romancista de *Os espectadores*... Não porque falte ao prosador o encanto que lhe caracteriza os versos. Pura questão de technica, nada mais, pois se trata de um bello talento.

Devemos, porém, ter presente o conceito do autor, que teme ser o livro bem acceito pela critica, porque isso insinúa a desconfiança do publico. Queiroz Junior tem razão. Para que o elogio da critica, se o autor dispõe de leitores? Não lhe fazemos favor, porém, rendendo-lhe a homenagem da nossa admiração.

E nisto vae tanto da nossa sinceridade, quando desconhecemos *os preços da tabella official do elogio*, a que allude o autor na autocritica do volume...

Mario Rego

CASAMENTO IMPOSSIVEL

(A Heloisa Helena)

PAULO e Aureo olharam em vólta.

Arvores... Cipós... Um riachozinho... Silencio...

Estavam realmente a sós. Ninguem os espreitava. Ninguem os viria descobrir.

Tranquillidade.

Segurança...

— Vamos jurar?!

— Vamos.

Sobre uma cruz, feita com dois punhaes, Paulo pousou, tranquillo, a mão. E, com fervor:

— Em nóme de Deus e da Virgem...

Um raio de sól, abrindo caminho pela côma do arvoredo, veiu bater, em cheio, na face do homem que jurava.

— ... eu juro que, si vencer, a farei minha esposa perante a lei.

Solenne, pausadamente, Aureo interrogou:

— Jura amál-a para todo o sempre?

— Por Deus e a Virgem o juro!

— Jura que, si fôr preciso, dará por ella a vida?

— Juro!

— Jura obedecer-lhe como escravo?

— Juro!

E a mão abandonou a cruz.

Por um segundo houve silencio entre os dois homens. E Aureo principiou a jurar por sua vez. Da mesma maneira. Com as mesmas palavras. Passando pelo mesmo interrogatório.

Num galho de mangueira um tico-tico pipilou...

— Prompto?

— Prompto.

Os punhaes da cruz já se achavam nas mãos dos respectivos donos.

— Você vae desapparecer para eu poder ser feliz!

Ao mesmo tempo o sangue de um braço ferido manchou a gramma que forrava a clareira do bosquete.

— Cale a bôcca e defenda-se!

Os punhos armados chocaram-se no ar. Uma mão encolheu-se com um dedo dependurado...

Paulo uivou de dôr.

— Dóeu?!... Ah! E' para você cuidar da sua bôcca e deixar a dos outros.

As laminas eram quasi invisiveis na velocidade dos braços... Os homens pulavam como si pisassem brazas. Retrocediam. Avançavam...

Uma gargalhada, de repente, estoirou.

A bôcca horrivelmente augmentada por um talho fundo, por entre golfadas de sangue, Aureo rugiu:

— Ri, miseravel!... Ri bastante, porque será a ultima vez.

Não foi. Mas, quasi. Paulo sentiu um liquido mórno banhar-lhe as pernas... Levou a mão livre ao abdomen. Tateou as proprias visceras, que tentavam escapar pelo talho... Comprimiu-as...

— Deixa de rir, animal! Deixa de rir!...

Aureo queria estoirar de raiva. O riso imperecivel e escarninho do outro o irritava terrivelmente. A vista nublou-se-lhe... Enxergou Paulo no meio de uma nuvem... Precipitou-se, furioso, sobre elle...

Rugido de dôr... Baque surdo dum corpo...

Paulo retirou o ferro do coração parado do adversario. Olhou-o idiotamente. E deixou-o cahir ao lado do morto.

Longe, um sino tocou.

A FESTA DAS ABELHAS

de Paulo Freitas

Na manhã toda cheia de esplendor,
A abelha mestra, sacudindo as azas,
E' uma offerenda linda para o amôr.

Abre s azas no espaço, como louca...
Ha no seu corpo um poema de volupia.
Beijos de mel na flôr de sua bôcca.

Já zumbe, em volta della, o aureo cortejo:
A turba varonil segue em seu rastro,
Ansiando pela gloria do seu beijo...

O gerente. — De que tempo necessita para passar a sua lua de mel?

O empregado. — O senhor póde determinar. O que lhe pareça...

O gerente. — Eu não posso calcular. Não conheço a noiva...

Formosa apparição, ideal, querida!
Todas desejam a divinal rainha
Pois o seu beijo vale mais que a vida.

Trava-se a luta. Mortos, trucidados,
Ficaram pelo campo de combate,
No céo azul, mais de dez mil soldados.

Apénas um, mais dextro, mais possante,
Vae, cada vez mais alto, como um doido.
Arrastando, no vôo, a sua amante.

E elle a beija, afinal!... Mas, ao beijal-a,
Sente tanta alegria... Unico beijo...
Morte feliz no céo de ouro e de opala...

De Affonso Netto

O vencedor do sangrento duélo como que despertou ao ouvir aquella vóz de bronze. Um clarão fusilou-lhe na pupila. E elle, tropego, rumou para os lados onde o sino badalava.

Dôres terriveis. Cerebro em fogaréu. Olhos brilhantes de fébre... O misero arrastava-se penósamente.

— Ai!

Paulo encostou-se, para não cahir, a um tronco. Mas, foi por pouco tempo. Um pensamento lhe emprestou forças:

— Ella! ...

Atraz do ferido uma longa e imprecisa fita vermelha: sangue...

Finalmente, um portão. De ferro. Enórme. E um prédio. Tambem muito vasto. Silencioso.

Os companheiros de Paulo estavam almoçando. E elle penetrou o edificio sem ser visto.

A escadaria que não acabava mais... Um corredor de cimento... Uma pórta pequenina.

A céla era pôbre. Duas camas. Cadeiras de palhinha. Uma mesa. E um quadro. Grande, este. Numa tosca moldura de páu preto. Elisa Landi.

Paulo, quasi morto, entrou no quartinho. Em frente ao retrato da "estrella" deteve-se um momento. Tremendo. Embevecido.

Do andar terreo da casa, subito, veiu um grito:

— Sangue!

Paulo deixou escapar um grunhido. Precipitou-se para o retrato. Deitou-lhe as mãos ensanguentadas. Arrancou-o da parede.

— E's minha... minha, Lucia..., Matei-o!... Já não nos incommodará. Viveremos felizes... Vem!... Vamos nos casar... Vem, Lucia... Vem!

O desgraçado apertou o retrato da mulher contra o peito. Deu tres passos em direcção á pórta... Oscillou... Gemeu... E cahiu, espalhando os intestinos pelo assoalho...

— Lucia..., Lu...

E Elisa Landi, sobre o coração do infeliz que agonizava, ria... Muito loira... Muito sensual... Ria...

. . . .

. . . .

A mulhér trincou a torrada. E, para o companheiro de chá:

— Você leu?

— Que?

— A mórte do Paulo e do Aureo...

— Ah! Os teus antigos apaixonados?

— E'... Que imbecis! Bem se vê que estavam loucos.

— Que estavam loucos só o estarem internados num manicomio o diz. Mas, como foi? Morreram os dois?

A dama elegánte sorveu um golinho de chá.

— Mataram-se...

— Ah! Mataram-se?!

— E'... Um duélo... Queriam decidir qual delles casaria com o retrato de Elisa Landi...

— De Elisa Landi, Lucia?

— Sim. De Elisa Landi, que todos acham muito parecida commigo...

— Loucos idiótas!...

A mulhér retocou a pintura dos labios. Ageitou o cabello. Ensaiou um sorriso seductor.

— Vamos, Carlos. Preciso ir experimentar um vestido de Paton, que encommendei...

Sahiram.

No grande salão de chá, sobre cabeças indifferentes, a orchestra executava, sentida e dolente, a "Valsa do Meu Amôr"...

— Então, rapaz, é verdade que minha filha o interessa tanto, devido ao bello dóte que leva?

— Oh! não, senhor; absolutamente, não me interesso por dinheiro!

— Pois desappareça da minha frente, idiota! Não quero imbecis na familia...

O TELEGRAMMA

ALFREDO NOGUEIRA era um rapaz de temperamento alegre.

Tinha uma opinião que valia pelas mais solennes e substanciosas maximas.

— A vida deve ser vivida no perfeito sentido da jovialidade, quer quando nos achêmos em verdadeiro jubilo, quer quando as adversidades venham ao nosso encontro, salvos as excepções devidas.

Era assim que elle falava, o moço de olhos buliçosos, physionomia sorridente, o qual podia ser cognominado o principe do gozo. Era assim que elle falava, e a sua linguagem pomposa não podia elle ostentál-a como sua. Aquelle palavreado não passava de reproducção vaga e truncada de trechos esparsos duns romances, duns livros réles que lia noites a dentro após as orgias. Entretanto, a idéa, essa era sua.

Concebêra e executara um programma de alegria, para seu viver proprio de accôrdo com o pensamento philosophico que o fazia possivel discipulo de um grego illustrissimo.

Embrenhara-se resolutamente nas regiões da folgança. Dispondo de fugaz mesada do pae millionario, podia dar sentido pratico e real á sua theoria de alacridade.

Como estudante do gymnasio daquella cidade, o moço devia dedicar-se ao manuseio diuturno dos grandes tomos, dos massudos infolios. Todavia a verdade é que não lhe interessavam nem sciencias, nem mathematicas. Elle estudava, por assim dizer, as patuscadas, os bailes, os pic-nics, etc, etc.

Um dia Alfredo se preparava para ir a um pic-nic. Um passeio campestre planejado por elle e outros rapazes e senhoritas.

Mas, que coisa estranha! Parecia faltar-lhe a predisposição habitual... Uma nuvem de melancolia toldava-lhe o espirito, de ordinario tão alacre: sentia-se deveras triste. Que era aquillo? Um presentimento. Que temia o joven, principe do gozo? Ah! tratava-se de seu progenitor.

Soubéra dias antes, por uma carta do proprio velho, que este se achava um tanto adoentado. Nada de grave.

Naquelle dia, em que se apresentava mais uma opportunidade para Alfredo Nogueira — atirar-se aos deliciosos folgares, — naquelle dia vinha-lhe um pensar angustioso...

— Quem sabe si papae não melhorou, e peorou, e morreu? Quem sabe si está agonizando agora?.— interrogava a si mesmo.

Os temores invadiam-no, pouco a pouco.

Em semelhante circumstancia o moço se mantinha indeciso: ir ou não ir ao pic-nic? Poderia ir, e, em pleno festim, receber um telegramma communicando-lhe o fallecimento de seu progenitor.

Iria, ou não iria?

Fôra... impulsionara-o ainda o seu bom humor congénito.

Em meio da festança, conforme prevêra, recebeu um telegramma, que lhe levara um criado do hotel onde era pensionista.

Abriu, nervosamente, o pedaço de papel e leu:

"Alfredo. Seu pae morreu. Venha depressa. Sua mãe Adelia."

ASSIS MORAES

— Um carregador de estrada de ferro comprou uma caixa de "bom-bons" para sua filha...

O FILHO DA NOBREZA

DE onde procede a mulher de Gerval? — perguntou Lamarchand. — Ella é uma creatura bem suggestiva e tem bons olhos. Mas o seu aspecto carece de distincção.

— Tel-o-á com o tempo, porque possue graça natural e muita intelligencia.

— Deram-lhe um grande dote, com certeza.

— Nem um tostão. E isso, aliás, não tem importancia. Gerval, para obter a mão de Margarida de Gesvre, que, como sabes, possue uma fortuna collossal, não teria mais que abrir a bôcca. Mas elle preferiu a outra. E' muito curiosa a historia de Gerval, a quem não conheces bem...

— Vi-o varias vezes desde que regressou do Egypto, e pareceu-me uma pessôa excellente e extremamente sympathica.

— Pois eu te porei ao corrente de tudo. Gerval pertence a uma familia de nome illustre. Os Gervaes de Brevilly eram já famosos no tempo de Luiz XI e possuiam territorios immensos. O ramo a que pertence o nosso amigo foi rico até á Revolução. Perdido quasi todo o seu patrimonio, recuperou mais tarde parte de seus bens, que por desgraça foram rapidamente dissipados, de um modo lamentavel, pela familia.

"Gerval, um dia, viu-se orphão e completamente arruinado, tendo como protectores apenas dois ou tres tios e tias, que, além de não possuir, grandes meios de subsistencia, não tinham bom coração.

"A unica cousa que fizeram foi reunir uma especie de conselho de familia para decidir sobre a sorte do rapaz, que tinha então dez annos e avaliada perfeitamente sua situação. A scena passava-se em um quarto de um restaurante. O menino esperava o resultado num corredor, ao fundo do qual se achava um carpinteiro executando um trabalho proprio de seu officio. A sessão durou muito tempo. De quando em quando, o carpinteiro interrompia sua tarefa para ir dizer alguma cousa ao pobre menino, que se aborrecia soberanamente.

" — Tens fome? — pergunta-lhe, ao ouvir que batiam as doze horas.

" — Sim — respondeu Gerval.

" — Pois vem almoçar commigo.

"Meia hora depois, voltaram. O conciliabulo havia terminado depois de ter tomado energicas resoluções, que foram communicadas ao orphão pelo conde Nepumuceno Gerval de Brevilly.

" — Tens dez annos — disse-lhe — e já és um homem. Toma estes vinte e tres francos. E' o que podemos dar-te. Nada mais. A nobre raça dos Brevilly está arruinada. Resta-nos, emtanto, certa influencia para fazer-te entrar no orphanato do Bom Pastor.

" — Si, porventura, o menino não gostar de ter esse destino — disse o carpinteiro — eu me offereço para resolver o caso.

" — Não, não! — respondeu Gerval. — Tenho medo desse estabelecimento!

Olhe, senhor — replicou o carpinteiro: eu sou casado, tenho uma filha e ganho dez francos diarios. Estou disposto a ficar com o menino, ao qual darei um officio distincto, alguma cousa assim como desenhista... ou gravador... ou pintor de amostras...

"O conde Nepumuceno e os demais parentes se haviam dignado ouvir aquelle discurso. Afinal de contas, era uma solução menos humilhante que o orphanato.

" — E' preciso, porém, que saiba — atalhou o conde — que, si ficar o senhor com o menino, não poderá mais se arrepender.

" — Minha resolução é definitiva — respondeu o carpinteiro.

"Gerval pôz-se a chorar de alegria e se atirou aos braços do obreiro.

* * *

"GERVAL cresceu alegremente debaixo da protecção do carpinteiro e em companhia da graciosa Carolina. Foi um excellente desenhista com bem faceis disposições para a architectura.

"Uma modesta herança permittiu-lhe fazer uma viagem ao Egypto, onde uma série de empresas lhe abriram o caminho da fortuna.

"Quando regressou á França, teria podido casar-se com uma joven da aristocracia, formosa e opulenta. Voltou, porém, a vêr Carolina e a considerar digna de ser mãe de seus filhos.

"Carolina tem a alma de seu pae, o carpinteiro — uma alma intrepida, nobre, generosa, capaz de fazer um homem feliz dando-lhe essa ventura suprema que nunca diminúe nem nunca se extingue."

J. H. ROSNY

— Por que pões "pessoal", nesta carta, que pretendes enviar ao Lopes?

— Porque desejo que a mulher delle a leia.

A HONRA DOS MALCOLM
(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

— Espere ahi, uns trinta minutos, se tanto, uma hora, disse-lhe a rapariga, compadecida. Está a chegar um outro desses senhores. Talvez que algum delles o acceite como discipulo... A' falta de recommendações, se for necessario, eu direi alguma coisa em seu favor.

Harry agradeceu, e foi sentar-se perto da mesa onde Lovell continuava a discorrer.

— O' meninos, disse um dos artistas, acabo de estar com Tiny. Não sei onde elle tem a cabeça. Anda macambusio.

— Tiny exclamaram os outros em côro. Como diabo arranjaria elle isso? Foi coisa séria que lhe aconteceu. Um typo tão divertido.

Lovell não dizia palavra. Não tirava o olhar da porta da rua. Esperava, sem duvida a vinda do conde para sahir e continuar a precaver-se das furias da Elvira.

Emfim, entrou o conde, mas tinha mudado muito de algumas horas para cá; agora apresentava-se imberbe, quando na vespera ostentava um bello bigode loiro.

Harry meneou imperceptivelmente a cabeça. Occorreu-lhe nesse instante um pensamnto: como passou Sherlock por este homem, e não percebeu que usava bigode postiço?

Foi recebido com uma estrondosa gargalhada:

— Olhem! O petiz!

Usa outra vez a sua cabeça de mulher.

— Não tens meio de segurar o bigode no beiço superior, Joãosinho?

— O' Tiny, as tuas invenções não parecem fazer-te pesado.

— Emfim, ainda tem as faces rosadas.

— Hurrah! petiz, á tua saúde!

— Era uma gritaria de acordar mortos. O coração de Taxon saltava-lhe do peito.

Tiny, em inglez, queria dizer pequeno, enfesado. Mas, no seu espirito, não podia haver duvidas de que Tiny e o conde eram uma unica e a mesma pessoa.

— Ah! pensava Taxon, não poder eu, pelo menos, prevenir o patrão! A quadrilha está toda aqui, e não posso prender nem um, sem Sherlock chegar.

O conde, visivelmente desfigurado de feições pelo arrebique com que se disfarçára, aproximou-se da mesa e tirou o relogio.

— Meio dia, Lovell, emprazaste-me para uma entrevista ao meio dia. Que queres dizer-me?...

Lovell lançou-lhe um olhar significativo. Evidentemente, nada lhe podia contar á vista de tanta gente.

— Senta-te e bebe qualquer coisa. Temos ainda tempo. Num quarto de hora te direi tudo.

— Não; eu é que não posso esperar nem um segundo. Vem commigo, já; tenho a carruagem aqui á porta, á minha espera.

— Vamos lá, se queres. Meus senhores, até logo.

E passou com o amigo para a contra loja.

Harry escapou-se para a rua e saltou para um carro. Ao meio dia em ponto, Sherlock Holmes ficára de esperal-o numa tabacaria, onde habitualmente se encontravam. O carro partiu.

— O sr. Holmes já veiu? perguntou elle ao dono da casa, entrando na loja como um raio.

— Ainda não, sr. Taxon. Quer que lhe dê algum recado da sua parte?

— Está visto, é coisa muito urgente. Diga-lhe... Mas, louvado seja Deus! Elle ahi vem.

Sherlock entrava na tabacaria.

— Estás assim como... viste bicho, Taxon! disse elle, pedindo muito naturalmente o tabaco do costume. Vou apostar que filaste o nosso emerito patife?

— Effectivamente, creio que me não escapará. Venha commigo depressa á taverna Walter. Lovell e o conde estão agora lá!

— Ah! Já sei... é isso, e creio que se demorarão.

E, dizendo isto, tirava fumaças do seu cachimbo predilecto, olhando fixamente para o discipulo.

— Em que está pensando? perguntou este. Quando lá chegarmos, é possivel que toda aquella tropa tenha já voado!

— Hum! Não reparaste naquelles tres marinheiros a beber grogs na venda do Walter?

— Bem vi. E' gente sua?

— São policiaes, mandados por mim. Olha, meu Taxon: já antes de hontem, depois das minhas suspeitas de Lovell e Elvira, eu mandei vigiar essa taverna. Pensei que os passaros, mais tarde ou mais cedo, ahi cahiriam na rede. Já lá estão, e não hão de sahir, pelo menos, sem escolta.

E, depois de assim falar, despediu-se do lojista, tomou o braço de Taxon e sahiu.

— Escuta, meu filho. Lovell e o conde serão presos a tempo. Mas nada ganhariamos em o fazer sem umas certas precauções. E' necessario, primeiro, convencel-os do crime e emmaranhal-os na rede das nossas provas. Ora, é um facto, que me faltam

...i algumas malhas nessa rede, e, antes de tudo, ...mas linhas escriptas...

...rry Taxon olhou para o mestre, desorientado.

— Não percebo nada, murmurou elle.

— Ouve lá, disse Sherlock: eu vou daqui direito ao ...l do Globo, para uma conversa muito interessante ... uma dama. Tu nesse meio tempo, occupa-te de ... e do conde...

— O conde interrompeu Taxon; mas, o que ha de ... extraordinario, é que elle, hontem trazia barba ...iça, e o senhor não deu por isso...

— Deveras? Talvez trouxesse hontem a verdadeira, ...aje a raspasse...

— Mas, não dizia o senhor que o homem que foi á ... de lady Malcolm, o homem que levou a palha ... sola das botas, era imberbe!

— Foi o que o cocheiro disse.

— Pois saiba que o conde é chamado Tiny por toda ...lla gente.

— Uma coincidencia, Taxon, nada mais.

...ma vez, o discipulo olhou para o mestre com ... de duvida.

— Ora, ahi vês tu, como a gente pode muitas vezes ...anar-se. Tambem eu estava absolutamente con...fido que o conde e o assassino Tiny eram uma só mesma pessoa. Mas, um signal infallivel me pro... o contrario.

— As mãos desiguaes, talvez...

— Isso, primeiro. Depois a finura e delicadeza des... mãos. O tal pretenso conde tem dedos grossos, ...nhas ...rtas e largas, como observei, quando ...vi á mesa. Se elle fosse o assassino, teria impri...lo as unhas no pescoço da victima, e não podia ...s agora tão limpas e tão bem tratadas. Tambem ...ei que Elvira inquiria o conde a respeito de Tiny. ...s, o senhor conde, exerce uma profissão á primeira ...a para fazer crescer o cabello e outros artificios ...embellezar o rosto. Não quer isto dizer que elle ... alheio ao assassinato de lady Mary. Esta pobre ...y foi a presa de uma sucia grosseira e avida, que ...porei a bom recato antes desta noite.

— Parece-me que se engana, senhor Sherlock ...mes.

— Oh! não pode ser; estou senhor do melhor de ...os os instrumentos.

— Qual?

— Uma mulher ciumenta, filho! Não sabes de que ...a mulher, em taes circumstancias, é capaz? Vaes ...e aprender.

...espediu-se de Taxon e enveredou pelo caminho ...is curto para o Hotel do Globo.

CAPITULO VIII

EM TRES LINHAS

...a ausencia de Sherlock, nada de importante se ...ára no hotel. Por sua energica intervenção, miss ...n havia sequestrado Elvira no seu quarto; elle ...da não tinha recebido nem cartas, nem visitas. ...ias escreveu uma.

...ntregou-a á criada de quarto, com a recommenda... de a deitar na caixa quanto antes. Mas, a carta, ...forme as ordens de Sherlock, foi levada ao escri...rio, onde o policia a apprehendeu.

...e-a a esta o mesmo que fizera á do lord, e viu ... somente continha banaes formulas de pesames ...lito do lord. Em "post scriptum", Ellen afiança...lhe que se demoraria em Londres o tempo justo ... fosse necessario para poder falar-lhe.

...m tanto embaraçado, Sherlock Holmes fechou a ...rta, e desceu ao andar inferior.

...isfarçado outra vez em criado de quarto, esperou ... a bella Ellen chamasse.

A's 2 horas, ella ordenou que lhe servissem no ...rto um almoço quente.

— Sabe, ..., se cá tem vindo o barão Ballières?

— Até agora, ainda não, minha senhora; a dama do n. 28 é que reclamou que lhe abrissem a porta.

— Quando eu acabar o almoço, lá irei. Entretanto, que espere... No caso de lhe repetirem os accessos, não haverá outro remedio senão chamar um medico.

Comeu socegada e serenamente o seu almoço, servido pelo criado, na perfeição. Mas, exactamente, na altura delle trazer a sobremesa, encontrou-o, á porta, com um correctôr que trazia uma carta miss Ellen Brewer.

Sherlock metteu-se no seu quarto, e abriu-a. A sua leitura embatucou-o! Continha somente tres linhas:

"Não posso ir. E' me impossivel sahir da toca. Sherlock Holmes anda-nos nas pegadas. Lovell teve-o por traz de si numa taverna. Cuidado!"

A forma da letra era a mesma das cartas dirigidas a lady Mary!

Sherlock fechou a carta e foi ter com o correctôr.

— Quem trouxe esta carta?

— Um moço de recados.

— Que typo tinha elle?

— Usa barba toda, uma barba ruiva, e é o n. 4.000 e tantos... ao certo, não me recordo.

— Vamos a ver, murmurou o policia.

Foi ao escriptorio, telephonou para muitos sujeitos, e disse de si para si.

— Daqui a uma hora, saberemos quem é esse moço de recados n. 4.000 e tantos. Louvado Deus, tudo parece marchar ás mil maravilhas. Já começava a temer a impossibilidade de prender toda essa alcatéia de malandros.

Miss Brewer recebeu a carta das tres linhas das mãos de Holmes. Este reparou que ella se preparava para sahir.

(Continúa na pag. seguinte)

Antes, porém, foi ao quarto de Elvira: desta vez, não trazia revolver na mão.

— Então? estás mais socegada? Espero que tenhas pensado bem, que fazer mal a Lovell, era o mesmo que entregares-te, por ti mesma, á pena ultima.

Elvira sentara-se a uma mesa, com a cabeça entre as mãos, de modo que Brewer não podia ver a expressão do seu rosto. Ella não respondeu nada.

E a outra continuou:

— Tenho necessidade de sahir. Parece-me que os nossos moços estão mettidos em trabalhos. E' provavel que Lovell appareça por cá. Sê razoavel e perdoa-lhe a sua avareza. Bem sabes que elle não tem culpa nenhuma de ser somitego. Descança, que eu farei que tenhas a tua parte. Ganhaste-a, e has de tel-a.

Depois disto, Ellen sahiu, persuadida de ter subjugado a rival.

Logo nas suas costas, Elvira levantou-se e agitou a campainha. O criado entrou. Ella, em tom imperioso, ordenou:

— Traga-me alguma coisa que se coma, e já. Depois, deixarei esta casa, onde não ha segurança nenhuma... Queixar-me-ei, e...

— Socegue, minha senhora, pediu-lhe o criado. Todos nós lhe damos a razão. Parece incrivel que miss Ellen Brewer tenha tido a ousadia de fechal-a no quarto. Vou já trazer-lhe um bom almoço.

Quem tem fome é incapaz de conversar razoavelmente, pensava o policia trazendo uma excellente refeição. Depois, é que hei de conversar com esta querida Elvira.

Esta comeu, com excellente appetite. A commoção não lhe tirara a vontade. Bebeu vinho puro: parecia ter a guela estanhada como os companheiros.

E quando se deu por satisfeita, Sherlock entrou em scena.

Com grande pasmo, Elvira viu-o trancar a porta.

— Que está a fazer?

— Arranjo-me de modo que não sejamos interrompidos. Tenho que conversar comsigo seriamente, como vae ver. Antes de mais nada, saiba que está enganada a meu respeito. Não sou criado de quarto. Veja este cartão.

E mostrou o seu cartão de agente da policia secreta. Elvira empallideceu.

— Que é isto? perguntou ella aterrorizada... pertence á policia?... que me quer?

— Socegue, miss Elvira. Só desejo uns esclarecimentos. E, para convencer-se de que estou senhor do negocio, sei que recebeu de Lovell um diadema de perolas finas, em paga do roubo que fez a lady Malcolm, e por ter facilitado ao assassino a perpetração do seu crime.

Elvira soltou um grito selvagem.

— Fui traida, ululou ella, torcendo as mãos, odiosamente traida!

Saltou para um canto do quarto e tirou um objecto que estava na algibeira de um vestido.

No mesmo instante o policia atirou-se a ella e apertou-lhe o pulso com a sua mão de ferro. Ella soltou um grito e deixou cahir no tapete um revolver. Sherlock apanhou-o com a mão esquerda.

— Obrigado; mal sabe que me esqueci de trazer o meu... Agora, não me falta nada. E, para continuar mais commodamente a nossa palestra, vou pôl-a mais á vontade.

Algemou-lhe as mãos, e, apesar dos gritos, obrigou-a a sentar-se num fauteuil, defronte delle.

— Deixe-me! Largue-me! Isso não é verdade, em nada concorri para essa morte. Eu o provarei.

— E' exactamente, isso, que eu mais desejo. Diga-me, então quem foi o assassino?

— Nunca! respondeu ella! Nunca! Tinha muitas coisas a dizer-lhe, se me tratasse um pouco melhor. Mas, manietar-me e tratar-me como uma criminosa... Nada direi!

AOS CÉGOS DA RAZÃO

No despertar da minha adolescencia
Impuz meu raciocinio a pesquizar;
Por que negam os sábios a existencia
De um Ser capaz de Tudo organizar?

Se a Natureza tem a mesma essencia
Do Acaso Gerado e podia dar
A' lei da Fórma tanta efficiencia?
Reger a Vida, a Fórma, o Céu e o Mar?

E como póde o Acaso, por que graça,
Crear um animal de qualquer raça,
Dando-lhe aos membros tanta simetria?

Para negar um Deus omnipotente,
Por mais que o homem seja altiloquente,
Desfaz a audacia em louca fantasia.

MANOEL J. OLIVEIRA

— Tambem... é coisa que pouco me importa: disse-lhe Elvira. Mas sempre lhe direi que eu cuidava que a senhora se interessava pela punição dos seus inimigos Lovell e miss Ellen. Enganei-me? E' o mesmo. Si não diz elles ficarão a rir-se e a senhora pagará por elles!

Elvira estremeceu da cabeça aos pés.

Na sua mocidade commettera um peccado: por distracção apanhara num objecto que lhe não pertencia. Teve a pena de prisão, e esse castigo ficara-lhe de memoria para sempre, como coisa terrivel.

Apesar de tudo reflectiu, não atinando com o que lhe seria mais favoravel. Calou-se, a estourar de cólera, com os labios cerrados, como para não deixar escapar uma palavra siquer.

O policia comprehendeu com que mulher tratava, e resolveu descobrir a sua verdadeira identidade.

— Miss Elvira, disse elle, a senhora, sem duvida, tem ouvido dizer que Sherlock Holmes era o encarregado de deslindar o negocio Malcolm. Pois, é elle mesmo que tem a honra de se lhe apresentar.

— Sherlock Holmes!

A morrer de susto, olhou para elle. Dava-se já como vencida, tão grande era o poder e influencia desse nome.

Agora era só perguntar, que ella responderia.

— Ora vamos lá! Está mais razoavel, não é verdade? perguntou elle em tom animador. Sei que foi a senhora que obrigou Mary Malcolm a gastar grandes quantias.

— Naturalmente, Ellen Brewer instigou-a a armar-lhe o traiçoeiro laço. Esta miss Brewer, que ainda ha pouco a ameaçava com o patibulo, de preferencia aos outros, não conhecia a lei, ou, pelo menos, queria induzil-a em erro.

— Garanto-lhe que terá uma leve pena; até, nenhuma, se me disser a verdade. Isso depende absolutamente da queixa apresentada pelo Lord Malcolm, e eu affirmo-lhe que, se a senhora nos denunciar os criminosos, elle a deixará absolutamente tranquilla.

Toda ella tremia.

— Estou innocente do crime, repetio soluçante. Eu só disse á lady Mary que conhecia ha muito tempo, que ella devia dar-nos dinheiro, para não lhe devassarmos os erros da sua vida, se queria continuar a usar o seu nome e o seu titulo...

— Como? Ninguem póde tirar o titulo a uma lady. Ella era a legitima esposa de lord Malcolm.

— Isso é que não era! Está enganado, respondeu Elvira triumphante. Quando tinha dezesseis annos casou secretamente. O marido partira para a Australia. Nunca mais soube noticias delle e julgou-o morto. Mas um bello dia o homem voltou! E o lord por isso, não era o verdadeiro esposo da bella Mary!

— Deus do céo! Ahi está a explicação daquellas cartas! pensou Sherlock.

E continuou em voz alta:

— Tudo isso é muito bonito, mas nada tem que ver com o crime. As cartas que o primeiro marido lhe escrevia foram, sem duvida, o tormento em que vós outros entalastes a pobrezinha, não é verdade?

— Não só ella, mas tambem o lord. Mary fez-lhe crer que essas cartas provinham de um seu antigo amante. Mas, a respeito do primeiro marido, nada lhe disse, com receio de perder o lord. Amava-o, e preferia continuar a ser lady Mary Malcolm a ser mulher de um miseravel athleta.

— E esse marido vive em Londres?

— Não sei, nunca mais o vi. As cartas que eu levava a Mary, dava-m'as Lovell, que nunca quiz dizer-me mais do que o que lhe contei.

— E quem commetteu o crime, foi o marido?

Elvira cerrou os labios e calou-se.

Sherlock consultou o relogio e disse negligentemente:

(Continúa na pag. seguinte)

CHROMO

Aquella casa do monte,
Que tantas vezes já viste,
Tem, bem na frente, uma fonte,
Que desafia um canto triste.

Venha a noite, o sol desponte,
Pobre cozinha!, persiste
Fechada e só, no horizonte,
Eu não sei, mas algo existe.

Sei de uma alma que, na vida,
Não ha ninguem que lhe aponte
Um momento de alegria.

Como a cozinha perdida
Vive só, bem como a fonte
Chora e canta todo dia.

J. Pires Wynne

— Preciso sahir. A senhora vae esperar-me num outro quarto, naturalmente. Quando eu voltar, se me não disser a verdade, nem Deus a salvará.

«Pense bem no que lhe digo. Vou ao palacio Malcolm.

Levou Elvira, que não podia defender-se, para o quarto n. 29, poz dois homens á porta, que aferrolhou por um grande excesso de prudencia.

— Se Ellen Brewer vier, digam-lhe que miss Elvira sahiu. Não lhe consintam receber cartas, nem visitas.

Em vez de se dirigir directamente ao palacio Malcolm, Sherlock Holmes passou pelo café Walter.

Estava vazio: nem Lovell nem os seus acolytos. Não fazia isto nada ao caso, porque ás 5 horas teria em sua casa a historia minuciosa do que tinham dito e feito.

Ainda se interrompeu no caminho para entrar na delegacia de policia para onde havia telephonado.

O moço de recados n. 4628 esperava com impaciencia o que poderiam querer delle.

— Optimo! Em menos de um instante, estará livre, se me disser quem foi que lhe entregou uma carta, para miss Brewer, que você levou ao Hotel do Globo.

— Um homenzinho sem barba nenhuma. Elle estava deitado e da sua mão é que eu recebi essa carta. Habita na Regent-street, num grande bazar de duas entradas...

— Bem sei, respondeu o policia. E' um quarto mobiliado, no segundo andar, á esquerda, não é?

— E', sim, senhor.

— Está bem. Póde o meu amigo ir com Deus. Tome lá um bom charuto para se esquecer do susto que apanhou.

O policia esfregou as mãos, e voltando-se para o chefe de serviço:

— Que idiota que me sahiu esse barão Balliéres! Ir alojar-se na casa de um typo desses... Já lá se tem apanhado mais de uma peça de caça grossa. O mesmo vae acontecer ao nobre barão, não tardará nada.

Alguns guardas, munidos de um mandado de prisão, foram mandados á tal casa.

— O enredo não foi mal engenhado, não, senhor, murmurou o detective. Esta pobre Mary foi victima de uma machinação infernal. A carta do nobre gentil homem era suggestiva a valer.

Um quarto de hora depois, subia o policia a escadaria do palacio Malcolm.

Encontrou o dono da casa, pallido e abatido, no seu gabinete de trabalho, que elle percorria, em todos os sentidos, incessantemente.

Betsy disse-lhe que o lord, desde a vespera não descançava de andar assim, monologando, quasi constantemente em voz baixa, o que nunca tinha feito até ali.

— Estou com medo, disse a serva, que mylord perca o juizo.

— Não se assuste. Trago-lhe noticias, que lhe hão de fazer bem. Diga-lhe que desejo falar-lhe.

Muito impaciente, o lord fixou-o com os seus olhos fundos.

— Já o apanhou, perguntou elle, em voz soturna.

— Creio que o prenderemos ainda hoje.

A figura do lord como que toda se illuminou. Entrementes, Sherlock Holmes, tratava de desembaraçar-se das festas de um cãosinho, que, até ali, não se desenrolara de cima de um fauteuil.

Era o galguinho de lady Mary, de que se não lembravam, desde a noite terrivel, e cujos gemidos sentidos deram signal de si no salão verde.

Quando viu o cão, Sherlock Holmes mostrou certo contentamento.

— V. ex. não tem deixado Dick procurar pela casa?... Ainda elle não descobriu nada?

— Não tenho pensado no cão, respondeu o lord. Quiz ficar aqui e eu o deixei.

«Levou o dia inteiro a chorar ao pé... da dona.

— Dê-me licença que eu dê um giro com elle. Não me demorarei nada.

— Conte-me, primeiro, as noticias que sabe, senhor Holmes.

— Noticias, só tenho esta: já sabemos quem foram os ladrões que apanharam o dinheiro a Lady Mary. O assassino, ainda não se conhece!

E Sherlock sahiu do gabinete levando comsigo Dick.

CAPITULO IX

AS ULTIMAS MALHAS DA REDE

— Busca! busca!... dizia elle para o animalsinho, que o olhava com olhos vivos. Onde está o Pedro? Busca o Pedro.

O cão entrou a ganir e a saltar. Tinha comprehendido. Betsy descia a escada neste momento.

— O cãosinho gostava de Pedro?

— Se gostava! Pedro tratava mais do cão que da propria lady. Olhe: antes de mylord o levar para o seu gabinete, levou elle horas e horas a ladrar ao pé da porta de Pedro, veja lá!

— Onde estava Dick na noite do crime?

— Levamol-o todas as noites para o salão de guarda. O pobre não deu signal de alguem por ali passar, e talvez não passasse ninguem!

Sherlock Holmes agradeceu, e continuou a excitar o bichinho.

Sem ajuda estranha, o animal trepou ao quarto do creado. Sherlock Holmes abriu a porta. Mas, as creadas já tinham arranjado o quarto... Dick rodeou por duas ou tres vezes a estancia, e sahiu.

Depois, parou obstinadamente defronte da entrada do celeiro.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 48$000
Semestre (26 ») .... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 70$000
Semestre (26 ») .... 86$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) .... 78$000
Semestre (26 ») .... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) .... 115$000
Semestre (26 ») .... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
Comptoir Internacional de Publicité Garçon & Levindray
Rue Trenchet, 9 — França — Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$500

ORF-LÉN
TINJE
CABELLOS BRANC
nas seguintes côres:
Louro
Bronzeado claro
escuro
Castanho claro
natural
bronzeado
pouco escuro
escuro
Prêto